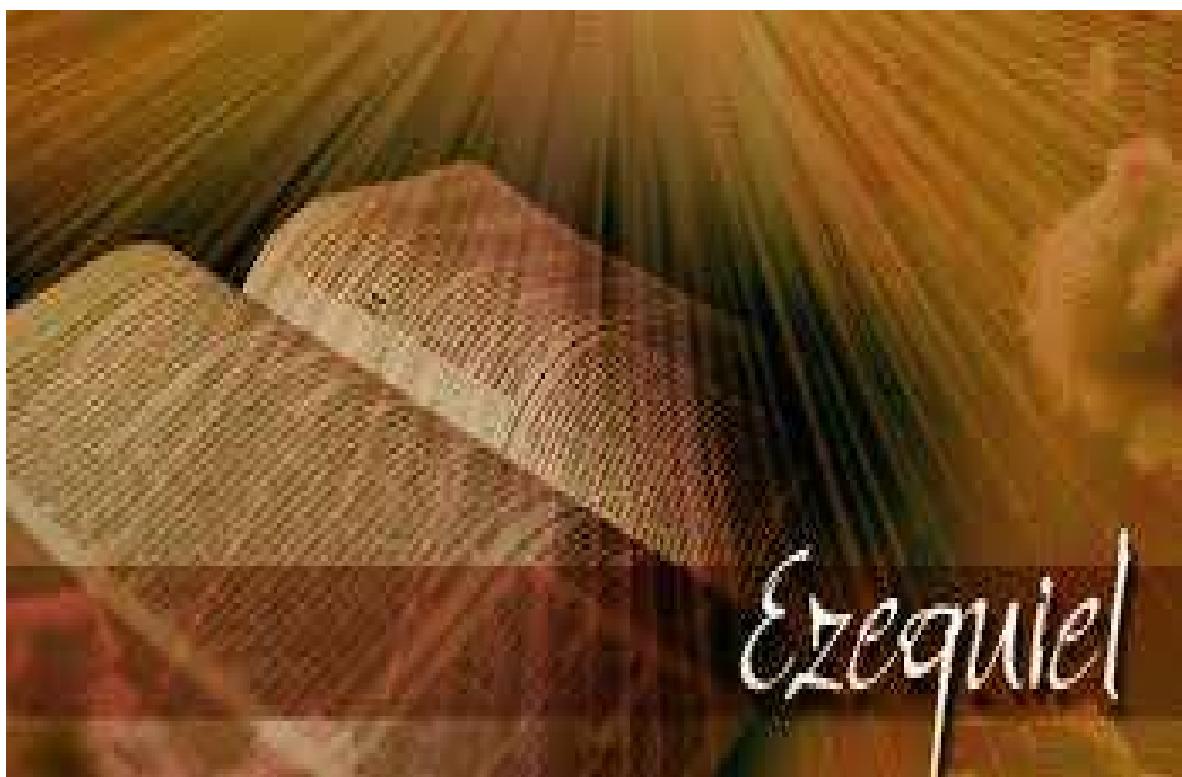


Estudos Bíblicos no Livro do Profeta



Rev. Olivar Alves Pereira

www.noutesia.org



Introdução

Iniciamos mais uma série de estudos num daqueles profetas conhecidos como “Profetas Maiores”. Seu nome é Ezequiel, cujo significado é “Deus fortalece”, “Deus dá força”, “Deus ajuda”. Pronunciar o nome desse profeta naquelas circunstâncias era um testemunho da ação de Deus na vida do Seu povo. Por isso tema central do livro é: **A visão da glória de Deus em tempos de dor.**

Um pouco da História

No ano 597 a.C., quando Nabucodonosor, rei da Babilônia estava no auge do seu império, pois, havia pouco tempo que ele subjugara a Assíria e fez com que a Babilônia se tornasse o grande império da vez, ele invadiu Judá (sul da Palestina) e numa sequência de ataques devastou a terra, saqueou e destruiu o templo de Jerusalém, e ainda, levou boa parte dos judeus como escravos para a Babilônia, feito este que ficou conhecido como o Cativeiro Babilônico que durou exatos 70 anos como havia sido profetizado por Jeremias (Jr 25.12; 29.10).

Neste primeiro ataque de Nabucodonosor à Jerusalém, ele levou consigo o rei dos judeus, Joaquim, filho de Jeoaquim que falecera um pouco antes da invasão. Neste primeiro grupo de deportados estavam a família real, os principais cidadãos e artesãos do povo, e o próprio Ezequiel (2Re 24.14). Sua esposa veio a falecer pouco tempo antes do segundo ataque ocorrido em 586 a.C. (Ez 24.15-18).

Ezequiel era de uma linhagem sacerdotal (1.3). Normalmente, um sacerdote iniciava seu ministério aos 30 anos de idade. Porém, quando Ezequiel deveria iniciar seu ministério sacerdotal ele se encontrava exilado na Babilônia (1.100 km de distância de Jerusalém). Ele fora levado como escravo para a Babilônia quando tinha em torno de 26 anos de idade, quando Deus o chamou para outro ofício: o de profeta¹. Ele sofreu junto ao povo as agruras do cativeiro, e nunca voltou da Babilônia. Seu ministério profético durou algo em torno de 23 a 25 anos. As circunstâncias da sua morte nos são desconhecidas.

Autor e Autoria

Apesar de logo no início do livro Ezequiel se identificar como o autor do mesmo, tal foi questionado em 1920 por alguns eruditos do Antigo Testamento, pois, conforme estes, o livro parece ter sido escrito por mais de uma pessoa. A parte do livro que é repleta de poesia foi creditada ao profeta Ezequiel, e a parte histórica a outra pessoa que viveu após o cativeiro. Contudo, todo esse questionamento mostrou-se inconsistente, e a autoria do livro é creditada a “Ezequiel, filho de Buzi, o sacerdote” (1.3).

Ezequiel sempre é chamado de “filho do homem”, expressão esta que o designa como um ser humano, um mero mortal, enfatizando assim a sua fragilidade e sua insignificância se comparadas com a transcendência de Deus.

A Mensagem do Livro

O livro de Ezequiel faz parte de um conjunto literário conhecido como “Literatura Apocalíptica”, ou seja, em tempos de sofrimento e dor, Deus levantava um servo Dele para trazer ao Seu povo uma mensagem exortativa, corretiva e acima de tudo de esperança no Seu agir em favor do Seu povo. Outros escritos apocalípticos são: Dn 7 - 12 e o livro de Apocalipse.

¹ Cf. Bíblia de Estudo de Genebra, p.927.

Ezequiel antecipa muitos temas que surgirão nos Evangelhos, como por exemplo: o bom pastor, o rio da vida, a cidade santa, entre outros temas.

Assim como Jeremias e João Batista, Ezequiel chama o povo para o arrependimento (33.11). Este apelo tanto foi feito individual quanto coletivamente. Ele também aponta a responsabilidade individual tendo em vista que o povo punha a culpa do sofrimento em fatores hereditários ou no meio ambiente (nada muito diferente em nossos dias).

Outro assunto que se destaca no livro de Ezequiel é o chamado à santidade. Deus é santo e confere santidade ao Seu povo e por isso mesmo exige essa santidade do mesmo. Ezequiel lembrou o povo de que Deus exigia santidade e separação mesmo estando cercado por uma cultura totalmente corrompida e pagã, a babilônica. Em nossos dias quando a filosofia “do meio ambiente influencia o homem” contrapondo-se ao que a Bíblia declara que “não devemos ceder ao meio, mas, sim, influenciarmos” tem se alastrado até mesmo dentro das igrejas, a mensagem de Ezequiel é sobremodo atual mostrando-nos que não somos resultado do meio em que vivemos, mas, sim o meio em que vivemos é resultado das ações dos homens, e que, além disso, o chamado de Deus para nós é o de nos mantermos firmes e puros mesmo estando numa cultura depravada.

Justamente por essa mensagem sobre a santidade e pureza do povo de Deus, Ezequiel é chamado de “o pai do judaísmo”, por enfatizar a separação física e a pureza cerimonial e cultural, sinais exteriores do judaísmo².

Assim como Isaías, Ezequiel foi um profeta fortemente impactado pela santidade de Deus. Tendo uma percepção tremenda da santidade de Deus associada à apreciação da vontade de Deus de Se fazer conhecido e Se revelar ao mundo por meio de Sua graça perdoadora, Ezequiel assim como Isaías, vê o Juízo de Deus como que parece destoar do Seu caráter amoroso. Contudo, quando ele vê o povo provocando a ira de Deus e de forma iníqua se recusa a obedecer a Deus, o profeta vê o Juízo de Deus como expressão da Sua santidade. Assim, quando Deus julga os homens, lembra-lhes de que trocaram Sua santidade pelo pecado. Ele jamais deixará isso passar impune. Enquanto Deus exercia Seu julgamento e juízo sobre o Seu povo através do cativeiro, o mesmo sentia-se desamparado, e até mesmo duvidando do amor de Deus ou do Seu poder para interromper todo aquele sofrimento. Ezequiel então lembrou o povo de que a situação não mudaria antes de se cumprir tudo o que Deus havia previamente estabelecido. Mas, Ezequiel também trouxe a mensagem de esperança para o povo mostrando-lhe que Deus haveria de agir em favor deles no tempo certo. No Cap.39.28, o profeta declara a finalidade do cativeiro: trazer o coração do povo de volta a Deus.

Conteúdo do Livro

Em nossos estudos seguiremos o seguinte esboço geral³:

I - O chamado de Ezequiel	(1.1 - 3.27)
II - Os exilados são advertidos da condenação de Jerusalém	(4.1 - 7.27)
III - Jerusalém é revistada	(8.1 - 11.25)
IV - A queda de Jerusalém descrita e predita	(12.1 - 15.8)
V - Alegoria e evento	(16.1 - 19.14)
VI - Os últimos dias de Jerusalém	(20.1 - 24.27)
VII - Oráculos contra nações pagãs	(25.1 - 32.32)
VIII - A esperança de restauração	(33.1 - 37.28)

² Cf. BRUCE, 2012, p.777.

³ Seguiremos aqui o esboço que F.F. Bruce propõe em seu comentário de Ezequiel.

IX – Gogue e Magogue(38.1 – 39.29)
X – A nova comunidade(40.1 – 48.35)

Para refletir

- 1) Deus levantou Ezequiel no momento em que o povo estava sofrendo o castigo de seus pecados; Deus não desamparou o Seu povo, antes, deu-lhe seu consolo através de Ezequiel.
- 2) Ezequiel não fazia distinção e acepção de pessoas ao entregar sua mensagem. Também apontou a responsabilidade individual.
- 3) A santidade é o princípio, o distintivo da vida cristã. É impossível servirmos a Deus sem santidade.

Para semana que vem estude

I – O chamado de Ezequiel(1.1 – 3.27)
(Parte I)

- 1.1. As circunstâncias do chamado de Ezequiel.....(1.1-3)
- 1.2. A primeira visão que Deus lhe concedeu.....(1.4-28a)
- 1.3. O comissionamento do profeta(1.28b – 3.15)
- 1.4. Ezequiel, a sentinel...(3.16-21)
- 1.5. A mudez de Ezequiel(3.22-27)

Enquanto estudar responda a essas questões

- 1) O que Ezequiel viu em cada uma das três visões do Cap.1?
Os quatro querubins, as quatro rodas e a glória de Deus.
- 2) Como o povo de Israel é descrito no Cap. 2.5-7?
Como casa rebelde.
- 3) Que ordem Deus deu a Ezequiel no Cap.2.8?
Que ele não se rebelasse e desobedecesse a Deus como o restante do povo fez.
- 4) Quantos dias Ezequiel ficou atônito sem falar quando esteve com os judeus às margens do rio Quebar (3.15,16)?
Sete dias

Memorizando a Palavra

Ez 3.10

“Ainda me disse mais: Filho do homem, mete no coração todas as minhas palavras que te hei de falar e ouve-as com os teus ouvidos”.



Ezequiel 1 – 3 (Parte I)

Todos os profetas do SENHOR Deus têm uma característica que lhes é comum e que sem ela não podem ser chamados de “Profetas do Deus Altíssimo”, a saber, o chamamento divino para exercer tal ofício. Isto aconteceu com Ezequiel e é disso que tratam os três primeiros capítulos do seu livro: **O Chamado de Ezequiel**.



Visão Geral do Texto

Nestes três capítulos temos os fatos referentes ao chamado de Ezequiel para exercer o ministério profético junto ao povo de Judá quando este estava exilado na Babilônia. Em meio a toda aquela tristeza, dor e sentimento de abandono, Ezequiel recebe da parte de Deus a visão da Sua glória (Cap.1), fato este que encheu o seu coração de coragem e esperança também. Uma vez chamado por Deus (Cap.2), o profeta recebe outra visão (Cap.3) de um livro em forma de rolo (os livros eram assim confeccionados naqueles tempos) no qual estava a Palavra de Deus e o qual deveria ser devorado pelo profeta. Em seguida, o SENHOR Deus comissiona o profeta, ou seja, dá especificações do seu chamado e ministério profético.



Aprofundando no Texto

I – O chamado de Ezequiel (1.1 – 3.27)

1.1. As circunstâncias do chamado de Ezequiel (1.1-3)

Falando na terceira pessoa do singular, Ezequiel narra os fatos concernentes ao seu chamado que se deu “**no trigésimo ano, no quinto dia do quarto mês**”. Este é o mês de *tamuz* que corresponde à última semana de julho e as primeiras de agosto. O quinto dia era precisamente o dia 31 de julho. E o ano é de 593 a.C., quando Ezequiel estava com trinta anos de idade, ocasião em que ele deveria começar seu ofício sacerdotal, mas, o SENHOR Deus o chamou para o ofício profético.

As circunstâncias não eram nem um pouco animadoras. Eles estavam no cativeiro às margens do rio Quebar, que ficava uns 95 quilômetros ao norte da Babilônia. Em meio àquela visão de dor e sofrimento, a Ezequiel “**veio expressamente a palavra do SENHOR**” por meio de visões e ali “**esteve sobre ele a mão do SENHOR**” (v.3).

1.2. A primeira visão que Deus lhe concedeu (1.4-28a)

Essa primeira visão compõe-se de três partes: a dos quatro seres viventes (1.4-14), a das quatro rodas (1.15-25) e da glória do trono de Deus (1.26-28). O simbolismo do número 4 aqui aponta para a totalidade da Criação, visível e invisível, do mundo material e do espiritual.

Devemos tomar muito cuidado ao interpretar essa visão para não afirmarmos o ridículo⁴. O comentarista F.F. Bruce faz uma afirmação esclarecedora:

Mas a lição principal transmitida pela visão é clara: o Deus de Israel não está preso ao seu templo em Jerusalém. O seu trono, equipado com rodas e suspenso pelos querubins, é móvel; ele pode manifestar – e de fato manifesta – sua presença a Ezequiel na Babilônia tão facilmente

⁴ Em nossos dias, ufólogos usam este texto para dizer que a Bíblia fala de alienígenas que visitaram a Terra, os quais o profeta Ezequiel viu aqui.

como a havia manifesto, por exemplo, a Isaías em Jerusalém (Is 6.1ss); ele é o Deus do céu e da terra.

Esse é o significado de todas essas três visões como fica bem claro em Ez 1.28. Deus estava mostrando para Ezequiel que o Seu domínio não está restrito a um lugar ou circunstância – não era porque estavam no cativeiro que Deus havia perdido o domínio sobre eles e sobre todos. O cativeiro era propósito de Deus e tinha de se concretizar.

No v.4 Ezequiel menciona uma tempestade. Uma nuvem repleta de raios e relâmpagos. Essa foi uma das principais formas da manifestação da presença de Deus ao Seu povo (Êx 19.16-18; 1Rs 19.11,12; Sl 18.7-15; 68.7-10). Em toda a Escritura as nuvens quando empregadas em relação à glória de Deus significam a manifestação de Sua glória. É por esse motivo que a Bíblia diz que Jesus voltará por entre as nuvens.

Os seres viventes (1.5-14)

Estes eram querubins (veja Ez 10.1). Deus sempre foi conhecido como Aquele que tem Seu trono entre os querubins (1Sm 4.4; Sl 80.1; 99.1). Cada um deles tinha quatro rostos e quatro asas (v.6), suas pernas eram “direitas”, isto é, retas, embora seus pés pareciam cascos de boi que brilhavam como “bronze polido” (v.7). A aparência deles era de “carvão em brasa”, ou seja, expressavam santidade. Não devemos nos prender nos detalhes aqui, tão somente lembramos que a descrição dos quatro rostos aqui sempre é associada à pessoa e caráter de Cristo apresentado nos quatro Evangelhos: Mateus apresenta Cristo como o Rei (figura do leão); Marcos, como o Servo sofredor (figura do boi); Lucas, como Homem Perfeito (figura do homem); e João O apresenta como Deus (figura da águia).

As quatro rodas (1.15-25)

Da mesma forma não devemos nos deter nos detalhes descritos aqui. O significado dessas rodas é a onipresença, onisciência e onipotência de Deus, pois, o Seu trono e Sua glória se movimentam livremente para onde Deus quiser (cf. v.19,20). Uma “roda dentro da outra” traz a ideia de algo que se movimenta em qualquer direção. Temos aqui a onipresença de Deus. Elas eram “brilhantes” o que aponta para o fulgor da glória de Deus, glória esta que mete medo no coração do pecador, como aconteceu com Ezequiel ao ver “suas cambotas eram altas, e metiam medo”. Essas rodas “eram cheias de olhos ao redor”, o que aponta também para a onisciência de Deus.

O firmamento sobre a cabeça dos seres viventes é muito parecido com o que o apóstolo João viu em Apocalipse (Ap 4.6; 15.2). A única diferença é que Ezequiel o viu de baixo e (v.23), João de cima. De acordo com Êx 24.10, este firmamento era o estrado dos pés de Deus.

No v.24 temos a onipotência de Deus, pois, aqui Ezequiel ouviu “a voz do Onipotente”. E quando a voz de Deus se fez ouvir, os seres viventes abaixaram suas asas e em reverência a Deus, pararam (v.25).

A visão da glória de Deus (1.26-28a)

Novamente aqui, as semelhanças da visão de Ezequiel com a de João no Apocalipse são impressionantes. O profeta ao olhar para aquilo que ele entendeu ser o trono de Deus, viu “sentada uma figura semelhante a um homem”. Comentando este versículo F. F. Bruce diz:

Se o homem foi feito à imagem de Deus (Gn 1.27), então não é inapropriado que, na falta completa de menção da aparição de Deus, ele fosse retratado antropomorficamente, ao menos da linguagem da analogia experimental.

Em outras palavras, Deus se revelou a Ezequiel de uma forma que o profeta pudesse entender, ou pelo menos assimilar ainda que vagamente o que estivesse vendo. Contudo, não devemos em momento algum fazer, nem mesmo mentalmente, qualquer representação do ser de Deus. Fomos claramente proibidos disso em Ex 20.4,5.

O objeto que o profeta viu parecido como o arco-íris aponta para a aliança de Deus com o Seu povo (Gn 9.12-17).



Para refletir

- 1) Em tempos de sofrimento e angústia não podemos nos esquecer que a sobre nós está a mão de Deus, ou seja, ainda que tudo ao nosso redor esteja em ruínas e em desespero, devemos entender que Deus está no controle de tudo.
- 2) Porque Deus está no controle, os Seus filhos nunca serão desamparados por Ele (2Co 4.8,9).

Para semana que vem estude

I – O chamado de Ezequiel(1.1 – 3.27)

(Parte II)

- 1.3. O comissionamento do profeta(1.28b – 3.15)
- 1.4. Ezequiel, a sentinela(3.16-21)
- 1.5. A mudez de Ezequiel(3.22-27)



Enquanto estudar responda a essas questões

- 1) Como o povo de Israel é descrito no Cap. 2.5-7?
Como casa rebelde.
- 2) Que ordem Deus deu a Ezequiel no Cap.2.8?
Que ele não se rebelasse e desobedecesse a Deus como o restante do povo fez.
- 3) Quantos dias Ezequiel ficou atônito sem falar quando esteve com os judeus às margens do rio Quebar (3.15,16)?
Sete dias

Memorizando a Palavra

Ez 3.10

“Ainda me disse mais: Filho do homem, mete no coração todas as minhas palavras que te hei de falar e ouve-as com os teus ouvidos”.



Ezequiel 1 – 3 (Parte II)

4) Como o povo de Israel é descrito no Cap. 2.5-7?

Como casa rebelde.

5) Que ordem Deus deu a Ezequiel no Cap.2.8?

Que ele não se rebelasse e desobedecesse a Deus como o restante do povo fez.

6) Quantos dias Ezequiel ficou atônito sem falar quando esteve com os judeus às margens do rio Quebar (3.15,16)?

Sete dias



Visão Geral do Texto

Todos os profetas do SENHOR Deus têm uma característica que lhes é comum e que sem ela não podem ser chamados de “Profetas do Deus Altíssimo”, a saber, o chamamento divino para exercer tal ofício. Isto aconteceu com Ezequiel e é disso que tratam os três primeiros capítulos do seu livro: **O Chamado de Ezequiel**.

Uma vez chamado por Deus (Cap.2), o profeta recebe outra visão (Cap.3) de um livro em forma de rolo (os livros eram assim confeccionados naqueles tempos) no qual estava a Palavra de Deus e o qual deveria ser devorado pelo profeta. Em seguida, o SENHOR Deus comissiona o profeta, ou seja, dá especificações do seu chamado e ministério profético.



Aprofundando no Texto

I – O chamado de Ezequiel (1.1 – 3.27)

1.3. O comissionamento do profeta (1.28b – 3.15)

“**Esta era a aparência da glória do SENHOR; vendo isto, caí com o rosto em terra e ouvi a voz de quem falava**” (1.28). A reverência é o resultado imediato naqueles que foram impactados pela glória de Deus.

Deus chama Ezequiel (2.1-7)

Deus mandou Ezequiel se levantar e em seguida, ele foi tomado e enchido pelo Espírito Santo. Ezequiel recebeu de Deus então o chamado para ser profeta ao povo de Judá que estava escravizado na Babilônia. Era um povo rebelde (Ez 2.3,4). O profeta não recebeu nenhuma garantia de que o povo ouviria e atenderia à sua pregação (2.5). Ele não deveria temer às ameaças e à rebeldia do povo (2.6), tão somente deveria pregar a Palavra de Deus (2.7), para o que estava capacitado pelo Espírito Santo.

A segunda visão – o livro em forma de rolo (2.8 – 3.3)

Semelhante coisa aconteceu também com o apóstolo João (Ap 10.9,10). Em meio aos rebeldes, Ezequiel deveria se guardar para não ser rebelde também (2.8). A mensagem do livro era cheia de “**lamentações, suspiros e ais**”. Geralmente os pergaminhos eram escritos em apenas um dos lados. Mas, este que Deus deu a Ezequiel era “**escrito por dentro e por fora**” o que demonstra que não havia espaço para acréscimos humanos. Assim é o juízo de Deus: não precisa de acréscimos do homem; ele é completo.

O profeta precisava “digerir” antes a mensagem para depois entrega-la ao povo. Em sua boca, o livro “era doce como o mel”, e embora não tenha dito nada sobre o que ele sentiu depois de comê-lo, mas com certeza, à semelhança do que aconteceu com o apóstolo João, em seu estômago o livro se tornou amargo como o fel (veja Ap 10.8-11). Aquele não que não experimenta a Palavra de Deus em sua vida não pode proclamá-la a outros.

Para um povo que estava sofrendo, a mensagem que Ezequiel deveria lhe entregar da parte de Deus não seria nada fácil e agradável. Mas, o profeta deveria anunciar o que Deus lhe mandara.

Deus comissiona Ezequiel (3.4-15)

“Disse-me ainda: Filho do homem, vai entra na casa de Israel e dize-lhe as minhas palavras...” (3.4). Primeiramente, Deus chamou Ezequiel, e depois, o comissionou, ou seja, o enviou. Ninguém pode sair por aí pregando a Palavra de Deus sem que antes tenha sido chamado por Deus para isso fazer.

O público de Ezequiel era o seu povo (3.5,6,11). Este, não daria ouvidos ao profeta (3.7). Mas, diante de um povo de “fronte obstinada e dura” Deus faria com que o rosto de Ezequiel também se endurecesse (3.8,9) para confrontar aquele povo. Mas, o profeta não os confrontaria por si próprio e com seus recursos; ele faria isto capacitado por Deus, e, por isso mesmo, deveria ter a Palavra de Deus antes em seu coração para depois anunciar a eles (3.10).

Novamente, o Espírito de Deus levantou o profeta (3.12), e isso nos mostra que toda a obra e ministério de Ezequiel foi realizado pela capacitação de Deus. Dos v.12-16 vemos o relato de Ezequiel mais uma vez em contato com a glória de Deus. Para realizar tarefa tão difícil ele precisaria ter o tempo todo consciência da glória de Deus em sua vida. Deus usa aqueles cujos corações estão o tempo todo impactados com Sua glória.

1.4. Ezequiel, a sentinel (3.16-21)

O conteúdo desse parágrafo é repetido em 33.1-9. Assim que chegou junto ao povo (3.15), ele nada falou de imediato, mas, esperou por sete dias durante os quais ficou em silêncio observando atônito, a triste situação do povo.

Após os sete dias, Deus então lhe ordenou a que se colocasse como atalaia junto ao povo e lhe anunciasse a Sua vontade. As seguintes situações e consequências poderiam acontecer:

- ✓ Se Ezequiel se calasse o povo pereceria, e o resultado seria que Deus acertaria contas com o profeta (3.18);
- ✓ Se Ezequiel pregasse a Palavra de Deus e o povo não desse ouvidos, o povo pereceria, mas, Deus não cobraria o sangue do povo das mãos de Ezequiel (3.19);
- ✓ Se um justo se desviasse da justiça e Ezequiel não o avisasse e ele viesse a morrer, Ezequiel seria culpado do sangue dele diante de Deus tanto quanto o transgressor;
- ✓ Se Ezequiel avisasse o justo que ele estava em iminente perigo de praticar a injustiça, e o justo se desviasse da injustiça, vivesse, Ezequiel estaria livre de culpa diante de Deus.

Temos sobre nós a mesma responsabilidade com relação à proclamação do Evangelho. Não somos culpados dos pecados dos outros, mas, seremos culpados por sermos negligentes se não os alertarmos dos seus pecados.

1.5. A mudez de Ezequiel (3.22-27)

Frequentemente, Deus usava atos simbólicos através de Seus profetas para comunicar Sua Palavra e vontade ao Seu povo. O casamento de Oséias, o vaso, a botija, e o cinto de linho de Jeremias. Aqui, Ezequiel após ter recebido mais uma visão de Deus num vale,

tão gloriosa quanto a descrita no Cap.1, o Espírito de Deus lhe ordenou que ele entrasse na sua casa ali na Babilônia, e ficasse ali quieto. Ele haveria de ser amarrado, e Deus o faria ficar mudo por um tempo após o qual, quando Deus lhe desse algo para ser falado ao povo, ele deveria transmitir, independentemente da resposta que o povo desse.



Para refletir

- 3) Um coração reverente em relação a Deus demonstra que foi impactado por Sua glória.
- 4) O chamado de Deus para os Seus filhos é para se manterem santos e puros no meio de um mundo pecaminoso.
- 5) Nós precisamos experimentar intensamente o Evangelho antes de transmiti-lo aos outros.
- 6) Devemos aprender o momento certo de abrir a nossa boca até mesmo com relação à pregação do Evangelho. Há momentos propícios para a proclamação do Evangelho; em outros, o silêncio deve ser observado. Quem nos dará a condição e o momento certo é o Espírito Santo.

Para semana que vem estude

II – Os exilados são advertidos da condenação de Jerusalém	(4.1 – 7.27)
2.1. Quatro atos simbólicos	(4.1 – 5.4)
Representação do cerco de Jerusalém em um tijolo.....	(4.1-3)
A vigília do profeta	(4.4-8)
O pão assado no esterco humano.....	(4.9-17)
A espada afiada e os cabelos do profeta	(5.1-4)



Enquanto estudar responda a essas questões

- 1) Qual o objetivo de Deus ao usar esses quatro atos simbólicos?
Representar o Seu juízo e julgamento contra o povo de Judá que estava na Babilônia.
- 2) Qual foi a resposta que Ezequiel deu a Deus quando Este o ordenou que comesse do pão assado sobre o esterco humano (4.14)?
Ezequiel se recusou a comer porque durante toda a sua vida ele se manteve puro não comendo nada que fosse impuro.
- 3) Esse fato ocorrido em 4.14 nos lembra que outro fato do Novo Testamento?
Quando Pedro se recusou a comer dos animais naquela visão do lençol que descia do céu, em At 10.9-16.

Memorizando a Palavra

Ez 4.17

“porque lhes faltará o pão e a água, espantar-se-ão uns com os outros e se consumirão nas suas iniquidades”.

Ezequiel 4.1 – 5.17



Perguntas da semana passada

- 4) Qual o objetivo de Deus ao usar esses quatro atos simbólicos?
Representar o Seu juízo e julgamento contra o povo de Judá que estava na Babilônia.
- 5) Qual foi a resposta que Ezequiel deu a Deus quando Este o ordenou que comesse do pão assado sobre o esterco humano (4.14)?
Ezequiel se recusou a comer porque durante toda a sua vida ele se manteve puro não comendo nada que fosse impuro.
- 6) Esse fato ocorrido em 4.14 nos lembra que outro fato do Novo Testamento?
Quando Pedro se recusou a comer dos animais naquela visão do lençol que descia do céu, em At 10.9-16.

Versículo da semana passada

Ez 4.17

“porque lhes faltará o pão e a água, espantar-se-ão uns com os outros e se consumirão nas suas iniquidades”.

II – Os exilados são advertidos da condenação de Jerusalém(4.1 – 7.27)

- 2.1. Quatro atos simbólicos(4.1 – 5.17)
 - Representação do cerco de Jerusalém em um tijolo.....(4.1-3)
 - A vigília do profeta(4.4-8)
 - O pão assado no esterco humano.....(4.9-17)
 - A espada afiada e os cabelos do profeta(5.1-4)
- 2.2. A explicação dos quatro atos simbólicos.....(5.5-17)



Visão Geral do Texto

No Cap.4.1 – 7.27 encontramos uma série de advertências do SENHOR Deus ao povo de Jerusalém quanto à iminente condenação que haveria de recair sobre o povo.

Aqui no Cap.4. – 5.4 temos quatro atos simbólicos através dos quais Deus mostrou a Ezequiel como Ele haveria de castigar o povo por sua desobediência.



Aprofundando no Texto

II – Os exilados são advertidos da condenação de Jerusalém (4.1 – 7.27)

2.1. Quatro atos simbólicos (4.1 – 5.4)

Temos aqui quatro atos simbólicos. Não foram visões como as que aconteceram no chamado o profeta. Deus ordenou a Ezequiel que fizesse coisas que representassem os Seus atos de justiça contra a idolatria de Judá.

Representação do cerco de Jerusalém em um tijolo e numa assadeira (4.1-3)

Deus ordenou que Ezequiel pegasse um tijolo e nele escrevesse (desenhasse) a cidade de Jerusalém. Ao redor desse tijolo ele deveria colocar “tranqueiras”, ou seja, empecilhos e objetos que ilustrassem o cerco que os inimigos faziam quando atacavam as cidades nos

tempos antigos. O profeta deveria fazer uma maquete da cidade com aquele tijolo e cerca-la com essas coisas para mostrar o que aconteceria com o povo.

Tijolos são feitos de barro e apontam para as origens da Babilônia (cf. Gn 11.3-9). Enquanto isso, Judá (e Israel) foram edificados sobre a Rocha, Deus. O simbolismo aqui é claro: assim como a Babilônia, o povo de Deus caiu em terrível idolatria. Porém, pior era a situação de Judá, pois, este conhecia a Verdade e caiu em idolatria e imoralidade ainda maior que a Babilônia (cf. 5.6,7).

Uma assadeira de ferro deveria ser colocada em torno do tijolo-maquete mostrando assim que a cidade de Jerusalém estaria isolada de todo tipo de socorro não só pelos lados, mas, por cima (nem de Deus viria o socorro para a cidade). Ezequiel ali representava o próprio SENHOR Deus evidenciando assim que o cerco de Jerusalém era obra de Deus acima de tudo. Esta situação nos lembra algumas passagens bíblicas:

Lc 12.48: “Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão”.

Is 43.13: “Ainda antes que houvesse dia, eu era; e nenhum há que possa livrar alguém das minhas mãos; agindo eu, quem o impedirá?”.

A vigília do profeta (4.4-8)

Deus ordenou a Ezequiel que primeiro se deitasse ao lado da maquete de Jerusalém naquele tijolo sobre seu braço esquerdo por 390 dias como sinal do julgamento de Deus contra Israel e por 40 dias sobre o braço esquerdo como sinal do seu juízo contra Judá sendo que cada dia representava um ano, assim para Israel o julgamento era de 390 anos e para Judá 40 anos.

Não encontramos nenhuma explicação satisfatória para o número total. Para complicar ainda mais, na Septuaginta (versão grega do Antigo Testamento) em vez de 390 dias aparece 190 dias. Contudo, os textos hebraicos não dão base para 190 dias, mas, 390 dias. Não devemos nos prender aos números aqui, mas, somente ter em mente que o castigo de Deus teria começo, meio e fim; tinha um tempo definido para acontecer e acabar. Além disso, devemos atentar para o fato de que o profeta não era apenas um que proclamava “de fora” da situação, mas, ele próprio deveria pôr sobre si e carregar **“a iniquidade da que de Israel...”** (v.4) e levar sobre si **“a iniquidade da casa de Judá”** (v.6). Um profeta de Deus, um pregador do Evangelho sofre juntamente com o povo de Deus quando este sofre as consequências de seus pecados.

O pão assado no esterco humano (4.9-17)

Estes versículos tratam da escassez de alimentos resultante do cerco, durante o qual toda comida e água seriam racionadas. A princípio, o profeta devia usar esterco de homem para assar os pães, mas depois recebe permissão de usar esterco de vacas, um combustível mais comum. Este capítulo retrata o cerco e o respectivo desconforto, a fome e a contaminação resultantes do pecado de Judá e do fato de haver se afastado de Deus⁵.

O racionamento de alimento era tão terrível que as porções de alimento e água aqui equivalem a 240 gramas de um pão feito da mistura de vários tipos de cereais (v.9), e a medida de água para o dia era de meio litro de água⁶.

⁵ MAC DONALD, 2011, p.705.

⁶ Um siclo pesava 12 gramas, logo, 20 siclos são 240 gramas. Um *him* é igual a 3 litros de águas, logo, 1/6 de um *him* é 500 ml.

É muito comum naquelas regiões desérticas o esterco bovino ser utilizado para combustível. Para assar um pão, primeiramente eles punham fogo no chão ou numa pedra e depois de bem quente o local a cinza era removida e a massa crua era aberta sobre o local aquecido. Assim eles assavam seus pães e bolos. Comer um pão feito num fogo cujo combustível era o esterco humano era nojento e repugnante (cf. Dt 23.12-14). Mas, como o gado já havia acabado (pois, serviu de alimento), os únicos seres vivos que produziam esterco (e mesmo assim, racionado!) eram os seres humanos. Deus em Sua misericórdia para com Ezequiel lhe deu esterco bovino livrando Seu servo de tal situação (v.15).

As palavras de Ezequiel no v.14 ecoam as de Pedro em At 10.14 diante daquela visão do lençol cheio de animais puros e imundos dos quais Jesus ordenou que Pedro comesse.

No v.16 Deus descreve o racionamento. Comer pão **“por peso”** e com ansiedade beber água **“por medida e com espanto”** indica que o que era feito com abundância e regalo agora seria comedido. Tudo isso era o resultado das iniquidades do povo.

Para quem acha que Deus não castiga Seus filhos desobedientes, eis aqui uma prova irrefutável de que Ele assim o faz.

A espada afiada e os cabelos do profeta (5.1-4)

Ele deveria dividir seu cabelo e barba em três porções. Uma parte seria queimada, mostrando que a terça parte do povo morreria de pestilência e fome; a outra terça parte deveria ser cortada ao fio da espada, simbolizando assim para a terça parte da população morreria ao fio da espada quando a Babilônia invadisse Jerusalém. Por fim a outra terça parte deveria ser espalhada ao vento simbolizando assim que a última terça parte do povo seria dispersa entre as nações. Porém, um punhado deveria ficar e ser atado nas abas das suas vestes, simbolizando assim, um pequeno grupo que continuaria na terra. Talvez aqui esteja uma referência àquele grupo de camponeses e vulneráveis que ficaram em Judá a mando de Nabucodonosor. O v.4 parece descrever aquela rebelião de Ismael contra Gedalias na qual muitos dos que ficaram em Judá ainda foram mortos (cf. Jr 40.13 – 41.10).

2.2. A explicação dos quatro atos simbólicos (5.5-17)

Nestes versículos, o SENHOR Deus explica a razão desses atos que simbolizavam o Seu juízo com Israel e Judá. Apesar de desfrutar de grandes privilégios como povo de Deus, Israel e Judá se portaram muito pior do que as nações pagãs (v.6), e justamente por tão desonroso comportamento Deus os puniu severamente (v.7). Nesta punição eles experimentaram a presença do próprio SENHOR Deus exercendo o juízo (v.8). Pode haver juízo pior e mais horrível que este?

Uma vez que o povo se entregou à abominação da idolatria, horrores como o do canibalismo seriam vistos entre eles (v.10). Esse canibalismo também é mencionado em Lm 4.10.

“Portanto, tão certo como eu vivo” (v.11), isso mostra que o juramento de Deus tem como base a Sua própria existência. Nada pode ser mais solene. Essas palavras também ressaltam o fato de que o povo ao abandonar a Deus para seguir atrás de deuses falsos estava negando a existência de Deus. Mas, toda a profanação que os judeus cometiam contra Deus não ficaria impune. Os judeus seriam terrivelmente humilhados entre as nações (v.14-17).



Para refletir

- 1) Ressaltamos aqui o envolvimento do profeta no sofrimento do povo. Ele não participou da idolatria e desobediência do povo; ele permaneceu fiel a Deus e anunciou a Palavra de Deus ao povo. Contudo, o profeta sentiu na pele a dor que

o povo sentiu, e, embora tenha tido o cuidado de Deus sobre a sua vida (como vemos no caso do esterco de vacas), o profeta sofreu com o povo. Essa identificação é muito importante na comunicação da Palavra de Deus. Devemos nos identificar com a dor das pessoas enquanto não nos envolvemos em seus pecados. A identificação que contribui com a pregação da Palavra é aquela que não se descuida da santidade de vida.

2) Como cristãos, temos privilégios ainda maiores do que os judeus. Que o Senhor nos conceda graça para não usá-los indevidamente e, desse modo, atrair sobre nós juízo divino.

Para semana que vem estude

II – Os exilados são advertidos da condenação de Jerusalém(4.1 – 7.27)
2.3. A idolatria de Israel é novamente denunciada.....(6.1-14)
2.4. O dia da ira do SENHOR(7.1-27)



Enquanto estudar responda a essas questões

1) O que o SENHOR Deus prometeu destruir em 6.4?

Os altares de idolatria do povo

2) Qual foi a causa dessa idolatria? (6.9)

O coração dissoluto (fingido) do povo.

3) A que Deus compara aqueles alguns poucos que fugiram para os montes no dia do Seu juízo? (7.16)

Comparou a pombas

Memorizando a Palavra

Ez 7.2

“Ó tu, filho do homem, assim diz o SENHOR Deus acerca da terra de Israel: Haverá fim! O fim vem sobre os quatro cantos da terra”.

Ezequiel 6.1 – 7.27**Perguntas da semana passada**

4) O que o SENHOR Deus prometeu destruir em 6.4?

Os altares de idolatria do povo

5) Qual foi a causa dessa idolatria? (6.9)

O coração dissoluto (fingido) do povo.

6) A que Deus compara aqueles alguns poucos que fugiram para os montes no dia do Seu juízo? (7.16)

Comparou a pombas

Versículo da semana passada

Ez 7.2

“Ó tu, filho do homem, assim diz o SENHOR Deus acerca da terra de Israel: Haverá fim! O fim vem sobre os quatro cantos da terra”.

II – Os exilados são advertidos da condenação de Jerusalém(4.1 – 7.27)

2.3. A idolatria de Israel é novamente denunciada.....(6.1-14)

2.4. O dia da ira do SENHOR(7.1-27)

**Visão Geral do Texto**

No Cap.4.1 – 7.27 encontramos uma série de advertências do SENHOR Deus ao povo de Jerusalém quanto à iminente condenação que haveria de recair sobre o povo.

Nos Caps. 6 e 7, o profeta profetiza o fim da idolatria de Judá por meio da invasão babilônica que haveria de destruir toda a nação deixando para trás apenas um remanescente fiel, um grupo muito pequeno de fiéis que seriam poupadados por Deus dessa iminente invasão babilônica.

**Aprofundando no Texto**

II – Os exilados são advertidos da condenação de Jerusalém (4.1 – 7.27)

2.3. A idolatria de Israel é novamente denunciada (6.1-14)**Os montes de Israel (6.1-7)**

A expressão “Montes de Israel” (v.2,3) indicam não as montanhas de Israel, mas, sim, os lugares onde eles praticavam sua idolatria. Os *bamoth*, lugares altos, os outeiros e montes sempre eram procurados para atividades de culto aos ídolos e até mesmo a Deus. Porém, o culto que deveria ser exclusivo a Deus foi realizado também aos ídolos. A idolatria de Israel era sincrética, ou seja, ao mesmo tempo em que adoravam a Deus também adoravam seus ídolos. Tal coisa era uma ofensa terrível à santidade de Deus. Uns 30 anos antes de Ezequias, o rei Josias havia promovido uma profunda reforma religiosa expurgando toda a idolatria (2Rs 23.13,15,19,20). Mas, com sua morte, o povo voltou à essa prática abominável.

Tal idolatria acendeu a fúria de Deus que prometeu destruir tudo (v.4), e promover terrível matança (v.5) espalhando os ossos dos idólatras em seus altares profanando-os assim. E diante desse julgamento divino todos saberiam que o SENHOR é Deus (v.7).

O remanescente fiel (6.8-14)

Esse tema sempre esteve presente nos Profetas do Antigo Testamento, e de igual forma está presente no Novo Testamento, pois, o povo de Deus é composto somente dos fiéis, os quais sempre são um grupo pequeno, nunca a maioria. Como disse William MacDonald: “Em todas as eras, Deus preserva um remanescente para si; não a maioria moral, mas uma minoria desprezada”.

Quando se instalasse o cativeiro, esse remanescente fiel olharia para o seu pecado e teria nojo de si mesmo (v.9), e se humilharia diante do SENHOR Deus reconhecendo que Ele cumpre Suas promessas (v.10).

No v.11-4 vemos palavras reforçadas com atos (esfregar as mãos, bater os pés). Essas ações que às vezes indicam alegria malvada (p.ex. 25.6), mas, às vezes, como aqui, expressam confirmação da profecia divina. No v.13 novamente vemos Deus prometendo destruir todos os lugares usados para a prática da idolatria. No v.14 Deus promete não deixar lugar algum de abrigo. Não haveria lugar para eles se refugiarem.

Assim também será no Dia de Cristo Jesus. Só existe um meio de escaparmos da ira de Deus: correndo para os braços de Deus. Somente o remanescente fiel faz assim.

2.4. O dia da ira do SENHOR (7.1-27)

Este capítulo é comumente visto como um poema, ainda que não tenha a aparência de um. Ele consiste de três estrofes. Seu tema é a iminência da condenação de Israel. “**Haverá fim, vem o fim, despertou-se contra ti**” (v.6). Cada uma das três estrofes termina com a declaração característica de Ezequiel: “**Sabereis que eu sou o SENHOR**” (v.4,9,27).

Primeira estrofe (7.1-4)

O fim que virá indica o fim da paciência de Deus e o início do Seu julgamento. O golpe contra Israel vinha das mãos de Deus através da Babilônia. O fim viria sobre os quatro cantos da terra (v.2). O fim tem como característica a ira de Deus (v.3), e o olhar de Deus não seria de misericórdia (v.4).

Segunda estrofe (7.5-9)

“**Assim diz o SENHOR Deus...**” (v.5). Essa estrofe praticamente repete a anterior, reafirmando assim a intensidade do julgamento divino e o Seu furor contra o pecado.

Terceira estrofe (7.10-27)

A “sentença”, isto é, a condenação de Deus contra o povo. A vara da justiça havia florescido para castigar a soberba (v.10). A vara de Deus puniria a violência dos ímpios (v.11). Deus devastaria toda a multidão do povo (v.12) não sobrando ninguém dos ímpios (v.13).

Nos v.14-18 vemos que até os mais corajosos do povo seriam terrivelmente abatidos; seriam derrotados e lançados num profundo pavor e desespero. Em vez de coragem o que se veria neles seria vergonha e humilhação (v.18).

Nos v.19-22 os bens materiais seriam inúteis (v.19). Uma vez que o templo havia sido contaminado com ídolos, Deus o entregaria a estrangeiros, os babilônios, que o saqueariam e profanariam (v.20-22).

Nos v.23-27 a miséria afetaria todas as classes: o rei, os príncipes, profetas, sacerdotes, anciãos, e o povo em geral. O povo tinha fracassado em sua missão de testemunhar de Deus. Agora, daria testemunho por meio de seu julgamento. Trata-se de uma questão séria para reflexão. O juízo é completo: abrange todas as classes e toda a terra. A nação que rejeita o

conhecimento de Deus perde sua força moral e não tem como se sustentar quando enfrenta dificuldades. O mesmo princípio se aplica a indivíduos.



Para refletir

Deus nos chama neste mundo para sermos Seus remanescentes fiéis. Fazemos toda a diferença neste mundo quando somos diferentes do mundo!

Para semana que vem estude

III – Jerusalém é revistada (8.1 – 11.25)

3.1. A visão das abominações em Jerusalém (8.1-18)

3.2. O castigo sobre Jerusalém (9.1-11)



Enquanto estudar responda a essas questões

1) O que profeta Ezequiel viu no vale? (8.4)

A glória de Deus

2) Do que Deus chama a idolatria do povo (8.6)?

Abominações

3) Que ordem Deus deu ao “homem vestido de linho” (9.3)?

Que ele marcasse com um sinal na testa aqueles que sofriam em ver as abominações que eram praticadas em Jerusalém contra Deus.

4) O que deveria acontecer aos que não recebessem essa marca (9.5)?

Deveriam ser executados.

Memorizando a Palavra

Ez 9.10

“Também quanto a mim, os meus olhos não pouparão, nem me compadecerei; porém sobre a cabeça deles farei recair as suas obras”.

Ezequiel 8.1 – 11.25



Perguntas da semana passada

5) O que profeta Ezequiel viu no vale? (8.4)

A glória de Deus

6) Do que Deus chama a idolatria do povo (8.6)?

Abominações

7) Que ordem Deus deu ao “homem vestido de linho” (9.3)?

Que ele marcasse com um sinal na testa aqueles que sofriam em ver as abominações que eram praticadas em Jerusalém contra Deus.

8) O que deveria acontecer aos que não recebessem essa marca (9.5)?

Deveriam ser executados.

Versículo da semana passada

Ez 9.10

“Também quanto a mim, os meus olhos não pouparão, nem me compadecerei; porém sobre a cabeça deles farei recair as suas obras”.

III – Jerusalém é revisitada(8.1 – 11.25)

3.1. A visão das abominações em Jerusalém(8.1-18)

3.2. O castigo sobre Jerusalém(9.1-11)



Visão Geral do Texto

Dos acontecimentos narrados nos cap. 4 – 7 para os que estão aqui em 8 – 11 há um período de tempo de 14 meses conforme podemos deduzir das informações dadas em 8.1.

Deus com Sua poderosa mão veio sobre Ezequiel quando este se achava entre os exilados na Babilônia fazendo com que ele visse os acontecimentos de um futuro próximo aos seus dias com relação a Jerusalém. O que Ezequiel vê além de toda destruição pela qual passaria Jerusalém, deixou-o estarrecido: a Glória (Shekiná) de Deus abandonando a cidade.



Aprofundando no Texto

III – Jerusalém é revisitada(8.1 – 11.25)

3.1. A visão das abominações em Jerusalém (8.1-18)

Uns 30 anos de tudo isso ter acontecido, o rei Josias promovera uma reforma religiosa em Jerusalém. Contudo, após a morte desse rei, a idolatria infestou o templo do SENHOR, o qual nos dias do profeta Isaías (Is 31.8,9; 33.17-22) era refúgio para o povo, mas, agora, o próprio templo fora destruído por causa da idolatria.

Em 8.1-4 temos a narrativa do traslado de Ezequiel para Jerusalém. Um traslado nada convencional, pois, o SENHOR Deus o agarrou pelos cachos dos seus cabelos (v.3) o que depois Ezequiel entendeu ter sido uma visão. O SENHOR Deus o levou à porta do templo de Jerusalém onde estava a “**imagem dos ciúmes, que provoca o ciúme de Deus**” (8.3).

Ezequiel viu quatro coisas repugnantes, quatro abominações que causavam asco e nojo e o ciúme de Deus.

Primeira abominação (v.5,6)

Ezequiel viu a imagem da deusa cananeia chamada Aserá (2Rs 21.7; 23.6). Tal imagem idólatra provocava o ciúme de Deus, ou seja, o seu zelo pela Sua aliança com Seu povo o qual havia quebrado por causa dos ídolos.

Segunda abominação (v.7-13)

Deus ordenou que Ezequiel escavasse o muro que circundava o templo e olhasse lá dentro. Os vários animais impuros que ele descreve na visão e todas as imagens de idolatria pintadas nas paredes do templo do SENHOR Deus mostravam que o sincretismo religioso havia tomado conta do culto que era exclusivo de Deus. Mas, essas abominações estavam longe de serem as piores, conforme o próprio SENHOR Deus declarara ao profeta (v.13).

Terceira abominação (v.14,15)

A imagem de Tamuz, um deus sumério. Cria-se que Tamuz morrera por ter cortejado e conquistado a deusa Inanna dos sumérios. Daí os pagãos adoravam Tamuz e lhe rendiam culto no auge do calor do verão. A figura de Tamuz está relacionada à depravação sexual porque ele era considerado o deus das prostitutas cultuais (Dn 11.37).

Mas haveria de vir abominação pior ainda!

Quarta abominação (v16-18)

Deus levou o profeta para dentro, no pátio interno do templo. Ali ele viu vinte e cinco anciãos de costas para o templo e voltados em direção do oriente. Eles **“adoravam o sol”** (v.16). Sabe-se que antes da reforma religiosa promovida por Josias, o povo rendia culto ao sol.

Aqui Ezequiel vê um ato duplo de desonra a Deus: os vinte e cinco homens davam as costas para o templo do SENHOR Deus, isto é, para o Seu culto e se voltavam na direção da criação para adora-la em vez do Criador.

Deus ficou indignado com tal idolatria e chamou a atenção do profeta perguntando-lhe retoricamente se o que ele via era algo insignificante e sem importância (v.17), além do que ainda o povo se portava com arrogância como indicam as palavras **“Ei-los a chegar o ramo ao seu nariz”**. Para este povo Deus fechara os Seus ouvidos e coração (v.18).

Nessas quatro abominações o que mais nos chama a atenção é o fato de que elas foram praticadas no templo do SENHOR Deus pelos líderes religiosos do povo Dele. Por essa razão Deus estava profundamente irritado e irado com Seu povo. Não é raro sabermos de líderes religiosos de renome caindo em escândalos trazendo grande vergonha para o povo de Deus e para o Nome Dele. Deus não deixará estes tais impunes.

3.2. O castigo sobre Jerusalém (9.1-11)

Nos v.1,2 vemos que seis homens fortemente armados são convocados por Deus para executarem o Seu juízo sobre a terra. Eles vêm do norte, ou seja, da direção de onde viria a Babilônia. Um se destaca dentre eles, com vestes de linho e com um estojo de escrivão pendurado à cintura, representando talvez a Graça de Deus que marcou alguns para serem salvos daquela destruição.

No v.3 Ezequiel vê o que jamais queria ter visto: a nuvem da Glória (*Shekiná*) de Deus abandona o Santo dos Santos e pousa na entrada do templo, porque Deus estava profundamente entrustecido com Seu povo que caiu em idolatria terrível. Ali à porta do templo Deus ordena ao homem vestido de linho com o estojo de escrivão que passasse pelo meio da cidade e marcassem com um sinal na testa, os quais suspiravam e gemiam por causa da idolatria e

que por terem permanecido fiéis a Deus seriam poupadadas da matança que haveria de acontecer em Jerusalém. Essa marca, segundo F.F. Bruce era a última letra do alfabeto hebraico, o *taw* (que na época era escrita em forma de cruz, mas, não devemos ver nisso nenhuma predição ao símbolo do cristianismo) segundo os rabinos sugere plenitude, ou seja, Deus derramaria o Seu juízo plenamente sobre o povo. Sabemos que Deus sempre utilizou de marcas para proteger as pessoas. Caim, os israelitas na véspera do Êxodo, e é claro, a mais conhecida é a que se refere aos filhos de Deus em Ap 7.3. No caso de Ap 7.3 não devemos procurar o significado em coisas estapafúrdias como o código de leitura de barras, os microchips subcutâneos. Essa marca é o Espírito Santo da promessa com o qual fomos selados para o dia da volta do Senhor Jesus (Ef 1.13,14).

A ordem de Deus era para começaram a matança com o santuário, ou seja, onde eles abandonaram a vida (o culto a Deus) e preferiram a morte (o pecado da idolatria), v.6. E assim aqueles seis homens começaram a matança matando primeiramente os vinte e cinco anciãos. Deus também lhes ordenou que espalhassem os cadáveres no Seu templo, afinal esse era o desfecho deplorável do pecado do povo (v.7).

No v.8 após clamar a Deus por misericórdia, Ezequiel ouviu Deus mostrar-lhe que o povo além de perverso e imundo, também era hipócrita, pois, culpava a Deus de ter abandonado os filhos Dele quando na verdade foi o povo que abandonou a Deus (v.9).

Diante de todo aquele destruição, o homem vestido de linho e com o estojo à cintura declarou que fizera tudo quanto o SENHOR Deus lhe ordenara (v.11)



Para refletir

Aqui temos um desafio para nós crentes em Cristo Jesus: como reagimos quando os outros se afastam dos caminhos do Senhor? Seguimos o mesmo caminho?

Permitimos que nos influenciem? Justificamos seus atos? Demonstramos indiferença? Ou gememos e choramos diante da perversidade do povo?

Para semana que vem estude

III – Jerusalém é revistada	(8.1 – 11.25)
3.3. A cidade em chamas	(10.1-21)
3.4. Denunciados os falsos conselheiros	(11.1-13)
3.5. A promessa de restauração	(11.14-25)



Enquanto estudar responda a essas questões

1) Novamente Ezequiel teve uma visão dos querubins. O que estes seres representam? (10.15-22)

A presença de Deus em todo lugar (lá na Babilônia e em Jerusalém exercendo Seu juízo)

2) De que Deus acusou os líderes religiosos do povo? (11.2)

De maquinarem vilezas e aconselhar perversamente o povo.

3) Que promessa Deus fez aos humildes de coração em 11.19

Que lhes daria um novo coração e um só amor em todos.

Memorizando a Palavra

Ez 11.19

“Dar-lhes-ei um só coração, espírito novo porei dentro deles; tirarei da sua carne o coração de pedra e lhes darei coração de carne”.

Ezequiel 8.1 – 11.25**Perguntas da semana passada**

4) Novamente Ezequiel teve uma visão dos querubins. O que estes seres representam? (10.15-22)
A presença de Deus em todo lugar (lá na Babilônia e em Jerusalém exercendo Seu juízo)

5) De que Deus acusou os líderes religiosos do povo? (11.2)
De maquinarem vilezas e aconselhar perversamente o povo.

6) Que promessa Deus fez aos humildes de coração em 11.19
Que lhes daria um novo coração e um só amor em todos.

Versículo da semana passada**Ez 11.19**

“Dar-lhes-ei um só coração, espírito novo porei dentro deles; tirarei da sua carne o coração de pedra e lhes darei coração de carne”.

III – Jerusalém é revisitada(8.1 – 11.25)

3.3. A cidade em chamas(10.1-21)
 3.4. Denunciados os falsos conselheiros(11.1-13)
 3.5. A promessa de restauração(11.14-25)

**Visão Geral do Texto**

Dos acontecimentos narrados nos cap. 4 – 7 para os que estão aqui em 8 – 11 há um período de tempo de 14 meses conforme podemos deduzir das informações dadas em 8.1.

Deus com Sua poderosa mão veio sobre Ezequiel quando este se achava entre os exilados na Babilônia fazendo com que ele visse os acontecimentos de um futuro próximo aos seus dias com relação a Jerusalém. O que Ezequiel vê além de toda destruição pela qual passaria Jerusalém, deixou-o estarrecido: a Glória (Shekiná) de Deus abandonando a cidade.

**Aprofundando no Texto**

III – Jerusalém é revisitada(8.1 – 11.25)

3.3. A cidade em chamas (10.1-21)

Além de ver o povo de Jerusalém sendo morto à espada, o profeta também vê a cidade de Jerusalém em chamas sendo destruída pelos inimigos.

O Cap.10 apresenta uma ligação próxima com o Cap.1 dando-nos mais detalhes sobre esses seres espirituais que aqui são chamados de “querubins”, bem como nos fornece mais detalhes sobre a glória do SENHOR. Enquanto o Cap.1 era voltado para os exilados na Babilônia, o Cap.10 é voltado para os rebeldes que ainda estavam em Jerusalém⁷.

Nos v.1 e 2 o SENHOR ordenou que o homem vestido de linho que trazia à cintura o estojo de escrivão (9.3) pegasse brasas acesas as quais estavam no meio dos querubins e as espalhasse sobre Jerusalém. As brasas não foram retiradas pelo homem, mas, sim, por um dos querubins que lhe entregou as brasas (cf. v.7,8). É importante destacar que foram os

⁷ MAC DONALD, 2011, p.706.

babilônios que atearam fogo e destruíram Jerusalém, mas, o profeta revela que tudo aquilo era resultado da ira e justiça de Deus. **Tudo o que acontece neste plano físico e material tem seu significado e relação com o plano espiritual.**

A glória (Shekiná) de Deus repousava sobre esses querubins, assim, sendo estes querubins apontam diretamente para a glória de Deus. A glória do SENHOR estava se retirando de Jerusalém (v.3-5), fato este que trouxe profundo desespero para o povo.

Do v.9-17 temos praticamente uma repetição da visão do Cap.1. O significado aqui embora não devamos nos prender aos detalhes é praticamente o mesmo do Cap.1, a saber, Deus está presente em todos os lugares. Em todos os lugares Sua presença se faz ver com justiça e ira contra o pecado. No Cap.1 os exilados puderam saber que Deus estava presente com eles; aqui no Cap.10 os rebeldes que haviam permanecido em Jerusalém viram a presença de Deus que veio pesar a mão sobre eles.

Os v.18-22 mostram que a glória do SENHOR repousou sobre os querubins e eles estavam prontos para carregar a glória do SENHOR Deus de Israel através do vale de Cedrom até o monte das Oliveiras (11.23). A porta oriental da Casa do SENHOR era a entrada principal para as dependências do templo. Dali Deus falou ao povo e denunciou-lhe o pecado.

3.4. Denunciados os falsos conselheiros (11.1-13)

Os 25 homens (v.1) representam os líderes e príncipes, dizem ao povo que não havia muito para temer. Como sempre os falsos profetas enganam o povo dizendo-lhe o que este quer ouvir. Diziam ao povo que este Podia prosseguir com seus afazeres como de costume. Eles se sentiam seguros como mostra a figura da carne guardada na panela de ferro. O conselho desses falsos profetas contradizia a Palavra de Deus segundo a qual era tempo de se construir casas (v.3). Por intermédio de Jeremias Deus havia dado ordens para os cativos fixarem residência na Babilônia, pois, Jerusalém cairia. **Os homens que maquinam vilezas** tentam alimentar esperanças falsas nos cativos enviando-lhes cartas. Apesar do fogo do juízo divino, os príncipes sentiam-se seguros em Jerusalém.

Da mesma forma, muitos cristãos nominais se sentem protegidos do juízo de Deus, apesar de viverem em pecado. Todavia o Senhor lhes dirá: “Não vos conheço”.

Nos v.4-12 Deus instrui o profeta Ezequiel a reinterpretar a imagem usada pelos 25 homens de forma bem diferente! A cidade de Jerusalém era a panela, e o povo, a carne! Seriam tirados da cidade e julgados “**nos confins de Israel**” (v.11).

No v.13 quando Pelatias (talvez o líder dos 25 homens) caiu morto, provavelmente como resultado de seu conselho perverso, Ezequiel intercedeu pelo povo diante de Deus.

3.5. A promessa de restauração (11.14-25)

Respondendo ao profeta, o SENHOR Deus repetiu para o profeta o discurso dos habitantes de Jerusalém, segundo o qual os exilados haviam se afastado para longe do SENHOR e a terra pertencia a quem ainda restava em Judá e Jerusalém.

Nos v.16-21 o SENHOR Deus promete, porém, que serviria de santuário para os exilados, os levaria de volta à terra de Israel inteiramente purificados da idolatria e lhes daria um coração disposto a obedecê-lo.

Nos v.22-25 vemos o deslocamento da nuvem de glória para o monte das Oliveiras. No final do capítulo, a nuvem de glória se eleva do meio da cidade e se coloca sobre o monte das Oliveiras, ao oriente de Jerusalém. Deus não somente abandonara o Seu templo, mas, também a própria cidade de Jerusalém. Comentando estes versículos George Williams diz:

Retira-se a contragosto. Seu trono era o Santo dos Santos (Ez 8.4); afastou-se até a entrada (Ez 9.3), acima da entrada (Ez 10.4), para junto da porta oriental (Ez 10.19) e, por fim, para o monte a leste de Jerusalém (Ez 11.23). Em seu amor, o Deus de Israel demorou a deixar sua cidade e templo, para voltar só em Ezequiel 43.2 (que ainda está para se cumprir).

A retirada da Glória de Deus foi gradual, passo a passo, até que saiu em definitivo. Que visão terrível e triste.

Nos v.24 e 25 vemos que em visão Ezequiel havia sido levado a Jerusalém para contemplar todo esse cenário de tristeza, e depois disso, foi “trazido” de volta, ou seja, voltou a si, no meio dos cativos lá na Babilônia.



Para refletir

Tudo o que acontece neste plano físico e material tem seu significado e relação com o plano espiritual, quer seja bom, quer seja ruim, quer seja um comportamento santo, ou um comportamento pecaminoso.

Nossa confiança tem de estar somente em Cristo. A autoconfiança é o primeiro passo para o fracasso. Uma vida vitoriosa é uma vida de fé em Cristo Jesus.

Para semana que vem estude

IV – A queda de Jerusalém descrita e predita	(12.1 – 15.8)
4.1. Ezequiel descreve o cativeiro	(12.1-28)
4.2. Profecias contra os falsos profetas e profetizas	(13.1-23)
4.3. O castigo dos idólatras que estavam no exílio.....	(14.1-23)
4.4. A condição irremediável de Jerusalém.....	(15.1-8)



Enquanto estudar responda a essas questões

- 1) Para simbolizar o exílio dos judeus para a Babilônia, o que Deus mandou Ezequiel fazer (12.3,4)?
Pagar uma bagagem e carrega-la em suas costas diante do povo para que este visse o que iria lhe acontecer.
- 2) Do que o SENHOR Deus acusou os falsos profetas em 13.3?
De serem loucos seguindo o próprio espírito deles, isto é, os devaneios de suas mentes pervertidas.
- 3) O que Deus prometeu fazer com aqueles que tendo ídolos em seus corações fossem consultá-Lo (14.6-9)?
Que Ele mesmo, pessoalmente viria acertar contas com tal pessoa.
- 4) A que Deus comparou Seu povo no Cap.15?
À uma videira improdutiva e inútil.

Memorizando a Palavra

Ez 14.6

“Portanto, dize à casa de Israel: Assim diz o SENHOR Deus: convertei-vos, e apartai-vos dos vossos ídolos, e dai as costas a todas as vossas abominações”.

Ezequiel 12.1 – 15.8**Perguntas da semana passada**

5) Para simbolizar o exílio dos judeus para a Babilônia, o que Deus mandou Ezequiel fazer (12.3,4)?
 Pagar uma bagagem e carrega-la em suas costas diante do povo para que este visse o que iria lhe acontecer.

6) Do que o SENHOR Deus acusou os falsos profetas em 13.3?
 De serem loucos seguindo o próprio espírito deles, isto é, os devaneios de suas mentes pervertidas.

Versículo da semana passada**Ez 14.6**

“Portanto, dize à casa de Israel: Assim diz o SENHOR Deus: convertei-vos, e apartai-vos dos vossos ídolos, e dai as costas a todas as vossas abominações”.

IV – A queda de Jerusalém descrita e predita(12.1 – 15.8)

4.1. Ezequiel descreve o cativeiro(12.1-28)
 4.2. Profecias contra os falsos profetas e profetizas(13.1-23)
 4.3. O castigo dos idólatras que estavam no exílio.....(14.1-23)
 4.4. A condição irremediável de Jerusalém.....(15.1-8)

**Visão Geral do Texto**

Os Caps. 12 e 13 se contrastam. Enquanto o Cap.12 mostra a atuação de um verdadeiro profeta de Deus (Ezequiel) contra os falsos profetas e profetizas que iludiam o povo com as mentiras de seus corações corruptos.

**Aprofundando no Texto****IV – A queda de Jerusalém descrita e predita(12.1 – 15.8)****4.1. Ezequiel descreve o cativeiro (12.1-28)****Dois atos simbólicos proféticos (12.1-20)**

Como de costume, o SENHOR Deus ordenou que Ezequiel realizasse dois atos simbólicos proféticos que apontavam para o triste fim dos judeus que seriam levados ao cativeiro babilônico. A cronologia aqui é um tanto quanto confusa, mas, ao que parece, conforme os v.1 e 27 dá-se a entender que o conteúdo desses capítulos (12 – 15) refere-se a fatos que aconteceram antes do cativeiro estando Ezequiel com o povo ainda em Jerusalém.

Os dois atos simbólicos e proféticos são:

A) Deixando a casa (v.1-16): O SENHOR Deus ordenou que o profeta Ezequiel tomasse a sua bagagem, os pertences de sua casa do lugar onde estavam para outro lugar (v.2-7) como sinal (“à vista deles...”) representando que os judeus seriam levados de sua terra para outro lugar distante (a Babilônia). Ezequiel deveria ter seu rosto coberto com um pano simbolizando que Zedequias, o líder do povo fugiria no escuro, à noite, quando os

inimigos atacassem. Nos v.10-12 está claro que esta sentença se referia Zedequias, o qual faria um buraco no muro da cidade para fugir das mãos dos babilônios na escuridão da noite. Mas, ele seria apanhado como um pássaro numa rede (v.13,14). E assim, Deus seria reconhecido como o Soberano das nações (v.15,16).

B) **Comendo e bebendo com temor (v.17-20):** esse ato simbólico do profeta descreve o medo e a ansiedade que tomariam o coração dos judeus em decorrência da destruição que seria causada pelos babilônios.

Dois ditados populares que Deus refutaria (12.21-28)

A) **“Prolongue-se o tempo, e não se compra a profecia” (v.22):** Em outras palavras, o povo dizia “o cumprimento dessas profecias nunca vem”. Algo semelhante passou o profeta Jeremias que por 40 anos profetizou e o povo zombou dele. Até que se cumpriram as profecias que Deus lhe dera. Os ouvintes de Ezequiel estavam na mesma ilusão. Deus respondeu à essa incredulidade dizendo: “**Porque eu, o SENHOR, falarei, e a palavra que eu falar se cumprirá e não será retardada...**” (v.25).

B) **“A visão que tem este é para muitos dias, e ele profetiza de tempos que estão mui longe” (v.27):** “Ainda não vai acontecer” assim dizia o povo. O povo até admitia que a profecia iria acontecer, mas, não naqueles dias. Da mesma forma muitos hoje até creem que Jesus voltará, mas, em seus corações cogitam que isso não será nestes dias. Devemos viver como se Ele fosse voltar a qualquer momento. O tempo exato Deus já determinou. Quem de nós saberá?

4.2. Profecias contra os falsos profetas e profetizas (13.1-23)

Como sempre, os falsos profetas se levantam para desmerecer a mensagem dos verdadeiros profetas. Os dois ditados populares (12.21-28) refletem a influência negativa dos falsos profetas sobre o povo, que manipulava-o com palavras lisonjeiras.

Aqui encontramos três denúncias contra a falsa profecia.

Primeira denúncia: Contra os mensageiros autocomissionados (13.1-9)

A maioria desses profetas estava ligada a uma ordem conhecida nos tempos antigos como “escola de profetas”, sendo que alguns atuavam no templo. Eles nunca foram comissionados por Deus. O SENHOR Deus revela que eles falavam coisas que vinham do coração deles como se fossem profecias dadas por Deus, e seguiam o próprio espírito deles, e não o Espírito de Deus (v.2,3). A expressão “**O SENHOR disse**” (v.6) nos lábios deles causava confusão. Nem todo que se levanta em nome de Deus é de fato comissionado por Ele! Eram como raposas que escavavam buracos nas ruínas de uma cidade contribuindo assim ainda mais para a ruína (v.4,5). Mas, tudo o que diziam não passava de mentiras (v.7), e com certeza, não ficariam sem o castigo de Deus (v.8,9).

Segunda denúncia: Contra os mensageiros mentirosos (v.10-16)

A situação em que se encontravam Judá e sua capital Jerusalém era como a de um muro que estava para cair. Os falsos profetas em vez de mostrarem a situação caótica e catastrófica do povo, maquiavam a situação dizendo que tudo estava bem. Além de se autocomissionarem, ainda falavam mentiras em nome de Deus. A figura aqui era de um homem que passava cal numa parede tentando esconder a real situação. Mas, bastaria uma chuva para que a cal fosse removida da parede. Contudo, a ira de Deus se acendera a tal ponto, que Ele enviaria chuvas torrenciais para derrubarem o muro e não somente a cal – tribulação para afligir o povo em vez de uma paz falsa prometida pelos falsos profetas (v.12-14). Outro fato

importante é que Deus Se revela quando exerce o juízo contra o pecado, conforme indica a expressão “e sabereis que eu sou o SENHOR” (v.14-16).

Terceira denúncia: Contra as caçadoras de almas (v.17-23)

Semelhantemente aos falsos profetas, as falsas profetizas, que, conforme a descrição aqui eram feiticeiras traziam suas falsas profecias e enganavam as pessoas. Elas colocavam invólucros (amuletos) no punho e véus na cabeça das pessoas, que segundo se cria poderiam preservar ou tirar a vida de alguém. Deus prometeu livrar o Seu povo e punir essas feitiçarias (v.20-23).



Para refletir

Hoje em dia precisamos de pregadores que não falem suas próprias ideias e opiniões, mas que, depois de muita oração, preguem segundo a Palavra de Deus.

Doutrinas e ensinos errados conduzem a conceitos e práticas errados. A falsa profecia se transformou em ditado popular nos dias de Ezequiel e consequentemente, em práticas abomináveis aos olhos de Deus.

O problema com as falsas profecias é que além de serem mentiras ainda são creditadas a Deus como se Ele as tivesse dito, o que consiste numa ofensa ao caráter santo de Deus.

Para semana que vem estude

IV – A queda de Jerusalém descrita e predita	(12.1 – 15.8)
4.3. O castigo dos idólatras que estavam no exílio.....	(14.1-23)
4.4. A condição irremediável de Jerusalém.....	(15.1-8)



Enquanto estudar responda a essas questões

7) O que Deus prometeu fazer com aqueles que tendo ídolos em seus corações fossem consulta-Lo (14.6-9)?
Que Ele mesmo, pessoalmente viria acertar contas com tal pessoa.

8) A que Deus comparou Seu povo no Cap.15?
À uma videira improdutiva e inútil.

Memorizando a Palavra

Ez 14.6

“Portanto, dize à casa de Israel: Assim diz o SENHOR Deus: convertei-vos, e apartai-vos dos vossos ídolos, e dai as costas a todas as vossas abominações”.

Ezequiel 12.1 – 15.8



Perguntas da semana passada

9) O que Deus prometeu fazer com aqueles que tendo ídolos em seus corações fossem consultados (14.6-9)?
Que Ele mesmo, pessoalmente viria acertar contas com tal pessoa.

10) A que Deus comparou Seu povo no Cap.15?
À uma videira improdutiva e inútil.

Versículo da semana passada

Ez 14.6

“Portanto, dize à casa de Israel: Assim diz o SENHOR Deus: convertei-vos, e apartai-vos dos vossos ídolos, e dai as costas a todas as vossas abominações”.

IV – A queda de Jerusalém descrita e predita(12.1 – 15.8)

4.1. Ezequiel descreve o cativeiro(12.1-28)
4.2. Profecias contra os falsos profetas e profetizas(13.1-23)
4.3. O castigo dos idólatras que estavam no exílio.....(14.1-11)
4.4. A condição irremediável de Jerusalém.....(14.12-23)
4.5. A parábola da videira sem frutos(15.1-8)



Visão Geral do Texto

Nestes capítulos 14 e 15 temos um “Raio X” da idolatria. Como ela surge, o que ela é e como Deus a trata. Por este pecado os povos de Israel e Judá foram para o cativeiro. Sofreram terríveis consequências. O mesmo acontece em nossos dias. Estes capítulos retratam o nosso coração.



Aprofundando no Texto

IV – A queda de Jerusalém descrita e predita(12.1 – 15.8)
4.3. O castigo dos idólatras que estavam no exílio (14.1-12)

O pecado de idolatria (14.1-11)

Havia falsos profetas não somente entre os remanescentes que ficarem em Jerusalém e Judá. Entre os exilados lá na Babilônia também eles estavam presentes iludindo as pessoas com mentiras e também incitando os judeus à idolatria dos babilônios. Quando alguns anciãos dentre os exilados foram consultar Ezequiel sobre os desígnios de Deus, o SENHOR Deus anunciou por meio do profeta que lhes responderia de modo direto, isto é, sem intermediários, e se algum falso profeta se levantasse trazendo uma mensagem em nome de Deus seria fatalmente castigados por Deus, e não somente o falso profeta, mas, também todos quantos dessem ouvidos a eles.

Mas, longe de ser apenas uma influência dos babilônios pagãos e idólatras, a idolatria dos judeus (e de qualquer outro ser humano):

✓ **Era produto do coração pecaminoso (v.1-5,7):** observe quantas vezes nestes versos o SENHOR Deus declarou que a idolatria dos judeus nasceu de seus próprios corações: “...estes homens levantaram os seus ídolos dentro do seu coração...” (v.3); “Qualquer

homem da casa de Israel que levantar os seus ídolos dentro do seu coração...” (v.4); “...no seu próprio coração (...) para seguirem os seus ídolos” (v.5); “...e levantar os seus ídolos dentro do seu coração...” (v.7). Deus aponta o pecado do povo mostrando que de nada adiantaria virem até o Seu profeta, Ezequiel, buscando saber o futuro enquanto tivessem seus corações cheios de ídolos. Muitos ainda fazem assim em nossos dias: buscam a Deus não para saberem qual é a vontade Dele para a cumprirem, mas, sim, querem saber do futuro para saberem se serão bem sucedidos e felizes. Dessa forma o sincretismo (adorar a Deus e aos ídolos ao mesmo tempo) é a característica principal dos pecadores.

- ✓ **A solução é conversão sincera a Deus (v.6):** há perdão para a idolatria. Mas, para que isso aconteça é necessário que haja conversão sincera a Deus, o que implica em confissão e abandono do pecado. Não devemos entender a conversão como uma opção, mas, sim como uma ordem de Deus: “**Convertei-vos, e apartai-vos dos vossos ídolos, e dai as costas a todas as vossas abominações**”.
- ✓ **A persistência no pecado traz terríveis consequências (v.7-11):** Deus promete punir os que Dele se alienam, confundindo-os por meio dos falsos profetas (v.7 e 9), fato este bastante intrigante, pois, Deus nunca falara por meio dos falsos profetas, mas, para trazer Seu castigo sobre os iníquos Ele lançaria mão dos falsos profetas! Se alguém alegasse que fora enganado não adiantaria nada, pois, para Deus tanto o falso profeta quanto os idólatras são culpados (v.10). Ele promete eliminar os idólatras voltando-Se em toda a Sua ira contra eles, a fim de que saibam de fato que Ele é Deus (v.8). Todo o juízo de Deus sendo executado contra os ímpios serve como testemunho de Sua santidade diante do mundo (v.11).

4.4. A condição irremediável de Jerusalém (14.12-23)

Três personagens importantes do Antigo Testamento são mencionadas aqui: Noé, Daniel e Jó (v.14, 16, 20) como exemplos de piedade. Ainda que estes clamassem pela misericórdia de Deus para com Jerusalém, Ele não os ouviria. Pelo contrário cumpriria o seu juízo com Seu quádruplo selo de justiça: fome, feras, espada e peste sobre a terra. Quando Ezequiel exerceu seu ministério profético, Daniel⁸ estava na corte do rei da Babilônia, Nabucodonosor. O testemunho de Daniel equiparou-se ao de outros grandes vultos do passado, Noé e Jó, conhecidos por sua piedade e intercessão junto a Deus por seus entes queridos. Mas, Deus estava tão irado com Seu povo que nem mesmo se estes grandes servos Dele ousassem interceder pelo povo Ele os ouviria.

Nos v.21-23 vemos que se Deus julga qualquer terra e povo, com muito maior severidade Ele julgaria Jerusalém, onde estava o Seu templo. Os poucos que restariam na terra ficariam para testemunhar que o castigo que Deus enviara ao povo foi mais que merecido (v.23).

Para pensarmos: se a culpa de Judá era tão grande que nem mesmo a intercessão de Noé, Daniel e Jó seria capaz de refrear a fúria de Deus, o que aconteceria com a nossa sociedade que vive chafurdada no pecado, na imoralidade, nos vícios e no humanismo corrosivo? Somente a justiça de Deus revelada em Jesus pode nos livrar da ira de Deus.

⁸ Alguns comentaristas bíblicos identificam Daniel aqui com uma personagem dos tempos antigos, contemporânea a Noé e Jó, cujo nome era Danel (da forma como está escrito em hebraico, essa é a pronúncia do nome aqui). Este é descrito na literatura ugarítica como tendo sido um rei muito sábio. Ele era também tio e sogro de Enoque. Se esta afirmação puder ser sustentada, então temos aqui três homens que não eram judeus, o que torna a questão ainda mais intrigante, pois, homens que vieram de povos pagãos tornaram-se muito mais piedosos do que aqueles que eram do povo de Deus (cf. BRUCE, 2012, p.789). Contudo, a interpretação que aponta para o profeta Daniel parece ser a mais correta aqui.

4.5. A parábola da videira sem frutos (15.1-8)

Qual a utilidade de uma videira? Ela só serve para produzir frutos. Ela não produz lenha para manter um fogo aceso por muito tempo, não fornece madeira suficiente para produzir algum utensílio. Em sentido mais restrito, a videira é o povo de Jerusalém (v.6). Uma vez que não deram frutos para Deus, os judeus foram destruídos pelo fogo da invasão babilônica. Num sentido mais amplo, a videira simboliza tanto Judá quanto Israel (v.4). A “ponta do norte” da videira, isto é, Israel, foi destruída pelos assírios, e a “ponta do sul”, Judá, pelos egípcios. O “meio” da videira, isto é Jerusalém, foi destruído pelo fogo dos babilônios. Assim, Deus decidiu transformar a terra em desolação (v.8).

Como cristãos, além de grandes privilégios, também temos a responsabilidade de dar frutos para a glória de Deus. Quando não vivemos para glorificá-lo, nossa existência se torna vazia e sem propósito, como a videira sem fruto. Nossa testemunho será destruído (Jo 15.6). Como ramos em Cristo, a Videira Verdadeira, nossa principal função é produzir frutos para Deus, o que significa, acima de tudo, desenvolver o caráter cristão representado pelo fruto do Espírito⁹.



Para refletir

Observe a folha em anexo “Destruindo os ídolos do seu coração”, e lute contra qualquer ídolo que você encontrar.

Para semana que vem estude

V – As parábolas de Ezequiel	(16.1 – 19.14)
5.1. A Noiva infiel	(16.1-63)
5.2. As duas águias e a videira em crescimento	(17.1-24)
5.3. A responsabilidade é pessoal	(18.1-32)
5.4. A parábola do leão enjaulado	(19.1-14)



Enquanto estudar responda a essas questões

1) Descrevendo os primórdios do povo de Israel, quando este ainda nem povo era, mas, vivia numa situação deplorável, como Deus tratou o povo (cf. v.6-14)?

Demonstrando Sua misericórdia, socorrendo, estabelecendo uma aliança com o povo e pondo o Seu Nome sobre eles.

2) Nos v.15-29, Deus acusa o povo de prostituir-se. Qual pecado está prefigurado nessa prostituição?

O da idolatria.

3) No v.30 Deus mostra a razão do povo ter caído em tão terrível pecado. Qual era essa razão?
Um coração fraco.

4) Nos v.59-63 o SENHOR Deus fala de um assunto central em Seu relacionamento com Seu povo. Qual?

A restauração da Sua aliança eterna.

Memorizando a Palavra

Ez 16.60

“Mas eu me lembrarei da aliança que fiz contigo nos dias da tua mocidade e estabelecerrei contigo uma aliança eterna”.

⁹⁹ MACDONALD, 2007, p.709.

Destruindo os Ídolos do seu Coração

O que é um “ídolo”?

É um **substituto** de Deus no seu coração. Pode ser uma pessoa, uma coisa, um sentimento ou algum objetivo na vida.

O que um ídolo promete?

Um ídolo sempre promete a **satisfação** para o seu coração.

O que ele exige?

Todo ídolo requer do seu coração **devoção** total (Mt 6.21).

Como detectar um ídolo em seu coração

Observe atentamente esses quatro “estágios” em seu coração.

Sempre se apresenta como algo **bon** e **agradável** ao nosso coração (mesmo coisas erradas, nesse momento são vistas como boas

por causa da cegueira espiritual da pessoa).

→ **Essa é a fase do desejo “Eu quero”**

Quando não conseguimos o que queremos, começamos a fazer exigências a outras pessoas.

→ **Essa é a fase da exigência “Eu exijo que você me dê tal coisa” .**

Um ídolo

Quando não recebemos o que exigimos somos tomados por sentimentos pecaminosos de ira, raiva, mágoa, ressentimento, amargura, etc.

→ **Essa é a fase do julgamento: “O fulano não me ama” , “ Ela é uma egoísta” , “ Ele não presta” .**

Quando julgamos as intenções dos corações alheios, procuramos um meio de revirar.

→ **Essa é a fase da punição: “ Eu vou castigá-lo” , “ Não vou lhe dar aquilo que me pediu” , “ Vou dar o troco” .**

Ezequiel 16.1 – 19.14



Perguntas da semana passada

5) Descrevendo os primórdios do povo de Israel, quando este ainda nem povo era, mas, vivia numa situação deplorável, como Deus tratou o povo (cf. v.6-14)?

Demonstrando Sua misericórdia, socorrendo, estabelecendo uma aliança com o povo e pondo o Seu Nome sobre eles.

6) Nos v.15-29, Deus acusa o povo de prostituir-se. Qual pecado está prefigurado nessa prostituição?

O da idolatria.

7) No v.30 Deus mostra a razão do povo ter caído em tão terrível pecado. Qual era essa razão?

Um coração fraco.

8) Nos v.59-63 o SENHOR Deus fala de um assunto central em Seu relacionamento com Seu povo. Qual?

A restauração da Sua aliança eterna.

Versículo da semana passada

Ez 16.60

“Mas eu me lembrei da aliança que fiz contigo nos dias da tua mocidade e estabeleceri contigo uma aliança eterna”.

V – As parábolas de Ezequiel (16.1 – 19.14)

5.1. A Noiva infiel (16.1-63)

5.2. As duas águias e a videira em crescimento (17.1-24)

5.3. A responsabilidade é pessoal (18.1-32)

5.4. A parábola do leão enjaulado (19.1-14)



Visão Geral do Texto

Neste capítulo, dos daqueles do livro de Ezequiel cujo linguajar é extremamente pesado e severo contra o pecado do povo, temos uma parábola, uma alegoria na qual o casamento ilustra o relacionamento de Deus com Seu povo. Daí a idolatria é vista como prostituição e adultério diante de Deus.



Aprofundando no Texto

V – As parábolas de Ezequiel (16.1 – 19.14)

5.1. A Noiva infiel (16.1-63)

Num palavreado cheio de revolta e indignação por causa do pecado do povo, palavras essas que lhe foram dadas pelo próprio SENHOR Deus (v.1,2), Ezequiel passa a mostrar-lhes as seguintes verdades:

Origem humilhante (v.3-5)

A descrição que é feita de Jerusalém aqui é sobremodo humilhante. Os judeus desprezavam os samaritanos por serem judeus mestiços, contudo, o SENHOR Deus lembra Jerusalém de que sua origem era totalmente gentílica (v.3) – seu pai era amorreu e sua mãe heteia (hitita). Apesar de ser orgulhosa, sua origem não trazia nada da pureza que ela dizia ter.

Como uma bebezinha recém nascida que fora abandonada ao nascer e não recebeu os devidos cuidados (v.4), ninguém teve qualquer traço de compaixão e piedade por ela, antes, o que tiveram foi nojo (v.5). Assim foi o começo humilhante de Jerusalém.

Acolhimento misericordioso (v.6-14)

Passando por perto daquela criança abandonada de quem todos sentiam nojo, o SENHOR Deus ordena: “**Viva!**”, e apesar de sua situação deplorável, ela recebeu vida (v.6).

O cuidado de Deus para com Jerusalém a fez florescer e engrandecer, tornando-se tão linda e formosa como uma mulher em toda a sua feminilidade (v.7).

O SENHOR a cobriu com Seu manto para que sua nudez não fosse exposta (v.8), ou seja, revestiu-lhe de honra apesar de seu passado vergonhoso. Ele a purificou (v.9), a adornou e a vestiu com Sua glória (v.10-13), e deu-lhe tamanha honra que entre as nações todos sabiam quem era Jerusalém (v.14).

Terrível traição (v.15-34)

Mas, assim como uma mulher de mau caráter se entrega à lascívia e prostituição oferecendo-se a qualquer um, Jerusalém se entregou à idolatria ajoelhando-se diante de muitos deuses (v.15).

Com as vestimentas (honra e glória) com que Deus lhe cobriu ela montou tendas/prostíbulos, isto é, a honra e glória que Deus deu a ela, ela os entregou aos ídolos (v.16-18), até o mantimento que deus dá aos homens, Jerusalém os consagrhou aos seus ídolos (v.19).

Aprofundando ainda mais em sua idolatria, Jerusalém chegou ao absurdo de oferecer aos deuses seus próprios filhos em holocausto, coisa que Deus sempre proibiu (v.20,21). Daí a indagação divina: “**Acaso, é pequena a tua prostituição**”. No v.22 é acrescido ao pecado de idolatria, o de ingratidão.

Jerusalém espalhou por todos os cantos os altares idólatras que Ezequiel chama aqui de “prostíbulos” (v.23-25), e descreve a idolatria do povo como uma lascívia descarada (v.26), a tal ponto que as cidades pagãs sentiam-se envergonhadas (v.27-29).

No v.30 Deus aponta o que é que levou Jerusalém e achegar neste estado tão deplorável de pecado: o seu fraco coração (v.30). Por haver desprezado o amor de Deus, Jerusalém tornou-se insaciável no seu desejo de ser amada, e se entregou à idolatria de forma tão vergonhosa que parecia uma prostituta que pagava para se prostituir em vez de receber para isso (v.31-34).

Castigo vergonhoso (v.35-43)

Tão terrível pecado não pode jamais ficar ser acerto de contas. Chamando o povo à responsabilidade o profeta diz: “**Portanto, ó meretriz, ouve a palavra do SENHOR**” (v.35). É na Palavra de Deus que está a solução para o pecado.

Assim como Jerusalém desonrou Deus diante das nações, Deus traria as nações para verem a desonra que Ele promoveria a Jerusalém por tê-la desonrada diante dos povos (v.36,37). Aquela que foi chamada para ser luz para os povos, tornou-se sinal de vergonha e castigo de Deus.

Terrível desolação sobreviria a Jerusalém refletindo a desolação de seu coração adúltero e idólatra (v.38-41).

No v.42 Deus nos revela que Ele age para com Seu povo com ciúmes, mas, em todo o Seu furor Ele ainda reserva espaço para misericórdia. No v.43 novamente o pecado da ingratidão é demonstrado e condenado por Deus.

Pecaminosidade sem comparação (v.44-58)

“Tal mãe, tal filha” (v.44,45). Jerusalém é uma filha digna daqueles antigos habitantes de Canaã a quem a terra “vomitou” por causa das suas abominações (Lv 18.25,28)¹⁰. Assim como seus antepassados eram promíscuos e idólatras, da mesma forma Jerusalém, apesar de todo o cuidado de Deus para com ela caiu em tão terrível pecado. Não se trata apenas de um pecado pontual, mas, sim, de natureza pecaminosa.

As cidades de Samaria (Síria) e Sodoma (Canaã) que foram destruídas por causa de sua depravação são “irmãs mais novas” de Jerusalém, isto é, o pecado delas nem de longe pode ser comparado ao de Jerusalém (v.46-52).

No v.53 Deus promete restauração por que é Deus misericordioso. Contudo, Ele não deixará de dar a paga (consequências) dos pecados de Jerusalém (v.54-58), “**As tuas depravações e as tuas abominações tu levarás, diz o SENHOR**” (v.58).

Aliança restaurada (v.59-63).

Retomando a promessa do v.53, o SENHOR Deus agora mostra através do profeta que Ele haveria de restaurar Jerusalém porque a Sua aliança com Seu povo é eterna (v.60). Deus prometeu que Jerusalém haveria de recuperar seu estado de “cidade mãe” (v.61).

No estabelecimento dessa aliança algo profundo aconteceria no coração de Jerusalém: ela saberia que Deus é o SENHOR (v.62).

E o perdão de Deus faria com que Jerusalém rompesse com o pecado de vez (v.63).



Para refletir

A nossa pecaminosidade é latente.

Quando desprezamos o amor de Deus, nosso coração sai em busca de amores para se satisfazer, e, como uma prostituta que se oferece a qualquer um, assim nosso coração se oferece a qualquer ídolo.

Somente a graça e o perdão de Deus podem restaurar nosso coração e manter-nos em Sua aliança.

Para semana que vem estude

5.2. As duas águias e a videira em crescimento.....(17.1-24)



Enquanto estudar responda a essas questões

1) O que as figuras das duas águias representam (v.3,7)?

As invasões da Babilônia em Jerusalém.

2) A quem a figura da videira simboliza (v.6)?

Jerusalém

3) O que Jerusalém fez na tentativa de escapar do ataque da Babilônia (v.15)?

Buscou ajuda no Egito

Memorizando a Palavra

Ez 17.24

“Saberão todas as árvores do campo que eu, o SENHOR, abati a árvore alta, elevei a baixa, sequei a árvore verde e fiz reverdecer a seca; eu, o SENHOR, o disse e o fiz”.

¹⁰ BRUCE, 2012, p.790.

Ezequiel 16.1 – 19.14



Perguntas da semana passada

4) O que as figuras das duas águias representam (v.3,7)?

As invasões da Babilônia em Jerusalém.

5) A quem a figura da videira simboliza (v.6)?

Jerusalém

6) O que Jerusalém fez na tentativa de escapar do ataque da Babilônia (v.15)?

Buscou ajuda no Egito

Versículo da semana passada

Ez 17.24

“Saberão todas as árvores do campo que eu, o SENHOR, abati a árvore alta, elevei a baixa, sequei a árvore verde e fiz reverdecer a seca; eu, o SENHOR, o disse e o fiz”.

V – As parábolas de Ezequiel (16.1 – 19.14)

5.1. A Noiva infiel (16.1-63)

5.2. As duas águias e a videira em crescimento (17.1-24)

5.3. A responsabilidade é pessoal (18.1-32)

5.4. A parábola do leão enjaulado (19.1-14)



Visão Geral do Texto

Este capítulo é dividido em três partes: uma parábola (v.1-10), a explicação da parábola (v.11-21) e uma promessa de um futuro melhor (v.22-24). A parábola descreve seres do mundo animal e vegetal se comportando como não se comportam naturalmente os animais e as plantas que elas simbolizam. O significado dessa parábola aponta para a política titubeante de Zedequias que conduziu o povo à essa situação caótica.



Aprofundando no Texto

V – As parábolas de Ezequiel..... (16.1 – 19.14)

5.2. As duas águias e a videira em crescimento (17.1-24)

A parábola (v.1-10)

Por ordem do próprio Deus (v.1) Ezequiel deveria propor um enigma ao povo para que este pensasse no que estava lhe acontecendo (v.2). O enigma dizia o seguinte: uma grande águia vinda do Líbano quebrou com suas garras a ponta mais alta de um cedro (v.3), e a levou para uma terra estrangeira (v.4). Juntamente com a ponta desse cedro (uma madeira nobre que caracterizava o Líbano), a tal águia levou uma muda da terra e a plantou num campo fértil às margens de um rio enorme (v.5), e lá na terra estrangeira, essa muda transplantada tornou-se numa videira “**mui larga e de pouca altura**” (v.6) florescendo e tornando-se cheia de renovos.

Surge uma segunda águia na parábola para a qual a videira estendeu suas raízes e ramos (v.7), às margens de um rio e em boa terra em que estava plantada, essa videira alimentava a expectativa de produzir frutos excelentes (v.8). Mas, essa expectativa cheia de autoconfiança foi abalada por uma pergunta feita por Deus: “**Acaso, prosperará ela? Não lhe arrancará a águia as raízes e não cortará o seu fruto, para que se sequem todas as folhas de seus renovos? Não será necessário nem poderoso braço nem muita gente para a arrancar por**

suas raízes. Mas, ainda plantada, prosperará? Acaso, tocando-lhe o vento oriental, de todo não se secará? Desde a cova do seu plantio se secará” (v.9.10).

A explicação da parábola (v.11-21)

Raras são as parábolas bíblicas que vêm seguidas de sua interpretação. Essa de Ezequiel é uma dessas raras parábolas.

“Não sabeis o que estas coisas significam?” (v.12). Dessa forma Deus mostra o significado da parábola:

- ✓ **A primeira águia:** é Nabucodonosor, rei da Babilônia (v.12);
- ✓ **A ponta do cedro (do Líbano):** Jerusalém, o seu rei Joaquim e os seus príncipes que foram levados para o cativeiro (v.12) na Babilônia, “terra de negociantes; na cidade dos mercadores” (v.4);
- ✓ **A videira baixa e frondosa:** o rei Zedequias que foi deixado em Jerusalém como vassalo de Nabucodonosor; ele tinha uma aparente prosperidade e tranquilidade, mas, não passava de um vassalo, uma condição humilhante (v.13,14);
- ✓ **A segunda águia:** era o faraó do Egito (v.15, Psamético II (595 - 589 a.C.) ou o seu sucessor, Ápries (589 - 570 a.C), também conhecido como faraó Hofra (Jr 44.30). Este faraó atraiu Zedequias com promessa de proteção e provisão a fim de se rebelar contra Nabucodonosor. Zedequias confiou no faraó e isto lhe custou caro. O faraó o abandonou traiçoeiramente a despeito do seu poderoso exército (v.17). O que Zedequias e os judeus não levaram em conta foi que o cativeiro babilônico era resultado da punição de Deus ao Seu povo por este ter abandonado Sua aliança (v.16-19)¹¹;
- ✓ **A muda transplantada:** era o cativeiro na Babilônia do qual somente Deus poderia livrar o Seu povo e isto no tempo por Ele determinado, para que assim todos O conhecessem de verdade (v.20,21).

Promessa de um futuro melhor (v.22-24)

Este trecho traz consigo uma promessa messiânica “o renovo mais tenro” (v.22), o qual era descendente de Davi. Como uma árvore bela e frondosa acolhendo as aves e os animais, assim, o Messias acolheria o Seu povo (comparar com Mt 23.37). Assim como descrito em Jo 15, o Senhor Jesus seria essa videira da qual somos os seus ramos. Assim, Deus que é a esperança real, única e verdadeira não deixaria o Seu povo sem esperança, mas, faria com que os olhos do Seu povo se voltassem para o Messias.

Comentando essa passagem, Carl F. Keil diz¹²:

O cedro (...) que se eleva acima das outras árvores é a casa real de Davi, e o renovo mais tenro que Jeová remove e planta não é a soberania ou reino messiânico (...) mas o próprio Messias (...). A montanha descrita no v.23 como monte alto de Israel é Sião, considerada a sede e o centro do reino de Deus, a ser exaltado pelo Messias acima de todos os montes da terra (Is 2.2). O renovo plantado pelo Senhor crescerá ali e se transformará em cedro frondoso sob o qual as aves se aninhão. O Messias se torna um cedro no reino fundado por ele, no qual todos os habitantes da terra encontram alimento (dos frutos da árvore) e proteção (à sua sombra).



Para refletir

Algumas lições importantes que tiramos desse capítulo são:

- 1) Os políticos sempre nos decepcionam. É loucura confiar neles para o estabelecimento da paz e da ordem em nossa nação;

¹¹ Cf. BRUCE, 2012, p.791.

¹² Cf. MACDONALD, 2011, vol.1, p.710.

2) Deus está no controle de tudo. Quando Ele quer realizar algo nada neste mundo, nenhum poder é capaz de detê-Lo, como pode ser visto no caso aqui de Zedequias que pensava que com a ajuda do Egito poderia vencer Nabucodonosor. O que Zedequias não levou em consideração foi que Nabucodonosor era apenas um instrumento nas mãos de Deus para punir Judá. Deter Nabucodonosor seria impossível porque é impossível deter a mão de Deus.

Para semana que vem estude

5.3. A responsabilidade é pessoal(18.1-32)



Enquanto estudar responda a essas questões

1) Que seria advertência encontramos no v.4?

A alma que pecar essa morrerá. Cada um é responsável por si diante de Deus.

2) Qual promessa é encontrada no v.21?

Se o perverso se converter dos seus maus caminhos e se voltar para Deus, será salvo.

3) Conforme o v.23, qual é o prazer de Deus?

Que o perverso se converta e viva.

Memorizando a Palavra

Ez 18.31

“Lançai de vós todas as vossas transgressões com que transgredistes e criai em vós coração novo e espírito novo; pois, por que morreríeis, ó casa de Israel?”.

Ezequiel 16.1 – 19.14



Perguntas da semana passada

- 4) Que série advertência encontramos no v.4?
A alma que pecar essa morrerá. Cada um é responsável por si diante de Deus.
- 5) Qual promessa é encontrada no v.21?
Se o perverso se converter dos seus maus caminhos e se voltar para Deus, será salvo.
- 6) Conforme o v.23, qual é o prazer de Deus?
Que o perverso se converta e viva.

Versículo da semana passada

Ez 18.31

“Lançai de vós todas as vossas transgressões com que transgredistes e criai em vós coração novo e espírito novo; pois, por que morreríeis, ó casa de Israel?”.

V – As parábolas de Ezequiel(16.1 – 19.14)

- 5.1. A Noiva infiel(16.1-63)
- 5.2. As duas águias e a videira em crescimento(17.1-24)
- 5.3. A responsabilidade é pessoal(18.1-32)**
- 5.4. As parábolas do leão enjaulado e da videira arruinada(19.1-14)



Visão Geral do Texto

No Cap.18 encontramos há um ditado que era popular naqueles dias e o povo de Judá utilizava esse ditado para pôr a culpa de seus pecados em seus antepassados: “**Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram**” (v.2). O ditado aparece em forma de pergunta por que Deus questiona a insanidade do povo em se valer de um ditado tão ímpio como esse. Todo este capítulo Deus mostra que cada um é responsável por seus pecados pelos quais cada um haverá de prestar contas.

O Cap.19 apresenta duas parábolas que expressam uma lamentação contra os últimos reis de Judá antes do cativeiro babilônico, dos quais não sabemos exatamente a identidade, mas é provável que correspondam a Jeoacaz, Joaquim e Zedequias.



Aprofundando no Texto

O Cap. 18 é dividido em três partes: Um ditado popular para os homens, mas, impopular para Deus (v.1-4), os princípios divinos para o juízo (v.5-24), a hipocrisia dos perversos e a santidade de Deus (v.25-32).

5.3. A responsabilidade é pessoal (18.1-32)

Um ditado popular para os homens, mas, impopular para Deus (v.1-4)

O SENHOR Deus inicia perguntando o que o povo de Israel tinha de usar um ditado profano que em nada corresponde ao Seu santo caráter. Eis o ditado: “**Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram**” (v.2). E evocando Sua autoridade suprema, o SENHOR Deus declarou que tão certo como Ele vive e existe, o povo jamais voltaria a usar esse provérbio popular porque Ele Se faria conhecer (v.3). Todos os seres

humanos pertencem a Deus e por isso mesmo Ele é o único que com justiça pode retribuir a cada um conforme as suas obras. Mas, jamais uma pessoa morrerá no lugar da outra, cada um levará o seu pecado e as consequências (v.4). **A única vez que Deus aceitou que a culpa de um recaísse sobre outro foi na cruz, quando recaiu sobre Jesus a culpa dos nossos pecados e Ele nos justificou.**

Os princípios divinos para o juízo (v.5-24)

É importante termos em mente aqui que aquele que aqui é descrito como justo, não se refere a alguém que foi justificado pelo sacrifício de Cristo como apontamos na aplicação dos v.1-4. O termo “justo” e “ímpio” aqui neste texto são sinônimos de “honesto” e “desonesto”, “direito” e “torto”, “decente” e “indecente”, “alguém que preza pela moral” e “alguém que é imoral”, “alguém que anda na lei” e “um fora da lei”. Sabemos que entre os não convertidos (e não justificados por Cristo) encontramos pessoas que vivem decentemente, que são honestos em seus negócios, e que têm uma moral ilibada. O problema é que se uma pessoa vive assim ela não está fazendo nada mais do que a obrigação dela perante mesmo não sendo convertida. **O nosso problema com as nossas obras não é realizar obras boas e justas, mas, sim, obras boas e justas cujo padrão de bondade e justiça seja o de Deus.** É fácil nos compararmos aos assassinos e dizermos que somos pessoas boas. O difícil (e até mesmo impossível) é compararmos nossa bondade e justiça com a bondade e justiça de Deus! É por isso que precisamos de Jesus, pois, só um Deus bom e justo poderia conferir-nos Sua bondade e justiça para assim sermos aceitos diante de Deus.

Vemos aqui cinco princípios que Deus usa para executar o juízo e a justiça¹³. Os pecados aqui listados e que são evitados pelos justos, mas, praticados pelos ímpios são classificados como pecados de idolatria, imoralidade, injustiça social, desonestidade e ganância.

1º Princípio: O homem que evita o pecado e vive em retidão **certamente viverá** (v.5-9);

2º Princípio: O filho ímpio do homem justo **será morto** (v.10-13). Os judeus se gabavam de serem “filhos de Abraão” (cf. Lc 3.8; Jo 8.39). Deus deixa claro que de nada lhes adianta ter um pai justo se viviam de modo ímpio. Também temos a tendência de nos escorar na espiritualidade de outros. A justiça e a santidade de nossos pais e líderes piedosos deve ser uma realidade em nossa vida, ou seja, servir-nos de exemplo para agirmos como eles.

3º Princípio: O filho justo de um homem ímpio **certamente viverá** (v.14-17), mas o **pai ímpio morrerá por causa da sua iniquidade** (v.18).

4º Princípio: O **perverso** que se arrepende e se converte **de todos os pecados que cometeu (...)** **certamente viverá** (v.21-23); no v.22 Deus promete não mais se lembrar dos pecados cometidos. Há uma grande diferença entre não se lembrar e se esquecer. Se Deus se esquecesse dos nossos pecados não teríamos garantia alguma de que Ele também não se esqueceria de nós. Contudo Ele promete não mais se lembrar, ou seja, ficar jogando em nosso rosto nos acusando de pecados cometidos. Ele não se lembra, ou seja, não traz à nossa memória quando cometemos mais um pecado e nos aproximamos Dele pedindo Seu perdão.

¹³ MACDONALD, 2011, vol.1, p.710.

5º Princípio: O justo que se desviar da sua justiça e cometer iniquidade (...) morrerá (v.24). Aquele (ou seja, todos os seres humanos) que deixar de fazer aquilo que Deus estipulou como bom e justo haverá de receber a justiça de Deus contra ele.

É comum ouvirmos as pessoas dizerem que o v.20 contradiz Ex 20.5 que diz que Deus visita a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração dos que Lhe desobedecem. O que Ex 20.5 está dizendo é que os filhos sentem os efeitos dos delitos dos pais, mas, isso não isenta alguém de sua responsabilidade. Aqui no v.20 o castigo é temporal e não eterno.

Outro fator importante aqui é que os princípios expostos nos v.5-24 não se referem à vida eterna, pois, do contrário, seríamos obrigados a concluir que a salvação é por obras (v.5-9) e que o justo pode se perder mesmo depois de ter recebido a salvação em Cristo. Essas duas conclusões são totalmente contrárias à Palavra de Deus (veja por exemplo, Ef 2.9,9; Jo 10.28).

A hipocrisia dos perversos e a santidade de Deus (v.25-32)

Nestes versículos encontramos o povo acusando o SENHOR Deus de ser injusto, ao que Ele responde mostrando que a injustiça estava no povo dizendo: “**Não é o meu caminho direito? Não são os vossos caminhos tortuosos?**” (v.25,29). Apesar da hipocrisia e impiedade do povo, Deus promete que se o perverso abandonar o seu caminho perverso e se converter a Ele receberá Sua misericórdia (v.27,28).

Os v.30-32 constituem-se num chamado de Deus ao arrependimento, conversão, abandono do pecado e reconciliação com Ele. A verdadeira conversão é vista quando o pecador abandona o pecado e passa a viver de forma agradável a Deus, isto é, em santidade de vida.

5.4. As parábolas do leão enjaulado e da videira arruinada (19.1-14)

O leão enjaulado (v.1-9)

A leoa aqui representa Judá, os leões são as outras nações, e, os leóezinhos são seus governantes (v.2). O filhotinho que veio a ser um leãozinho talvez seja Jeoacaz, o qual foi capturado e levado preso para o Egito (v.4). O outro filhote (v.5) talvez seja Joaquim. O que Deus quis mostrar aqui é que Judá não é diferente de todas as outras nações, pois, comporta-se com igual impiedade como leoa entre leões. Os líderes das nações são ferozes e egoístas. **O Senhor espera que Seu povo seja diferente. Do contrário, atrairá sobre si o juízo divino.**

A videira arruinada (v.10-14)

Judá e sua capital Jerusalém, são comparadas à uma videira que frutificou e se encheu de ramos. Em outros tempos teve reis poderosos (“galhos fortes”, v.11), mas, seria destruída pela Babilônia, “**o vento oriental**” (v.12), e o povo seria levado para o cativeiro (v.11-13). O rei Zedequias é fogo que saiu dentre os ramos da videira, isto é, de Judá, e “**consumiu o seu fruto**”, ou seja, ele foi a causa da ruína do seu povo.

No passado, Israel desejava ter um rei à semelhança das outras nações. Aqui, Ezequiel mostra o último ato dos reis de Israel. Se Israel tivesse se submetido ao Rei Eterno em vez de trocá-lo por reis humanos não teria acontecido tamanha tragédia. **Deus quer que Seu povo seja diferente no mundo, um povo santo para Ele, que O reconhece como Seu Rei.**



Para refletir

- 1) Praticar a justiça é dever de todo homem, quer seja crente ou não. A prática da justiça traz benefícios a quem a pratica. Uma consciência tranquila e limpa depende de uma vida piedosa e temente a Deus.
- 2) A misericórdia de Deus está disponível ao mais perverso dos homens, desde que este haja com arrependimento, abandono do pecado, conversão sincera a Deus e submissão total a Ele.
- 3) Deus nos chamou para sermos santos neste mundo. Qualquer outro estilo de vida está fora do que Deus requer de Seus filhos.

Para semana que vem estude

VI – Os últimos dias de Jerusalém (20.1 -24.27)

6.1. Um lamentável histórico de desobediência..... (20.1-44)

6.2. Os quatro oráculos da espada..... (20.45 – 21.32)

6.3. Mais três oráculos contra Jerusalém (22.1-31)

6.4. As duas irmãs promíscuas..... (23.1-49)

6.5. Jerusalém é sitiada (24.1-27)



Enquanto estudar responda a essas questões

1) Nos v.9 e 22 o SENHOR Deus declara qual foi a razão Dele ter tirado Israel do Egito e o transformado num povo. Qual foi essa razão?

Por amor do Seu Nome.

2) Conforme o v.24 o que causou o juízo de Deus contra o povo?

O povo rejeitou a Deus e não guardou os Seus estatutos.

3) Qual promessa Deus fez nos v.33-38?

Que haveria de reunir o Seu povo ao término do cativeiro.

Memorizando a Palavra

Ez 20.11

“Dei-lhes os meus estatutos e lhes fiz conhecer os meus juízos, os quais, cumprindo-os o homem, viverá por eles”.

Ezequiel 20 – 24

Perguntas da semana passada

4) Nos v.9 e 22 o SENHOR Deus declara qual foi a razão Dele ter tirado Israel do Egito e o transformado num povo. Qual foi essa razão?
Por amor do Seu Nome.

5) Conforme o v.24 o que causou o juízo de Deus contra o povo?
O povo rejeitou a Deus e não guardou os Seus estatutos.

6) Qual promessa Deus fez nos v.33-38?
Que haveria de reunir o Seu povo ao término do cativeiro.



Versículo da semana passada

Ez 20.11

“Dei-lhes os meus estatutos e lhes fiz conhecer os meus juízos, os quais, cumprindo-os o homem, viverá por eles”.

VI – Os últimos dias de Jerusalém(20.1 -24.27)

6.1. Um lamentável histórico de desobediência.....(20.1-44)

6.2. Os quatro oráculos da espada.....(20.45 – 21.32)

6.3. Mais três oráculos contra Jerusalém(22.1-31)

6.4. As duas irmãs promíscuas.....(23.1-49)

6.5. Jerusalém é sitiada(24.1-27)



Visão Geral do Texto

Quando Nabucodonosor ficou sabendo que Zedequias havia quebrado o tratado com ele e recorrido ao Egito (21.18ss), sua ira e acendeu contra Jerusalém. A queda da Casa de Davi era inevitável. Todo esse trecho do livro (20 – 24) dá-se um ano depois dos acontecimentos do Cap.19. Este trecho traz vários oráculos (profecias) assustadores contra Judá por causa de sua terrível idolatria. Aqui em 20.1-44 encontramos o primeiro oráculo que se constitui numa retrospectiva da história de Israel mostrando sua infidelidade para com Deus mesmo depois de tudo o que Ele fizera pelo povo.



Aprofundando no Texto

Este trecho se divide em três partes. Vejamos cada uma delas.

Os líderes consultam o profeta Ezequiel (v.1-3)

“No quinto mês do sétimo ano, aos dez dias do mês, vieram alguns anciãos de Israel para consultar o SENHOR...”. Estes anciãos mostravam-se ortodoxos, pois, mantiveram a prática de se consultar o profeta de Deus. Mas, seus corações estavam presos em seus ídolos. Por essa razão Deus mandou Ezequiel lhes dizer que em vez de respostas aos seus questionamentos, eles ouviriam, sim, novamente, a condenação de Deus por terem-No trocado por ídolos.

Estes anciãos estavam preocupados com seu futuro, mas, não estavam preocupados com a glória de Deus. **De nada adianta nos preocuparmos com o dia de amanhã se em nosso coração não estiver o desejo de glorificar a Deus.**

A histórica infidelidade de Israel (v.4-31)

Nestes versículos vemos cinco momentos da história de Israel em que este se portou com infidelidade a Deus.

- ✓ **Infidelidade no Egito (v.4-8):** “**Julgá-los-ias, tu, ó filho do homem, julgá-los-ias?**”. No Egito Israel foi influenciado pela idolatria dos egípcios. Com essa pergunta ao profeta Deus o chama a concordar com Seu juízo e a confrontá-los com suas práticas abomináveis de idolatria (v.4). O SENHOR Deus os lembra da situação deplorável em que Israel se encontrava no Egito e que de lá o tirara com Sua poderosa mão de misericórdia (v.5,6). Mas Deus não chamara a Israel somente para a liberdade, mas, também para a santidade (v.7) o que inclui abandonar toda espécie de pecado. Apesar dessa demonstração de amor e misericórdia, Israel se rebelou contra Deus não atendendo ao Seu chamado de santidade, não tiraram de diante de seus olhos os ídolos, isto é, ainda continuaram adorando seus ídolos, o que acarretou na ira de Deus contra o povo (v.8);
- ✓ **Infidelidade da primeira geração no deserto (v.9-17):** O pecado foi castigado, pois, era o Nome de Deus que estava sendo ridicularizado pela idolatria (v.9,14)). Aquela geração que saíra do Egito foi duramente castigada por Deus, pois, desprezou tudo quanto o SENHOR Deus lhe dera para identifica-la com Sua santidade, a saber, “**estatutos (...) os quais, cumprindo-os o homem, por eles viverá**” (v.11), os Seus “**sábados para servirem de sinal**” (v.12) da aliança que Deus estabelecera com Seu povo. Em vez de zelar por tudo isso, os filhos de Israel “**profanaram grandemente**” e desprezaram os estatutos do SENHOR Deus (v.13). Como castigo aquela geração foi impedida de entrar na terra prometida (v.15). A causa de todo esse pecado está no v.16 onde Deus declara que os ídolos lhes cegaram o coração. Mas, o Deus que deixou de ser visto por Seu povo, nunca deixou de ver Seu povo, e por isso mesmo agiu com misericórdia (v.17).
- ✓ **Infidelidade da segunda geração no deserto (v.18-26):** A primeira geração tombou no deserto, e enquanto o último dela não morreu, a segunda geração não pode entrar em Canaã (veja Nm 14.31,33). Porém, os descendentes não foram melhores que seus progenitores. A mesma ordem, a mesma aliança e os mesmos recursos que tiveram os progenitores, também tiveram os descendentes (v.18-20), mas, infelizmente, agiram igual a seus pais (v.21). Deus novamente demonstra Sua misericórdia por amor do Seu Nome (v.22). O castigo, porém, foi diferente. Seus progenitores não puderam entrar na terra; eles, por sua vez, seriam expulsos da terra pelas mãos dos inimigos (v.23). Os estatutos de Deus que são santos e puros, tornaram-se em instrumentos de morte para eles (v.25). A lei não salva o transgressor, mas, somente pode aplicar os rigores aos transgressores. O v.26 nos lembra Rm 1.24,26 que declara que Deus entrega “**a si mesmos**”, ou seja, aos seus próprios desejos pecaminosos os obstinados em sua rebeldia.
- ✓ **Infidelidade na terra prometida (v.27-29):** uma vez estando na terra prometida da qual eles deveriam banir toda espécie de idolatria e pecado, o que infelizmente não fizeram, os israelitas copiaram toda idolatria deles afastando-se de Deus; trocaram por “**lugares altos**” Aquele cujo “**nome tem sido Lugar Alto, até o dia de hoje**” (v.29).
- ✓ **Infidelidade até no exílio? (v.30,31):** Judá estava na Babilônia sofrendo por conta da idolatria que praticara em sua terra. Estando ali na Babilônia sofrendo, Judá ainda teve o desplante de cair na idolatria dos babilônios! Que absurdo!

A promessa do juízo e da restauração divina (v.32-44)

Independente da obstinada idolatria e rebeldia do povo, Deus prometeu refreá-lo, e com Sua mão poderosa e firme prometeu-lhes fazer voltar para o caminho do qual não deveriam ter se afastado (v.32,33).

Deus lhes prometeu trazer-lhes de volta para sua terra (v.34) e de fato o fez. No v.35 Ele prometeu-lhes estabelecer Seu juízo “**face a face**”. Pode haver coisa mais apavorante que isso? “**Far-vos-ei passar debaixo do meu cajado e vos sujeitarei à disciplina**” (v.37). Temos aqui uma figura em que o pastor fazia suas ovelhas passarem debaixo de seu cajado a fim de conta-las uma a uma e separar as que não eram suas. A ideia aqui é a de Deus passando em revista cada um do povo para separar “**os rebeldes e os que transgrediram**” contra Ele (v.38). Essa era a promessa do juízo. A seguir temos a promessa da restauração.

Nos v.39-44 temos a promessa da restauração de Deus na qual o povo seria trazido à sua terra novamente, para ser restaurado e com ele Deus estabelecer Sua aliança na qual Ele lhes seria o Seu único Deus diante do qual o povo deveria viver em santidade.



Para refletir

- 4) Aquilo que colocamos diante dos nossos olhos determinará a forma como viveremos; se forem ídolos ficaremos cegos; se, porém nossos olhos estiverem fitos no SENHOR Deus certamente viveremos em santidade de vida (2Cr 20.12; Sl 123.2; 141.8; Hb 12.1-3).
- 5) O chamado de Deus para o Seu povo é para uma vida de santidade. Sem santificação ninguém verá a Deus (Hb 12.14), porque nunca de fato viu a Deus.

Para semana que vem estude

VI – Os últimos dias de Jerusalém	(20.1 -24.27)
6.1. Um lamentável histórico de desobediência	(20.1-44)
6.2. Os quatro oráculos da espada.....	(20.45 – 21.32)
6.3. Mais três oráculos contra Jerusalém	(22.1-31)
6.4. As duas irmãs promíscuas.....	(23.1-49)
6.5. Jerusalém é sitiada	(24.1-27)



Enquanto estudar responda a essas questões

- 1) Como as pessoas recebiam as profecias de Ezequiel (cf. 20.49)?
Com zombaria e desdém.
- 2) Mas como eles deveriam receber a Palavra de Deus através de Ezequiel (cf. 21.7)?
Com temor e desespero por causa de seus pecados.
- 3) Qual a promessa de Deus em 21.31,32?
O Seu juízo viria sobre a terra.

Memorizando a Palavra

Ez 21.3

“Dize à terra de Israel: Assim diz o SENHOR: Eis que sou contra ti, e tirarei a minha espada da bainha, e eliminarei do meio de ti tanto o justo como o perverso”.

Ezequiel 20 – 24



Perguntas da semana passada

- 4) Como as pessoas recebiam as profecias de Ezequiel (cf. 20.49)?
Com zombaria e desdém.
- 5) Mas como eles deveriam receber a Palavra de Deus através de Ezequiel (cf. 21.7)?
Com temor e desespero por causa de seus pecados.
- 6) Qual a promessa de Deus em 21.31,32?
O Seu juízo viria sobre a terra.

Versículo da semana passada

Ez 21.3

“Dize à terra de Israel: Assim diz o SENHOR: Eis que sou contra ti, e tirarei a minha espada da bainha, e eliminarei do meio de ti tanto o justo como o perverso”.

VI – Os últimos dias de Jerusalém	(20.1 -24.27)
6.1. Um lamentável histórico de desobediência	(20.1-44)
6.2. Os quatro oráculos da espada.....	(20.45 – 21.32)
6.3. Mais três oráculos contra Jerusalém	(22.1-31)
6.4. As duas irmãs promíscuas.....	(23.1-49)
6.5. Jerusalém é sitiada	(24.1-27)



Visão Geral do Texto

Neste trecho do livro encontramos profecias (oráculos) contra Jerusalém, Babilônia e Amom. A figura usada para representar essas profecias é a da espada que representa o castigo de Deus contra os pecadores. Babilônia seria a “espada” de Deus contra Seu povo rebelde, mas, também haveria de sofrer o castigo divino por sua impiedade. Este trecho é um paralelo impressionante com o Dia do Juízo Final.



Aprofundando no Texto

6.2. Os quatro oráculos da espada (20.45 – 21.32)

Uma espada contra Jerusalém (20.45 – 21.7)

O “sul” aqui é Judá. Quem vinha da Babilônia para Judá vinha em direção ao sul. No v.45-49 a região sul é comparada à uma floresta que haveria de ser incendiada. Quem atearia esse “fogo” (ou seja, o juízo) seria o próprio SENHOR Deus. O castigo de Deus viria pelas mãos do exército da Babilônia (21.2-5).

O “sul” aqui é descrito em 21.2 por “**Jerusalém, o santuário e Israel**”. Os três seriam devastados pela “espada” do SENHOR Deus, isto é, pela Babilônia. A imagem de Deus com Sua espada desembainhada é aterrorizante (21.3), e o profeta Ezequiel suspirou diante de tal visão, pois, sabia do grande sofrimento que viria sobre o povo. Aquelas “novas” (notícias do juízo de Deus) eram apavorantes: “**Quando elas vêm, todo coração desmaia, todas as mãos se afrouxam, todo espírito se angustia, e todos os joelhos se desfazem em água; eis que elas vêm e se cumprirão, diz o SENHOR Deus**” (21.7).

Isso nos faz pensar em como devemos anunciar ao mundo sobre a volta do Senhor Jesus e o Dia do Juízo Final. Se foi aterrorizante aos olhos de Ezequiel o juízo que Deus

executou naqueles dias contra o Seu povo, muito pior será o Dia do Juízo Final. Tem faltado da parte da Igreja de Cristo anunciar ao mundo o Dia do Juízo com muito maior intensidade e temor!

O oráculo da espada (21.8-17)

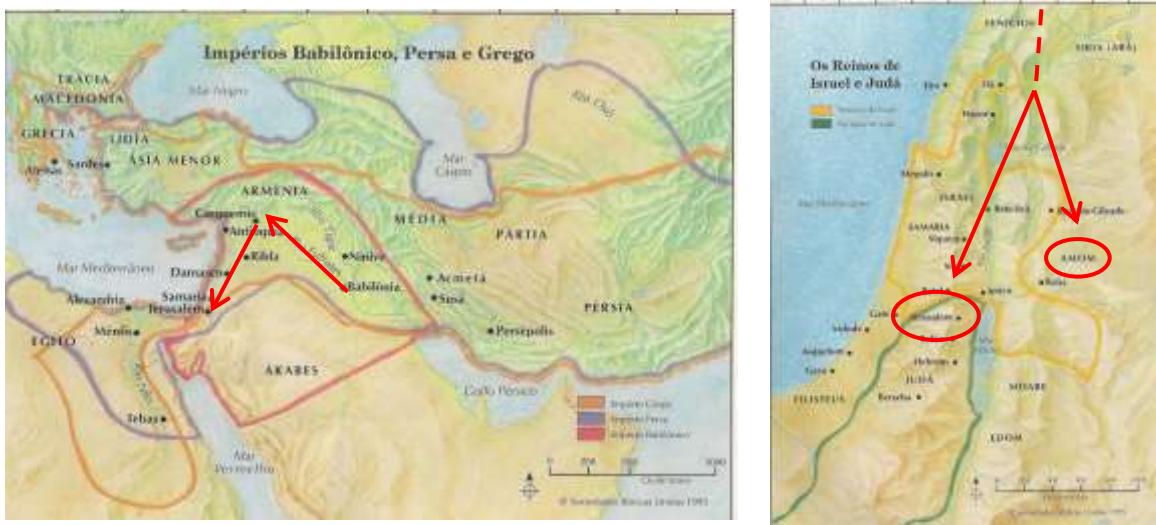
“Assim diz o SENHOR: A espada, a espada está afiada e polida; afiada para matança, polida para reluzir como relâmpago” (v.9). Esse era o oráculo que Deus ordenara Ezequiel proclamar diante do povo.

Os v.10 e 11 mostram a arrogância do povo (v.10) sendo rebatida por Deus que reafirma que o Seu juízo é inevitável (v.11).

“...dá, pois, pancadas na tua coxa” (v.12), ou seja, Ezequiel deveria esmurrar-se num gesto de aflição ao ver o juízo de Deus contra a arrogância de Israel (v.13). Ainda que o povo não lhe desse ouvidos, Ezequiel deveria continuar profetizando e chamando a atenção do povo batendo palmas numa ação vigorosa anunciando o terror que viria sobre o povo.

Assim como Judá não estava em tempos de se alegrar, mas, de sofrimento por causa do juízo de Deus, em nossos dias os ímpios vivem alegres não se importando com o terro que lhes sobrevirá no Dia do Juízo Final.

A espada do rei da Babilônia (21.18-27)



Estes versículos descrevem o exército da Babilônia comandado por Nabucodonosor marchando do Norte para o Sul, isto é da Babilônia (Norte da Mesopotâmia) para Judá (Sul da Palestina). Em certo ponto do caminho passando pela Síria ele se encontrou numa encruzilhada na qual ele tinha de decidir qual direção tomar (v.19); se fosse para direita iria para Jerusalém, se fosse para esquerda, para Rabá (atual Amã). Nabucodonosor se utilizou de três métodos pagãos para lançar sortes e saber o que deveria fazer:

- ✓ Adivinhação por meio de duas flechas, sendo que uma tinha o nome “Jerusalém” e a outra “Rabá”. Ambas estavam na aljava pendurada nas costas. A que ele pegasse mostraria qual cidade atacar. Ele pegou a que estava escrito “Jerusalém”.
- ✓ Oráculos dos ídolos. Não temos uma descrição exata desses oráculos. Porém, eles também indicaram Jerusalém e não Rabá.
- ✓ Hepatoscopia. Utilizando fígado de animais sacrificados, os pagãos diziam poder conhecer o futuro e tomar decisões. Como exatamente faziam não sabemos. Contudo, neste caso aqui também deu como resultado Jerusalém.

Os v.22 e 23 nos mostram que Deus permitiu que esses métodos fossem utilizados, e por mais que parecessem ridículos e mentiroso aos olhos dos judeus (v.24), Deus estava ali dando a Nabucodonosor toda a certeza de que era Jerusalém que ele deveria atacar. **Deus não aprova esse tipo de prática; porém, Ele é soberano para usar o que Ele bem quiser para cumprir os Seus desígnios.** Isso acontece conosco. Quantas vezes Deus usa um ímpio, ou uma situação para nos ensinar e mostrar a Sua vontade! Às vezes numa conversa informal com um ímpio, sem que este saiba de alguma coisa, ele nos diz algo que, se estivermos atentos veremos que Deus o está usando para nos corrigir ou revelar os Seus propósitos a nós!

O oráculo da espada contra Amom (21.28-32)

Poderiam os amonitas dar-se por seguros uma vez que vissem Nabucodonosor indo para Jerusalém e não da Amom (Rabá)? De forma alguma. Jerusalém apenas seria atacada primeiro. Logo depois de Jerusalém ser destruída, Nabucodonosor se voltaria contra Amom (Rabá) também dando a ele o castigo de Deus. Dos mesmos pecados que Jerusalém foi acusada por Deus, Amom também foi. **A pecaminosidade do ser humano é igual a todos. Longe de Deus o homem continua num estado deplorável; e todos são merecedores do mesmo.**

Para refletir



Ezequiel tinha uma mensagem nem um pouco agradável ao povo, mas, não poderia se esquivar de dá-la como Deus lhe ordenara. De igual forma somos nós.

Temos a incumbência dada por Deus de anunciarmos ao mundo que o Juízo de Deus é certo e não tardará em acontecer. Ainda que nossa mensagem pareça ridícula ao mundo devemos dá-la com toda força da nossa alma. Devemos dizer ao mundo que a única forma de escaparem da ira de Deus é correndo para Ele.

Para semana que vem estude

VI – Os últimos dias de Jerusalém	(20.1 -24.27)
6.1. Um lamentável histórico de desobediência	(20.1-44)
6.2. Os quatro oráculos da espada.....	(20.45 – 21.32)
6.3. Mais três oráculos contra Jerusalém	(22.1-31)
6.4. As duas irmãs promíscuas.....	(23.1-49)
6.5. Jerusalém é sitiada	(24.1-27)

Enquanto estudar responda a essas questões



1) Conforme o v.4, que era o responsável pela ruína de Jerusalém?

Ela própria

2) O que os príncipes e profetas estavam fazendo em relação ao povo (v.27-29)?

Enquanto os príncipes exploravam e extorquiam o povo, os falsos profetas faziam vistos grossas.

Memorizando a Palavra

Ez 22.30

“Busquei entre eles um homem que tapasse o muro e se colocasse na brecha perante mim, a favor desta terra, para que eu não a destruísse; mas a ninguém achei”.

Ezequiel 20 – 24



Perguntas da semana passada

3) Conforme o v.4, que era o responsável pela ruína de Jerusalém?

Ela própria

4) O que os príncipes e profetas estavam fazendo em relação ao povo (v.27-29)?

Enquanto os príncipes exploravam e extorquiam o povo, os falsos profetas faziam vistos grossas.

Versículo da semana passada

Ez 22.30

“Busquei entre eles um homem que tapasse o muro e se colocasse na brecha perante mim, a favor desta terra, para que eu não a destruísse; mas a ninguém achei”.

VI – Os últimos dias de Jerusalém (20.1 -24.27)

6.1. Um lamentável histórico de desobediência (20.1-44)

6.2. Os quatro oráculos da espada (20.45 – 21.32)

6.3. Mais três oráculos contra Jerusalém (22.1-31)

6.4. As duas irmãs promíscuas (23.1-49)

6.5. Jerusalém é sitiada (24.1-27)



Visão Geral do Texto

Toda espécie de pecado tem sua origem na idolatria. No momento em que o homem dá as costas para Deus e se volta para algum ídolo (quer seja este uma imagem ou um desejo de seu coração) abre as portas para todos os outros pecados pelo fato de que retirou de sua vida os “limites” que Deus por meio de Sua Palavra coloca para nós. Quando Deus não é mais importante para uma pessoa, os pecados que antes eram evitados passam a ser praticados livremente. Foi justamente isso que aconteceu com Jerusalém. Aqui neste capítulo Deus descreve como Jerusalém uma vez que entrou no caminho da idolatria abriu as portas para todos os outros pecados.



Aprofundando no Texto

6.3. Mais três oráculos contra Jerusalém (22.1-31)

Cada um dos três oráculos começa com a declaração do profeta “**Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo**” (v.1, 17 e 23). Em nota introdutória a este capítulo, Matthew Henry diz¹⁴:

“Aqui está uma lista dos seus pecados, pela qual eles haviam se exposto à vergonha, e pela qual Deus os destruiria (v.1-6). Eles são aqui comparados à escória, e são condenados como a escória para o fogo (v.17-22). Os homens de todas as classes e níveis entre eles são achados culpados de negligência do dever da sua posição e de terem contribuído com a culpa nacional. Portanto, visto que ninguém compareceu como intercessor, todos devem esperar compartilhar o mesmo castigo (v.23-31). ”

¹⁴ HENRY, 2010, p.719.

Uma lista de pecados vergonhosos que resultariam no juízo de Deus (v.1-16)

Deus chama Ezequiel a postar-se como juiz diante do povo e a proferir a sentença divina. Os pecados aqui alistados podem ser classificados em:

- ✓ Assassinato (v.3,4,6,9), provavelmente incluiu-se aqui os sacrifícios humanos nos cultos idólatras;
- ✓ Descaso pelos pais (v.7), quebrando descaradamente o 5º mandamento;
- ✓ Injustiça social (v.7), desprezando a viúva, o órfão e o estrangeiro;
- ✓ Profanação das coisas sagradas (v.8,9), como o Dia do Senhor e o Seu culto;
- ✓ Calúnia (v.9);
- ✓ Imoralidade (v.10,11), onde toda sorte de pecados sexuais era praticada;
- ✓ Suborno, usura e extorsão (v.12), pecados que revelam a ganância de um coração.

Todos esses pecados são resultado de corações que trocaram a vontade de Deus por sua própria vontade.

Nos v.13-16 Deus apresenta a Sua sentença condenatória. A pergunta que Ele fez: “**Estará firme o teu coração? Estarão fortes as tuas mãos, nos dias em que eu vier a tratar contigo?**” (v.13,14) são aterrorizantes. Existe algo pior a ser enfrentado do que a ira de Deus?

O povo comparado à escória, e como tal, condenado (v.17-22)

Usando a figura de um forno onde o ourives trabalha metais como cobre, estanho, ferro e chumbo para se obter um metal resistente, o profeta faz o seguinte paralelo dessa figura com a condição de Jerusalém:

- ✓ A impureza dos pecados de Jerusalém comparada à impureza dos metais (aqui chamada de escória);
- ✓ O calor abrasador da ira de Deus contra o pecado é comparado ao fogo que o metalúrgico usa para fundir os metais;
- ✓ Jerusalém fumegaria por causa da ira de Deus tal como o forno de fundição;

Outros profetas lançaram mão dessa mesma figura: Is 1.22,25; 48.10; Jr 6.27-30; 9.7; Zc 13.9; Ml 3.3.

Nenhum intercessor; todos são pecadores; todos são condenados (v.23-31)

Os príncipes, os profetas, os sacerdotes e o povo, todos eram pecadores depravados; nenhum sequer se apresentou para se colocar na brecha, ou seja, para interceder pelo povo junto a Deus, porque todos se corromperam.

Os profetas do povo são acusados de conspirarem contra o povo querendo se tornar senhores de suas vidas e bens (v.25); os sacerdotes não só transgrediam a lei de Deus como também ensinavam o povo a fazerem o mesmo (v.26); os príncipes do povo se portavam como lobos no meio do rebanho devorando o povo (v.27); os profetas do povo, diante de tudo isso faziam vistas grossas e ainda dizendo que Deus os havia mandado dizer e fazer tais coisas (v.28), quando na verdade Deus jamais aceitaria práticas como as descritas no v.29.

Comentando os v.30 e 31 Matthew Henry diz¹⁵:

“Observe: (1) O pecado faz uma brecha na cerca de proteção que está em redor de um povo, pela qual as coisas boas saem e as coisas ruins entram. Sim, uma brecha pela qual entra a destruição. (2) Há uma maneira de se colocar na brecha, e fazer um obstáculo contra os juízos de Deus, pelo arrependimento, pela oração, e pela correção. Moisés se colocou na brecha quando

¹⁵ HENRY, 2010, p.724.

intercedeu por Israel para desviar a ira de Deus, Salmos 106.23. (3) Quando Deus se posiciona contra um povo pecador, ou contra os pecadores de um povo para destruí-los, Ele espera que alguns intercedam por eles e pergunta se há pelo menos um que o faça. Tamanho é o seu desejo e prazer em mostrar misericórdia. Se houver ao menos um homem que se coloque na brecha, como Abraão por Sodoma, o Senhor o verá e sentirá uma grande satisfação. (4) E muito mau para um povo quando os juízos estão vindo contra eles, e o espírito de oração é retido, de forma que ninguém deseje lhes falar uma boa palavra, ou falar uma boa palavra a favor deles. (5) Quando ocorre uma situação como esta, o que se pode esperar além de uma destruição completa? Por isso, eu derramei sobre eles a minha indignação (v.31)".

Para refletir



Jerusalém afundou num lamaçal de pecado no momento em que deixou de adorar a Deus para cultuar falsos deuses e os ídolos que o seu próprio coração criara contra si mesma (v.3). Ao trocarmos Deus por ídolos em nosso coração não nos esqueçamos que toda a ruína e destruição que haveremos de sofrer não passam de consequências dos nossos atos idólatras (cf. v.4).

Quando o SENHOR Deus Se apresentar em juízo, estará firme o nosso coração e fortes as nossas mãos (cf. v.14)? Nosso coração e as nossas mãos devem estar nas mãos de Cristo, pois, só Ele pode nos garantir diante da ira de Deus.

Para semana que vem estude

VI – Os últimos dias de Jerusalém	(20.1 -24.27)
6.1. Um lamentável histórico de desobediência	(20.1-44)
6.2. Os quatro oráculos da espada.....	(20.45 – 21.32)
6.3. Mais três oráculos contra Jerusalém	(22.1-31)
6.4. As duas irmãs promíscuas	(23.1-49)
6.5. Jerusalém é sitiada	(24.1-27)



Enquanto estudar responda a essas questões

- 1) Quem são Oolá e Oolibá (v.4)?
Samaria e Jerusalém.
- 2) E de qual pecado elas são acusadas aqui?
De trocarem Deus pelos deuses dos pagãos.
- 3) E qual foi o castigo delas?
Tornarem-se escravas dos povos cujos deuses eles adoraram no lugar do SENHOR.

Memorizando a Palavra

Ez 23.49

“O castigo da vossa luxúria recairá sobre vós, e levareis os pecados dos vossos ídolos; e sabereis que eu sou o SENHOR Deus”.

Ezequiel 20 – 24



Perguntas da semana passada

- 4) Quem são Oolá e OOlíbá (v.4)?
Samaria e Jerusalém.
- 5) E de qual pecado elas são acusadas aqui?
De trocarem Deus pelos deuses dos pagãos.
- 6) E qual foi o castigo delas?
Tornarem-se escravas dos povos cujos deuses eles adoraram no lugar do SENHOR.

Versículo da semana passada

Ez 23.49

“O castigo da vossa luxúria recairá sobre vós, e levareis os pecados dos vossos ídolos; e sabereis que eu sou o SENHOR Deus”.

VI – Os últimos dias de Jerusalém	(20.1 -24.27)
6.1. Um lamentável histórico de desobediência	(20.1-44)
6.2. Os quatro oráculos da espada.....	(20.45 – 21.32)
6.3. Mais três oráculos contra Jerusalém	(22.1-31)
6.4. As duas irmãs promíscuas	(23.1-49)
6.5. Jerusalém é sitiada	(24.1-27)



Visão Geral do Texto

Este longo capítulo retrata a história das apostasias do povo de Deus e dos resultados destas apostasias. Utilizando a analogia de prostituição e adultério físicos, o SENHOR Deus revela a podridão da idolatria de Seu povo que o trocou pelos ídolos. Aqui os reinos de Israel e Judá, respectivamente com as suas capitais, Samaria e Jerusalém, são consideradas distintamente.

Este capítulo é divido da seguinte forma: (1) A apostasia de Israel e de Samaria em relação a Deus e a sua ruína por causa disso (v. 1-10); (2) A apostasia de Judá e Jerusalém em relação a Deus e a sentença contra o seu povo, que sofreu igual castigo de seus irmãos do Norte (v.11-35), e, (3) A impiedade conjunta deles e a ruína dos dois juntos (v.36-49).

E tudo o que está escrito para a advertência contra os pecados de idolatria, e a confiança em braços de carne, e associações e alianças com um povo ímpio (que são os pecados aqui mencionados como prostituição), é para que outros possam ouvir e temer, e não pecarem à semelhança das transgressões de Israel e Judá¹⁶.



Aprofundando no Texto

6.4. As duas irmãs promíscuas (23.1-49)

A apostasia de Israel e as terríveis consequências (v.1-10)

Nos v.1-4, servindo de introdução para o assunto do capítulo, fica claro que:

- ✓ Tudo o que foi dito aqui foi o próprio SENHOR Deus quem disse para o profeta (v.1);

¹⁶ HENRY, 2010, vol.4, p.725.

- ✓ As duas irmãs promíscuas, Oolá (“ela era sua própria tenda”) e Oolibá (“minha tenda está dentro dela”), são respectivamente Samaria (capital de Israel, Norte) e Jerusalém (capital de Judá, Sul), v. 4.

Israel (Oolá) havia instituído os seus próprios lugares de culto, quando Deus havia estipulado Jerusalém como o centro de Seu culto. Com a morte de Salomão, seu filho Roboão tratou o povo com crueldade o que acabou levando à divisão do reino. Jeroboão comandou uma rebelião na qual ele ficou com dez tribos no Norte (Israel) e Roboão ficou com apenas duas no Sul (Judá). Para evitar que o povo fosse até Jerusalém adorar a Deus e fosse influenciado a rebelar-se contra Jeroboão, este erigiu vários centros de culto no Norte o que acabou levando o povo a cair em terrível idolatria (1Rs 12).

Israel “**inflamou-se pelos seus amantes assírios**” (v.5), ou seja, pelos deuses assírios “**com todos os seus ídolos se contaminou**” (v.7). E foram justamente os assírios que Deus usou para puni-los com o cativeiro. Deus acusa o Seu povo várias vezes de ter se inflamado em seus sórdidos desejos, dando ensejo à mais grotesca forma de idolatria e comportamento pecaminoso.

No v.8 Deus revela que Israel nunca deixou de estar sob a influência da idolatria dos egípcios. Assim, Deus remonta a origem do pecado de Israel. Era para o mesmo nunca ter esquecido de todo o sofrimento no Egito causado pela idolatria, mas, ainda assim se envolveu novamente neste pecado, só que dessa vez com os assírios e com seus ídolos. Tudo isso estava acontecendo novamente.

Os v.9,10 nos mostram que o castigo que Israel sofrera nas mãos dos assírios foi dado pelo SENHOR Deus como consequência de sua apostasia.

A apostasia de Judá e as terríveis consequências (v.11-35)

Judá foi ainda mais longe que Israel em sua idolatria e imoralidade. Primeiramente, Judá se “**inflamou**” pelos assírios e seus deuses como fizera Israel, “**o caminho de ambas era o mesmo**” (v.12,13). Depois, Judá voltou-se para os babilônios e se encantou pelas suas imagens pintadas de vermelho nas paredes (v.14,15).

Cheia de luxúria e lascívia, Oolibá (Judá) mandou mensageiros até eles convidando-os que viessem ao seu encontro, e eles atenderam, para depois serem alvos de seu nojo (v.16,17).

No v.18, Deus declara o Seu desprezo e desgosto para com Judá tal como acontecera com Israel.

Nos v.19-21 vemos que apesar de recordar seus pecados de idolatria do passado, Judá em vez de se arrepender e se afastar deles, afundou-se em ainda mais terrível idolatria.

Deus então prometeu lançaria mão dos amantes pelos quais Judá se enamorou, para punir e castigar Judá (v.22-26). Aqueles que foram alvo da luxúria e lascívia de Judá tornaram-se-iam a sua destruição (v.27-29). Mas, em momento algum haveria injustiça ou mesmo exagero da parte de Deus, pois, Judá receberia de acordo com o que ele próprio plantara para si mesmo em desobediência a Deus (v.30,31). Tinha buscado satisfação na carnalidade e se afastara de Deus, e por isso seus pecados seriam julgados (v.35).

Os v.33,34 descrevem sintomas de depressão e desespero muito comuns em nossos dias. Se bebermos da água viva de Deus, porém, jamais voltaremos a ter sede¹⁷.

¹⁷ MACDONALD, 2011, vol1, p.712.

O julgamento das duas irmãs promíscuas (v.36-49)

Deus se dirige a Ezequiel e lhe diz: “Filho do homem, julgarás tu a Oolá e a Oolibá? Declara-lhes, pois, a suas abominações”.

As duas irmãs eram culpadas dos mesmos pecados: adulteraram, sacrificaram seus filhos aos ídolos, profanaram o santuário e o culto do SENHOR Deus, comportaram-se cheias de luxúria e lascívia (v.37-45). No v. 43 Deus diz que elas se envelheceram na prostituição, ou seja, por muito tempo eles assim viveram diante de Deus irritando-O ao extremo.

Os v. 46-49 descrevem o castigo de Deus sobre o povo. Grande multidão seriam os inimigos contra Judá, a qual arrasaria a região por meio da guerra e do saque. E assim Deus faria cessar a luxúria da terra, escarmentando (corrigindo) “**todas as mulheres e não façam segunda a luxúria delas**” (v.48), ou seja, Deus corrigiria a terra, purificando-a de todos os seus pecados (v.49).

**Para refletir**

A ironia de um ídolo. O coração de uma pessoa se devota a um ídolo buscando a felicidade, e o que acaba encontrando é só a desgraça e sofrimento, pois, é só isso que um ídolo causa a um coração.

O perigo do sincrétismo religioso. A religião de Judá havia se tornado sincrética, ou seja, misturava o culto de Deus com a idolatria e o paganismo. Infelizmente, muito do Cristianismo atual combina elementos da Bíblia com o judaísmo, paganismo, religiões orientais, humanismo e psicologia. Pior do que trocar a Deus por ídolos, colocar os ídolos no mesmo altar do SENHOR Deus e adorá-los como se fossem reais como Deus.

Para semana que vem estude

VI – Os últimos dias de Jerusalém	(20.1 -24.27)
6.1. Um lamentável histórico de desobediência	(20.1-44)
6.2. Os quatro oráculos da espada.....	(20.45 – 21.32)
6.3. Mais três oráculos contra Jerusalém	(22.1-31)
6.4. As duas irmãs promíscuas.....	(23.1-49)
6.5. Jerusalém é sitiada	(24.1-27)

**Enquanto estudar responda a essas questões**

1) A parábola da panela representava o quê (v.1-14)?

A destruição de Jerusalém por meio de Nabucodonosor.

2) Qual era o significado da morte da esposa de Ezequiel (v.15-27)?

Assim como ela foi tirada de Ezequiel da mesma forma o templo do SENHOR Deus que era objeto de alegria e orgulho do povo seria destruído.

Memorizando a Palavra**Ez 24.14**

“Eu, o SENHOR, o disse: será assim, e eu o farei; não tornarei atrás, não pouparei, nem me arrependerei; segundo os teus caminhos e segundo os teus feitos, serás julgada, diz o SENHOR Deus”.

Ezequiel 20 – 24



Perguntas da semana passada

- 3) A parábola da panela representava o quê (v.1-14)?
A destruição de Jerusalém por meio de Nabucodonosor.
- 4) Qual era o significado da morte da esposa de Ezequiel (v.15-27)?
Assim como ela foi tirada de Ezequiel da mesma forma o templo do SENHOR Deus que era objeto de alegria e orgulho do povo seria destruído.

Versículo da semana passada

Ez 24.14

“Eu, o SENHOR, o disse: será assim, e eu o farei; não tornarei atrás, não pouparei, nem me arrependerei; segundo os teus caminhos e segundo os teus feitos, serás julgada, diz o SENHOR Deus”.

VI – Os últimos dias de Jerusalém	(20.1 -24.27)
6.1. Um lamentável histórico de desobediência	(20.1-44)
6.2. Os quatro oráculos da espada.....	(20.45 – 21.32)
6.3. Mais três oráculos contra Jerusalém	(22.1-31)
6.4. As duas irmãs promíscuas.....	(23.1-49)
6.5. Jerusalém é sitiada	(24.1-27)



Visão Geral do Texto

Neste capítulo, dois sermões são pregados. Ambos falam da destruição de Jerusalém que estava bem próxima. O cerco imposto pelo rei da Babilônia a Jerusalém teve como seu objetivo mostrar que ao final desse cerco, ele seria não apenas o Senhor do lugar, mas também o seu destruidor.

Este capítulo se divide em duas partes: (1) A parábola da carne fervendo em uma panela, demonstrando os sofrimentos pelos quais Jerusalém passaria durante o cerco, e merecidamente, devido à sua imundície (v.1-14); (2) A viuvez de Ezequiel, em que ele não lamenta a morte de sua esposa exemplificando que as calamidades vindas sobre Jerusalém eram muito grandes para serem lamentadas, tão grandes que eles ficariam prostrados sob estas em um desespero silencioso sem conseguirem prantear (v.15-27)¹⁸.



Aprofundando no Texto

6.5. Jerusalém é sitiada (24.1-27)

A parábola da panela (v.1-14)

Ezequiel estava no cativeiro junto com os demais cidadãos de Judá. A profecia relatada aqui neste texto aconteceu um ano e meio depois que ela foi dada aqui a Ezequiel, ou seja ela foi dada em janeiro de 588 a.C. mas, realizou-se em junho-julho de 587 a.C. Ezequiel só soube da queda de Jerusalém porque o SENHOR Deus lhe revelara (v.1,2).

¹⁸ HENRY, 2010, vol.4, p.731.

O SENHOR Deus lhe ordenara que contasse a seguinte parábola para aqueles que estavam com ele na Babilônia: uma panela foi levada com água ao fogo para ser fervida; pedaços bons de carne deveriam ser cozidos nessa panela (v.3-5). Qual o significado disso?

Os líderes do povo haviam se orgulhado anteriormente de que os habitantes de Jerusalém eram tão seguros quanto a carne numa panela (Ez 11.3)¹⁹.

Essa panela simbolizava a cidade de Jerusalém, e os pedaços bons de carne, os líderes e os nobres da cidade. Mas o que aconteceria com eles quando a *panela* fosse colocada no fogo *para esquentar* e o conteúdo fosse cozido completamente? A panela seria corroída (v.6-14). Agora nessa segunda parte da parábola, Jerusalém não é mais uma panela própria para se cozer, ou seja, ela não serviria mais de proteção para o povo porque a sua iniquidade subiu até Deus e provocou-Lhe a ira. Ela se tornara numa cidade sanguinária e idólatra, e seus crimes tornaram-se como ferrugem corroendo-a (v.6).

A ferrugem e a sujeira são o derramamento de sangue e a idolatria da qual a cidade se tornou culpada. Para se livrar disso, os açoites não serão suficientes; a panela precisa ser aquecida até ficar vermelha; uma perspectiva terrível para quem está dentro dela²⁰.

O v.7 é impressionante. Tal como uma panela que foi entornada sobre uma rocha e ficou exposto tudo o que estava dentro dela sem ter sido absorvido pela rocha como aconteceria se caísse no chão, o sangue que foi derramado, a luxúria idólatra do povo ficaram expostos aos olhos de Deus e de todos os homens. Sangue derramado e idolatria visível e exposta merecem a ira de Deus. Nada há oculto que não venha a ser revelado (Mt 10.26).

A panela enferrujada (Jerusalém imunda) seria destruída pelo fogo, pois, somente, isso seria capaz de destruir as impurezas. Assim também aconteceu com Jerusalém, pois, Deus usando Nabucodonosor destruiu Jerusalém para purificá-la de seu pecado e depravação.

A viuvez de Ezequiel – símbolo da destruição de Jerusalém (v.15-27)

A morte da esposa de Ezequiel simbolizou a destruição de Jerusalém. O paralelo aqui é: a esposa de Ezequiel era a “delícia dos teus olhos”, ou seja, de Ezequiel (v.16), o templo e os filhos de Jerusalém eram a “delícia dos vossos olhos”, ou seja, do povo (v.19,21). Da mesma forma que Ezequiel sofreria com a morte súbita de sua esposa (v.16), o povo haveria de ser golpeado pelo inimigo quando menos esperasse levando cativos “vossos filhos e vossas filhas” e destruindo o santuário do SENHOR Deus (v.21).

Na tarde do mesmo dia em que Ezequiel proferiu a parábola profética da panela, sua esposa faleceu (v.18). Deus ordenou-lhe que não lamentasse e nem pranteasse por sua esposa apesar dele a amar muito (v.16) em vez disso deveria gemer em silêncio (v.17).

Quando o povo perguntasse por seu comportamento estranho em relação à sua esposa, haja vista que o afeto do profeta por sua esposa era notório, o profeta deveria dizer-lhe que a mesma dor o povo haveria de sentir, mas, que não deveria prantear, pois, tudo isso era consequência da idolatria e luxúria do povo que se rebelara contra Deus. “Fareis como eu fiz: não cobrirei os bigodes, nem comereis o pão que vos mandam. Trareis à cabeça os vossos turbantes e as vossas sandálias, nos pés; não lamentareis, nem chorareis, mas, definhar-vos-eis nas vossas iniquidades e gemereis uns com os outros” (v.22,23).

¹⁹ BRUCE, 2012, p.796.

²⁰ *Ibid*, p.796.

Um dos propósitos de Deus com tudo isso era mostrar ao mundo que tudo é Dele e que Ele é o SENHOR Deus (v.24).

Nos v.25-27 Deus ordenou a Ezequiel que voltasse a profetizar somente quando um mensageiro lhe trouxesse a notícia de que tudo isso tivesse acontecido, ou seja, somente um ano e meio depois é que Ezequiel voltaria a profetizar. No Cap. 33.21,22 encontramos o registro desse acontecimento.



Para refletir

Deus tirou do Seu povo:

- 1) **Aquilo em que confiava:** a sua força, seus muros, suas fortificações seus soldados;
- 2) **Aquilo do que se gabava:** o seu templo que era muito suntuoso e belo.
- 3) **Aquilo no que se deleitava:** os carnais se deleitam naquilo que veem e por isso mesmo caem na idolatria. *“E é tolice da parte deles concentrar os seus olhos naquilo em que não têm nenhuma garantia e que pode ser tirado deles a qualquer momento, Provérbios. 23.5. Seus filhos e suas filhas eram tudo isso - sua força, alegria, e glória. E estes irão para o cativeiro”*²¹.

Outro fato que nos chama a atenção aqui é que o povo se deleitava no templo do SENHOR Deus mas, não se deleitava no próprio Deus. Essa é a essência da idolatria: quando não nos deleitamos em Deus saímos em busca de ídolos para que o nosso coração se deleite. Porém, o que encontraremos será apenas desespero.

Para semana que vem estude

VII – Profecias contra várias nações pagãs	(25.1 – 32.32)
7.1. Contra Amom, Moabe, Edom e Filístia	(25)
7.2. Contra Tiro	(26.1-28.19)
7.3. Contra Sidom	(28.20-26)
7.4. Contra o Egito	(29.1 – 32.32)



Enquanto estudar responda a essas questões

- 1) Porque Deus prometeu castigar Amom (v.1-7)?

Por que Amom havia zombado do sofrimento dos filhos de Israel quando estes foram capturados pelos inimigos assírios.

- 2) Como Edom e a Filístia trataram Judá (v.12,15)?

De forma vingativa e por isso foi castigada por Deus.

Memorizando a Palavra

Ez 25.17

“Tomarei deles grandes vinganças, com furiosas repreensões; e saberão que eu sou o SENHOR, quando eu tiver exercido a minha vingança contra eles”.

²¹ HENRY, 2010, vol.4, p.736.

Ezequiel 25 – 32



Perguntas da semana passada

- 3) Porque Deus prometeu castigar Amom (v.1-7)?
Por que Amom havia zombado do sofrimento dos filhos de Israel quando estes foram capturados pelos inimigos assírios.
- 4) Como Edom e a Filístia trataram Judá (v.12,15)?
De forma vingativa e por isso foi castigada por Deus.

Versículo da semana passada

Ez 25.17

“Tomarei deles grandes vinganças, com furiosas repreensões; e saberão que eu sou o SENHOR, quando eu tiver exercido o minha vingança contra eles”.

VII – Profecias contra várias nações pagãs	(25.1 – 32.32)
7.1. Contra Amom, Moabe, Edom e Filístia	(25)
7.2. Contra Tiro	(26.1 – 28.19)
7.3. Contra Sidom	(28.20-26)
7.4. Contra o Egito	(29.1 – 32.32)



Visão Geral do Texto

As profecias contra as nações, registradas nestes capítulos (25 – 32) foram proferidas em diversas épocas, mas, foram agrupadas neste ponto do livro servindo como um interlúdio entre o cerco de Jerusalém (Ez 24) e o anúncio a queda da cidade nas garras da Babilônia (Ez 33.21,22).

No cap.25 encontramos as profecias contra quatro das sete nações que se levantaram contra Jerusalém. Deus levantara Ezequiel para pôr-se contra essas nações e ele deveria “proclamar a controvérsia de Deus com elas, principalmente pelas injustiças e indignidades que haviam cometido contra o povo de Deus no dia de sua tribulação”²².



Aprofundando no Texto

7.1. Contra Amom, Moabe, Edom e Filístia (Ez 25)

Contra Amom (v.1-7)

Quem eram os amonitas? Eles eram parentes distantes dos israelitas. Sua origem remonta aos dias da destruição de Sodoma e Gomorra, e juntamente com os moabitas eram descendentes de Ló e suas duas filhas que num ato incestuoso geraram filhos de seu próprio pai (Gn 19.30-38).

É ordenado ao profeta dirigir-se aos amonitas, em nome do Senhor Deus de Israel, que é também o Deus de toda a terra. Embora Deus seja o Deus de todo o universo, nem todos O adoram. Os amonitas adoravam ao deus Quemos.

O profeta Ezequiel recebe ordens de Deus para que dirija o seu rosto contra os amonitas (v.1,2), pois, como um profeta, ele é o representante de Deus, e desse modo deve

²² HENRY, 2010, vol. 4, p.736.

demonstrar que Deus se dirige contra eles, pois a face do Senhor está contra aqueles que fazem o mal (Sl 34.16). Ele deve falar com coragem e segurança, como alguém que conhecia quem o incumbiu dessa missão, e sabia que seria apoiado em seu cumprimento. Por isso, ele deve dirigir o seu rosto com firmeza. Ele deve mostrar o seu descontentamento contra esses arrogantes inimigos de Israel, e encará-los, embora eles fossem muito atrevidos. Ele deve mostrar dessa maneira que, embora tivesse profetizado tanto e durante muito tempo contra o povo de Deus, ainda assim era a favor dele, e embora testemunhasse contra as suas corrupções, ele apoiava a aliança de Deus com eles e nele se gloriava.

Ezequiel estava preso na Babilônia. Não sabia o que se passava em Jerusalém e muito menos nas nações vizinhas. Deus lhe revelou tudo o que precisava saber e dizer.

Ele deveria repreender os amonitas por suas insolentes e bárbaras manifestações de satisfação contra o povo de Israel em suas calamidades, v. 3. Eles disseram “Bem feito!” pelos seguintes motivos:

- ✓ O templo incendiado, o santuário profanado pelos babilônios.
- ✓ A nação destruída pelos babilônios. A mensagem foi repetida (v. 6), eles bateram as suas mãos para provocar a ira dos caldeus e excitá-los como cães na hora da caça. Ou batiam as suas mãos em triunfo, acompanhando esta tragédia com a sua aclamação.

Amom pensava que o colapso e destruição de Jerusalém era resultado de um colapso no ser de Deus, ou seja, Deus havia praticamente morrido ou perdido Sua força, e, por isso, o povo estava sofrendo. Mas, a profecia contra Amom é clara, pois, Deus haveria de destruir Amom **“Acabarei de todo contigo, e saberás que eu sou o SENHOR”** (v.7).

Contra Moabe (v.8-11)

Os moabitas, nação-irmã de Amom, haveriam de compartilhar do mesmo castigo divino. Em 583 a.C., tanto Moabe quanto Amom caíram sob o ataque de Nabucodonosor.

Deus prometeu abrir as fronteiras de Moabe as quais defendiam a região (v.9). As três cidades, Bete-Jesimote, Baal-Meom e Quiriataim demarcavam todo o território de Moabe.

Moabe seria apagada da memória das nações (v.10) e de igual forma como fizera a Amom, Deus faria com Moabe, a saber, Ele se revelaria executando Seus juízos contra ela (v.11).

Contra Edom

Quem eram os edomitas? Eles também eram parentes próximos de Israel. Eram os descendentes de Esaú, gêmeo de Jacó (Israel).

Entre todas as nações que faziam fronteira com Judá, Edom foi a que de todas se comportou de forma mais cruel por ocasião da queda de Jerusalém. Eles ocuparam todas as estradas e encruzilhadas para impedir a retirada dos fugitivos de Jerusalém. Por esta razão, os edomitas sofreram castigo ainda mais severo da parte do SENHOR Deus.

De norte a sul (“desde Temã até Dedã”) todo o território de Edom sofreu o peso da mão de Deus.

Deus prometeu que exerceeria o Seu juízo por intermédio do Seu povo Israel (v.14). E de fato, a pressão dos árabes nabateus empurrou os edomitas do seu território original para o Neguebe, no oeste, onde eles foram dominados e judaizados por João Hircano (134 - 104 d.C.), três séculos depois, na revolta dos macabeus.

Contra a Filístia (v.15-17)

Os filisteus eram os ocupantes de Canaã quando Josué liderou o povo quase mil anos antes. Nabucodonosor quando tomou a terra, concedeu parte dela aos filisteus.

Vivendo no território dos judeus, os filisteus mesmo assim zombaram deles. Comportaram-se vingativamente, ou seja, viram nessa ocasião a oportunidade de vingar os judeus por terem os tirado da terra nos dias de Josué.

Mas, tal atitude covarde e vingativa despertou a ira de Deus que prometeu agir contra os filisteus com “grandes vinganças, com furiosas repreensões” (v.17). Note-se o plural que enfatiza o juízo de Deus. As vinganças que além de muitas seriam grandes; as repreensões que por si só são em tom pesado e grave, seriam também furiosas. Como nos diz Hb 10.31: “Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo”.



Para refletir

- 1) A postura de um mensageiro de Deus não deve mudar de acordo com o público que o ouve. Toda raça humana tem o mesmo problema: o pecado. E uma e única é a solução para todos: a Palavra de Deus.
- 2) Os filhos de Deus não devem buscar a vingança (cf. Rm 12.19) pelos seguintes motivos:
 - ✓ Vingar é não confiar na Justiça de Deus;
 - ✓ Vingar é usurpar uma prerrogativa que só a Deus pertence;
 - ✓ Vingar não é fazer justiça, pois, quando vingamos sempre excedemos;

Por esta razão, o que devemos sempre fazer é aguardar no SENHOR Deus a vingança, mas, sim, o Seu agir que será de acordo com a Sua santa vontade.

Para semana que vem estude

VII – Profecias contra várias nações pagãs	(25.1 – 32.32)
7.1. Contra Amom, Moabe, Edom e Filístia	(25)
7.2. Contra Tiro.....	(26.1 – 28.19)
7.3. Contra Sidom.....	(28.20-26)
7.4. Contra o Egito.....	(29.1 – 32.32)



Enquanto estudar responda a essas questões

- 1) Que promessa Deus fez a Tiro em 26.3?
Que Ele levantaria muitas nações para castigar Tiro.
- 2) Que promessa Deus fez a Tiro em 26.18-21?
Depois de elevá-la como uma grande nação, Deus a derrubaria e a envergonharia terrivelmente.
- 3) Do que trata todo o capítulo 27 e 28? Qual o pecado de Tiro?
Arrogância e soberba.

Memorizando a Palavra

Ez 28.17

“Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; lancei-te por terra, diante dos reis te pus, para que te contemplem”.

Ezequiel 25 – 32



Perguntas da semana passada

- 4) Que promessa Deus fez a Tiro em 26.3?
Que Ele levantaria muitas nações para castigar Tiro.
- 5) Que promessa Deus fez a Tiro em 26.18-21?
Depois de elevá-la como uma grande nação, Deus a derrubaría e a envergonharia terrivelmente.
- 6) Do que trata todo o capítulo 27 e 28? Qual o pecado de Tiro?
Arrogância e soberba.

Versículo da semana passada

Ez 28.17

“Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; lancei-te por terra, diante dos reis te pus, para que te contemplem”.

VII – Profecias contra várias nações pagãs	(25.1 – 32.32)
7.1. Contra Amom, Moabe, Edom e Filístia	(25)
7.2. Contra Tiro	(26.1 – 28.19)
7.3. Contra Sidom.....	(28.20-26)
7.4. Contra o Egito.....	(29.1 – 32.32)



Visão Geral do Texto

As profecias descritas nestes capítulos são dirigidas à cidade de Tiro, e tratam da destruição da cidade, apresentam um hino fúnebre em função dessa destruição, e, também relatam a queda do príncipe de Tiro.

O porto da cidade de Tiro era o maior porto da Fenícia, o que fez com que a cidade se tornasse importante polo comercial dos tempos antigos, tendo um ancoradouro em terra no continente, e outro ancoradouro na ilha-fortaleza que ficava de frente para o continente. Em 605 a.C., a cidade caiu sob o domínio de Nabucodonosor na batalha de Carquemis, e, por isso reconheceu-se como suserana da Babilônia. Porém, em 594 a.C., aliou-se a outras nações que se juntaram contra a Babilônia. Conforme o historiador Flávio Josefo, Nabucodonosor cercou Tiro por 13 anos até conseguir tomá-la.



Aprofundando no Texto

7.2. Contra Tiro (26.1 – 28.19)

A Destrução anunciada (26.1-21)

“No undécimo ano, no primeiro dia do mês, veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo” (v.1). Como sempre, Ezequiel especifica a data de suas profecias. Contudo, aqui ele não menciona o mês. Mas, se nos dá a entender que foi pouco tempo após a queda de Jerusalém.

Por que Tiro ficou tão feliz com a queda de Jerusalém (v.2)? Porque Jerusalém detinha o comércio por terra e era a grande rival comercial de Tiro. Contudo, quando

Jerusalém, “a porta dos povos” caiu, Tiro ficou desguarnecida, tornando-se o próximo alvo dos inimigos, os quais Deus levantaria contra ela (v.3).

Os v.7-14 descrevem a destruição de Tiro. Deus enviaria a Nabucodonosor com seu exército (v.7), que promoveria terrível matança de donzelas indefesas. Para invadirem as muralhas que cercavam a cidade, terraplenos e paveses seriam construídos, aríetes seriam utilizadas para derrubarem as portas da cidade, e muitos outros recursos bélicos seriam empregados (v.8,9) para derrubarem a fortaleza da cidade. O tropel dos cavalos e o movimento dos carros trazendo o arsenal levantariam grande poeira impedindo a visibilidade (v.10,11).

Nabucodonosor tomou a cidade no continente, mas, não conseguiu alcançar a ilha-fortaleza de Tiro. O povo fugiu para a ilha-fortaleza com seus bens e ali permaneceu seguro por mais de 250 anos. Em 332 a.C., quando Alexandre, o Grande, usando o entulho da cidade, fez um passadiço ligando a ilha ao continente, e assim tomou a cidade. Enquanto isso, os inimigos saquearam e roubaram as riquezas da cidade (v.12). Diante de terrível cenário, nenhuma manifestação de alegria seria ouvida (v.13). Aquela que antes era imponente por sua fortaleza se assemelharia à uma pedra descavada (v.14) depois da ira de Deus.

Nos v.15-18, Deus declarou que as demais nações com quem Tiro mantinha relações comerciais haveriam de tremer, ou seja, a queda do grande centro comercial, Tiro, abalaria toda a economia daquelas nações com quem ela comercializava. Os príncipes dessas nações lamentariam desesperados a queda de Tiro.

“Farei de ti um grande espanto” (v.21), disse Deus a respeito de Tiro. Todo o terror que Nabucodonosor (e anos depois, Alexandre) imporia sobre Tiro era a mão de Deus pesando com justiça contra a cidade arrogante.

O hino fúnebre entoado (27.1-36)

Nos v.1-9 Tiro é comparada a uma bela e luxuosa embarcação, construída com materiais de todo o mundo. Não foi uma potência militar que conquistou vastos territórios, mas, sim, uma cidade de comerciantes. Negociavam mercadorias e conhecimento dos tipos mais variados, sempre visando ao lucro pessoal²³.

Os v.10,11 relatam que os lídios, os persas e os de Pute engrossavam as fileiras dos exércitos de Tiro, mas, nem com todo esse arsenal Tiro pôde se defender de Nabucodonosor, porque por trás de tudo isso estava a mão de Deus.

O hino fúnebre está registrado nos v.12-25. Este hino fúnebre seria entoado por todas as nações com quem Tiro mantinha relações comerciais. São elas:

- Társis (ou Tartesso) no sul da Espanha;
- Javã (Jônia) colônias da Grécia;
- Tubal, na Ásia Menor;
- Meseque, na Frígia;
- Togarma, na Ásia Menor;
- Dedã (ou Rodes);
- Judá e Israel;
- Damasco, na Síria;
- Dâ, Javã e Uzal, provavelmente no norte da Mesopotâmia;
- Arábia
- Sabá e Raamá, no sul da Arábia

²³ MACDONALD, 2011, vol.1, p.714.

Os v.26-36 continuam o lamento, mostrando a amplitude do comércio de Tiro de nada valeria para livrá-la de tão terrível destruição, pois, com certeza ela com toda sua riqueza “**se afundarão no coração dos mares no dia da tua ruína**” (v.27). Nenhum recurso humano é capaz de livrar o homem da ira de Deus. Não existe vergonha maior do que a de sermos punidos por Deus (v.29-36).

A queda do princípio de Tiro (28.1-19)

O rei que governava Tiro nessa época era Etbaal II, e como era costume no Oriente Médio naquela época considerar seus reis personificações das divindades, Etbaal II aqui é descrito como um ser excessivamente arrogante, orgulhoso, vaidoso e soberbo.

Os v.1-6 descrevem o orgulho, a sabedoria e a riqueza do **príncipe de Tiro**, enquanto os v.7-10 retratam sua destruição pelos babilônios. Sem dúvida, o príncipe prefigura o anticristo²⁴.

“**Eu sou Deus**”, ou seja, “Eu sou El”. El era o deus maior do panteão cananeu. Em sua arrogância ele disse: “... **me assento no coração dos mares**” (v.2), numa referência à ilha-fortaleza de onde ele comandava Tiro. Ele se via mais sábio que Daniel (v.3). A sabedoria aqui não era o temor a Deus, mas, sim, a habilidade e inteligência para adquirir riquezas (v.5,6).

Com todas essas riquezas e imponência, Etbaal II haveria de cair vergonhosamente; tão maior que a sua arrogância seria a sua ruína (v.7-10).

Os v.12-19 são de difícil interpretação. Há quem veja aqui a descrição da queda de Satanás. Uma mudança sutil do v.2 que o chama de “**príncipe de Tiro**” para o v.12 que o chama de “**rei de Tiro**”, colabora para que muitos exegetas bíblicos atribuam os v.12-19 à pessoa de Satanás. Dessa forma,

Ezequiel parecia ter em mente a situação de sua época, focalizando o governante de Tiro como representante do orgulho e da impiedade do povo. Porém, ao considerar os pensamentos e as atitudes do monarca, discerniu claramente a força motivadora e a personalidade subjacentes que o impeliam em sua oposição a Deus. Em resumo, viu a obra e a atividade de Satanás, a quem o rei de Tiro imitava em tantos sentidos²⁵.



Para refletir

- 1) A exemplo do que vimos, nunca devemos nos regozijar com a desgraça alheia. Tiro assim o fez e pagou caro.
- 2) Mesmo em práticas amplamente aceitas, sem o Senhor Jesus, toda beleza e todo o conhecimento são vazios. Se um homem ganhar o mundo inteiro e perder a própria alma, o que dará em troca da alma?
- 3) Nenhum recurso humano é capaz de livrar o homem da ira de Deus. Ou recorremos à Sua misericórdia ou seremos fatalmente alcançados pela ira de Deus.
- 4) Se o orgulho tem poder para destruir até um ser poderoso e sábio (como Satanás), nós mortais precisamos de muito maior cautela e atenção andando de forma totalmente dependente de Deus para não cairmos no pecado.

Para semana que vem estude

²⁴ MACDONALD, 2011, vol.1, p.714.

²⁵ Ibid, p.714.

VII – Profecias contra várias nações pagãs	(25.1 – 32.32)
7.1. Contra Amom, Moabe, Edom e Filístia	(25)
7.2. Contra Tiro	(26.1 – 28.19)
7.3. Contra Sidom	(28.20-26)
7.4. Contra o Egito	(29.1 – 32.32)



Enquanto estudar responda a essas questões

- 1) Qual mensagem de esperança Deus deu a Israel em 28.25,26?
De que haveria de congregar o povo novamente, trazendo-o de onde ele foi exilado.
- 2) No cap.29 o que Deus prometeu fazer com o Egito?
Humilha-lo terrivelmente por ser orgulhoso e arrogante.
- 3) Qual nação Deus usaria para fazer isso, conforme o Cap.30?
A Babilônia

Memorizando a Palavra

Ez 28.26

“Habitarão nela seguros, edificarão casas e plantarão vinhas; sim, habitarão seguros, quando eu executar juízos contra todos os que os tratam com desprezo ao redor deles; e saberão que eu sou o SENHOR, seu Deus”.

Ezequiel 25 – 32



Perguntas da semana passada

4) Qual mensagem de esperança Deus deu a Israel em 28.25,26?

De que haveria de congregar o povo novamente, trazendo-o de onde ele foi exilado.

5) No cap.29 o que Deus prometeu fazer com o Egito?

Humilha-lo terrivelmente por ser orgulhoso e arrogante.

6) Qual nação Deus usaria para fazer isso, conforme o Cap.30?

A Babilônia

Versículo da semana passada

Ez 28.26

“Habitarão nela seguros, edificarão casas e plantarão vinhas; sim, habitarão seguros, quando eu executar juízos contra todos os que os tratam com desprezo ao redor deles; e saberão que eu sou o SENHOR, seu Deus”.

VII – Profecias contra várias nações pagãs	(25.1 – 32.32)
7.1. Contra Amom, Moabe, Edom e Filístia	(25)
7.2. Contra Tiro	(26.1 – 28.19)
7.3. Contra Sidom.....	(28.20-26)
7.4. Contra o Egito.....	(29.1 – 32.32)



Visão Geral do Texto

Estes capítulos trazem as profecias contra as duas últimas nações (cidades-estado) as quais são: Sidom e Egito. Sidom ficava na costa litorânea com dois portos importantes para o comércio de toda a Palestina. O Egito, país muito importante na História mundial dos tempos antigos, mas, que, nesta época vivia ameaçado pelo império babilônico. A essas duas nações Deus dirige Sua mensagem profética de terror e juízo.



7.3. Contra Sidom

A imponente e importante cidade portuária de Sidom ficava próxima a Tiro uns 40 quilômetros ao norte. Sua importância para o comércio se dava pelos seus dois importantes portos pelos quais escoava toda a mercadoria e produção do país. Sidom aliou-se a Tiro quando o exército de Nabucodonosor invadiu Tiro, mas, caiu também.

Deus prometeu castiga-la com peste e espada, mas, não a destruiu. Sidom ainda existe em nossos dias, no Líbano, enquanto que Tiro desapareceu por completo.

Os v.24-26 anunciam a restauração de Israel, onde a característica principal dessa restauração é a presença de Deus entre o Seu povo fazendo-Se conhecido não só ao Seu povo, mas, a todas as nações.

7.4. Contra o Egito

A última nação a receber a mensagem do juízo de Deus foi o Egito. O Egito apesar de toda a sua prosperidade é descrito aqui como terra de morte. Seu livro mais importantes era

o Livro dos Mortos. Seus monumentos, as pirâmides, são câmaras mortuárias. Seus reis construíam palácios pequenos, mas, sepulcros enormes. Tudo isso demonstra que os egípcios se achavam seguros diante da morte. Mas, o peso da mão de Deus faria com que essa nação orgulhosa e soberba experimentasse algo muito pior que a morte, do qual ela não tinha controle algum, a saber, o juízo de Deus.

A ameaça contra Faraó e o Egito – Ez.29

O capítulo 29 descreve a ameaça geral contra Faraó e todo o seu povo. No v.3 o Faraó do Egito é descrito como um crocodilo deitado às margens do rio Nilo. Mas, no alto da sua arrogância seria terrivelmente envergonhado por Deus, v.4. No v.5, o povo é representado pelos peixes que seriam lançados para o deserto.

Foi nesse “**bordão de cana**” (v.6) que Israel confiou, cujas lascas atravessaram suas mãos quando nele se apoiou.

Em razão do orgulho e arrogância do Faraó, o Egito seria assolado por 40 anos (v.9-12). **A arrogância de um líder prejudica muito mais do que a ele próprio; estende-se por todos quantos estão sob sua liderança.**

Depois desse período, O Egito nunca mais voltaria a ser a grande nação que um dia fora, e Israel uma vez ajuntado por Deus nunca mais haveria de pedir-lhe ajuda – aprenderia de vez a lição (v.13-16).

Quando Nabucodonosor atacou Tiro, nada conseguiu de despojo, pois, o povo fugiu para a ilha fortaleza levando seus bens. Mas, Deus deu o Egito como pagamento a Nabucodonosor (v.17-20), e este devastou o Egito. Assim, Deus prometeu fazer brotar o poder na casa de Israel, e Ezequiel proclamaria ao povo essa mensagem de avivamento (v.21).

O castigo dos aliados – Ez 30.1-19

Várias nações se aliaram ao Egito: Etiópia, Pute, Lude e Arábia. Todas de igual forma sentiriam o amargo da derrota (v.1-9), e de acordo com a palavra profética, Nabucodonosor seria o responsável por essa derrota (v.10-12).

Nos v.13-19, o profeta relaciona o nome de várias cidades importantes do Egito: Mênfis, Patros, Zoã (Tânis), Nô (Tebas), Sim (Pelúcio), Áven (Heliópolis), Pi-Besete (Bubastis) e Tafnes. Todas essas cidades com seus ídolos seriam derrubadas. Isso já havia acontecido nos dias do Êxodo, quando cada uma das dez pragas que Deus enviara sobre o Egito era uma forma de ridicularizar um dos ídolos deles.

A profecia do v.13 de que nenhum príncipe se levantaria sobre o Egito cumpriu-se literalmente. Até aos dias de hoje, nenhum príncipe de linhagem real se levantou sobre o Egito.

A queda do Faraó – Ez 30.20 – 31.18

Os dois braços que foram quebrados (30.20-26) são as duas investidas de Deus contra o Egito, sendo a primeira a batalha de Carquemis (605 a.C.) e, a segunda, quando Nabucodonosor invadiu o Egito alguns anos depois.

Em 31.1-9, Faraó em sua grandeza foi comparado a outro grande monarca, o rei da Assíria, o qual parecia um cedro imponente. Em seus dias, não houve um rei tão poderoso como o rei da Assíria. Mas, uma vez que o seu coração se ensoberbeceu, Deus levantou o rei da Babilônia, que até então era um vassalo do rei da Assíria, e o derrubou (31.10-14). A queda do rei da Assíria foi testemunhada por toda a nação, e esta ficou de luto por ele. O mesmo que aconteceu à Assíria haveria de acontecer com o Egito, porque Deus o quis (31.15-18).

Devemos sempre olhar para a História e ver como Deus corrigiu os arrogantes que vieram antes de nós e não cairmos no mesmo pecado.

Uma lamentação por Faraó e pelo Egito – Ez 32

Ainda que Faraó se visse como o filho de um leão, aos olhos de Deus não passava de um réptil asqueroso, um crocodilo que apesar do terror que impunha sobre todos, seria pego pelas redes de Deus e o destruiria (v.3). Quando Nabucodonosor viesse sobre o Egito e derrotasse Faraó, tamanha seria a vergonha que levaria as outras nações a lamentarem com lágrimas. Essa lamentação das outras nações foi tipificada na lamentação que Deus ordenou Ezequiel proferir contra o Egito em toda a sua pompa (32.1-16). Dessa forma, Ezequiel assemelhou-se ao Senhor Jesus que também chorou por uma cidade assassina (Jerusalém) que matou os profetas de Deus, e se recusou a se esconder debaixo de Suas asas protetoras.

Os v.17-32 trazem uma visão do além, que no hebraico recebe o nome de *Sheol*. O *Sheol* é o estava de morte, a sepultura. Para lá Deus enviou o Egito, e todos os seres humanos como a Assíria (v.22-23), o Elão (24-25), Meseque e Tubal (v.26-27), Edom (v.29) e Sidom (v.30). A morte é uma realidade para todos os seres humanos, sendo ela uma das características principais que nos identificam como “humanos”.

Neste mundo o Egito foi uma grande potência, mas, no *Sheol*, foi reduzido ao mesmo estado vergonhoso das outras nações.



Para refletir

Com tudo o que vimos aqui sobre o juízo de Deus contra os ímpios, a Bíblia nos diz que Deus não tem prazer em julgar e condenar os ímpios. Mas, Sua Glória precisa ser reparada, e Sua Justiça, satisfeita.

Outra verdade é que a morte iguala a todos os seres humanos. A única esperança está em Cristo que pode dar a Vida Eterna aos que Nele confiarem.

Para semana que vem estude

VIII – A esperança de restauração.....	(33.1 – 37.28)
8.1. Reiteração da comissão do profeta.....	(33)
8.2. Os falsos pastores e o Bom Pastor	(34)
8.3. A destruição de Edom	(35)
8.4. A restauração da terra e do povo	(36)
8.5. A visão do vale de ossos secos.....	(37)



Enquanto estudar responda a essas questões

1) A figura do atalaia neste capítulo representa quem? (v.7)

O profeta

2) De acordo com o v.11, em que está o prazer de Deus?

Em que o perverso se converta e abandone os seus maus caminhos.

3) O que ocasionou a queda de Jerusalém conforme os v.21-33?

A soberba do povo.

Memorizando a Palavra

Ez 33.13

“Quando eu disser ao justo que, certamente, viverá, e ele, confiando na sua justiça, praticar iniquidade, não me virão à memória todas as suas justiças, mas na sua iniquidade, que pratica, ele morrerá”.

Ezequiel 33.1 – 37.28



Perguntas da semana passada

- 4) A figura do atalaia neste capítulo representa quem? (v.7)
O profeta
- 5) De acordo com o v.11, em que está o prazer de Deus?
Em que o perverso se converta e abandone os seus maus caminhos.
- 6) O que ocasionou a queda de Jerusalém conforme os v.21-33?
A soberba do povo.

Versículo da semana passada

Ez 33.13

“Quando eu disser ao justo que, certamente, viverá, e ele, confiando na sua justiça, praticar iniquidade, não me virão à memória todas as suas justiças, mas na sua iniquidade, que pratica, ele morrerá”.

Para semana que vem estude

VIII – A esperança de restauração.....	(33.1 – 37.28)
8.1. Reiteração da comissão do profeta.....	(33)
8.2. Os falsos pastores e o Bom Pastor	(34)
8.3. A destruição de Edom	(35)
8.4. A restauração da terra e do povo	(36)
8.5. A visão do vale de ossos secos.....	(37)



Visão Geral do Texto

O Cap. 33 marca um novo assunto do livro que vai até o último capítulo, a saber, a restauração de Israel e do templo.

Ezequiel até aqui tinha se voltado para Israel e para outras nações como um juiz aplicando a sentença divina. Daqui para frente ele se posta como um vigilante, um atalaia mostrando os perigos iminentes que rondavam às pessoas: se o ímpio permanecesse em sua impiedade, pereceria, mas, se viesse a se converter seria salvo. Em contrapartida se o justo permanecesse em sua justiça seria salvo, mas, se viesse a se apartar dela, viria a perecer.



Aprofundando no Texto

8.1. Reiteração da comissão do profeta (Ez 33)

O SENHOR Deus comissiona novamente a Ezequiel (33.1-20)

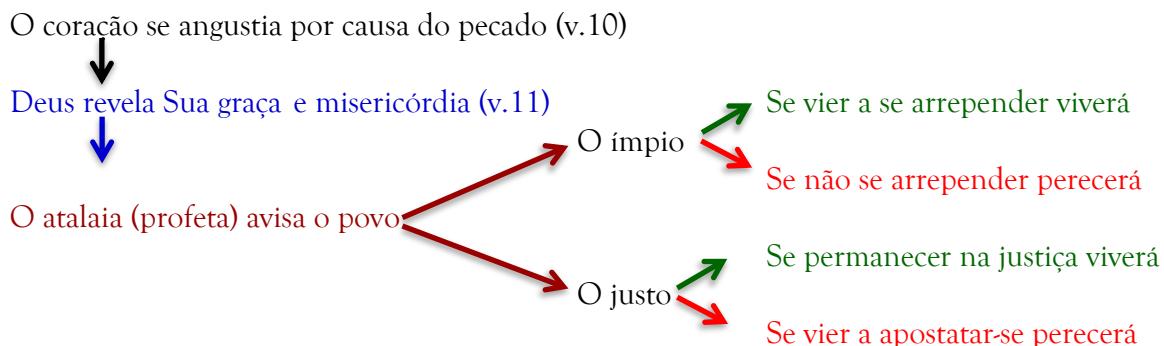
No v.7 lemos o que Deus disse a Ezequiel: “A ti, pois, ó filho do homem, te constituí por atalaia sobre a casa de Israel; tu, pois, ouvirás a palavra da minha boca e lhe darás aviso da minha parte”. Assim sendo, este versículo indica que a figura do atalaia que Deus usa aqui nos v.1-9 refere-se a Ezequiel em seu ministério profético no qual ele tinha de alertar o povo.

A “espada”, ou seja, Nabucodonosor com seu exército, nada mais era do que o juízo de Deus sobre a terra. Ezequiel foi colocado por Deus como um atalaia avisando o povo do iminente juízo divino. A lógica divina se expressa assim:



A responsabilidade é individual. Cada um haverá de responder por si diante de Deus. Porém, o profeta de Deus haverá de responder por si e pela mensagem que deveria ter anunciado. De igual forma Deus não cobra de nós conversões (isso é papel Dele); Ele cobra de nós fidelidade na pregação.

Nos v.10-20 retratam os terríveis efeitos do pecado no coração do homem: medo, desespero e até mesmo a petulância de questionar os caminhos de Deus (v.17). A lógica aqui segue da seguinte forma:



Há uma verdade estarrecedora nos v.12-13: se o justo confiar em sua própria justiça perecerá. Quantos são os que assim vivem! Julgam-se justos, corretos e exemplares. Sua autojustiça nos dá a impressão de que eles acham que Deus está em débito com eles, afinal, eles são corretos em tudo que fazem e por isso mesmo Deus deve Se ver obrigado a lhes abençoar. **Infelizmente, esse mal não afeta somente os não convertidos. Ele está bem presente na vida de muitos convertidos que em algum momento passaram a confiar mais em sua obediência farisaica do que na Graça de Deus!**

Igualmente impressionante é a verdade que está nos v.14-16: se o perverso arrepender-se dos seus pecados quando confrontado com a Palavra de Deus e se voltar para Ele haverá de receber a misericórdia de Deus. Além disso, é importante vermos que conversão implica em restituição. Os bens adquiridos na iniquidade deverão ser devolvidos e restituídos aos seus verdadeiros donos, os danos causados tais como mágoas e ofensas deverão ser perdoadas. Agindo assim “juízo e justiça fez; certamente viverá”, diz o SENHOR Deus.

Os v.17-20 revelam a iniquidade do coração humano que tem a petulância de questionar Deus em Seus caminhos. O pecador questiona até mesmo a misericórdia e a justiça de Deus. De fato, a misericórdia e a justiça de Deus soam agressivos e injustos ao pecador, pois,

para este, sua sede de vingança o faz querer retribuir da mesma forma a todos, especialmente o mal que lhe foi feito. Daí, um Deus misericordioso que estende Sua mão ao arrependido soa como injusto. Se, porém, Deus pesa a Sua mão sobre o pecador, este julga que Deus está exagerando, pois, seu pecado não foi tão grave assim.

Notícias da queda de Jerusalém (33.21,22)

Conforme os historiadores há duas datas para o ocorrido aqui: 8 de janeiro de 585 a.C., ou quase um ano antes, 19 de janeiro de 586 a.C. Esta última parece ser mais plausível²⁶.

Ezequiel estava na Babilônia, mais de 1.200 quilômetros de distância. Uns seis meses antes, ou seja, em 29 de julho de 587 a.C. Nabucodonosor invadiu Jerusalém e a tomou. Na manhã do dia 19 de janeiro de 586 a.C., Deus tomara a Ezequiel e este interrompendo seu silêncio proclamou em alta voz aos que estavam exilados com ele na Babilônia, que, a cidade de Jerusalém havia caído sobre o domínio de Nabucodonosor. Mas, na tarde desse dia um mensageiro veio um que havia escapado de Nabucodonosor em Jerusalém e relatou a queda da cidade. Assim Deus confirmou a palavra do profeta Ezequiel.

Advertências aos que ficaram em Judá (33.23-29)

Nem todos os judeus foram levados em cativeiro para a Babilônia. Alguns ficaram na terra de Judá. Estes jactavam dizendo que estavam seguros, que a terra toda estava sob a posse deles (v.24). Deus, contudo, mostrou a Ezequiel o que estava para fazer a estes arrogantes que não aprenderam a lição com toda aquela catástrofe.

Em sua arrogância esse remanescente não levou em consideração a parte mais pobre do povo (Jr 52.16). A arrogância faz o ser humano se ver mais do que realmente é e o impede de ver sua miserabilidade diante de Deus.

Não haveria como escaparem da ira de Deus. Quem estivesse no lugar deserto seria alcançado pela espada, isto é, pelos inimigos; quem estivesse em campo aberto, as feras o atacariam; e os que estivessem na segurança de seus palácios, a peste os alcançaria. **Não há lugar algum seguro capaz de proteger o pecador contra a ira de Deus.**

Mas, porque Deus estava tão irado assim? Por causa da arrogância do povo que embora estivesse em pecados como autossuficiência, adultério e idolatria, ainda se julgava merecedor da posse da terra.

Advertências aos exilados na Babilônia (33.30-33)

Estes versículos descrevem um pecado muito comum em nossos dias: pessoas que se simpatizam e até admiram a Palavra de Deus, gostam de ouvir mensagens bíblicas, mas, não praticam. São na linguagem de Tiago “**meros ouvintes**” e longe de serem “**operosos praticantes**” (Tg 1.22).

Assim eram os exilados. Todos os dias vinham até Ezequiel e ouviam suas palavras. Tinham apreço por elas, gostavam delas como quem ouve canções de amor (v.32). Eles professavam amor pelas palavras do profeta, mas, seus corações estavam distantes das mesmas. **Uma profissão de fé mentirosa enoja a Deus.**

E qual a razão de alguém agir assim? A razão está em que tais pessoas não creem de fato na Palavra de Deus. No fundo de seus corações elas dizem: “*Tal não acontecerá*”. Mas, Deus responde a tal ação pecaminosa: “**Mas, quando vier isto e aí vem...**”, ou seja, é tão certo que Deus cumprirá o que prometeu que mesmo que ainda não tenha acontecido, Ele fala como se já tivesse acontecido, “**...então, saberão que houve no meio deles um profeta**” (v.33). Assim

²⁶ BRUCE, 2012, p.802.

acontecerá no Dia do Senhor Jesus. Muitos se darão conta de que entre eles estiveram os filhos de Deus anunciando o que haveria de acontecer e eles não se importaram. Mas, aí será tarde demais.



Para refletir

Deus requer do Seu povo:

- 1) obediência sincera,
- 2) plena confiança Nele,
- 3) abandonar a autossuficiência,
- 4) profissão de fé verdadeira.

Para semana que vem estude

VIII – A esperança de restauração.....	(33.1 – 37.28)
8.1. Reiteração da comissão do profeta	(33)
8.2. Os falsos pastores e o Bom Pastor	(34)
8.3. A destruição de Edom	(35)
8.4. A restauração da terra e do povo	(36)
8.5. A visão do vale de ossos secos.....	(37)



Enquanto estudar responda a essas questões

1) Como estavam agindo os pastores de Israel (v.1-10)?

Com ganância e desprezo pelas ovelhas.

2) Qual a promessa de Deus para as Suas ovelhas no v.11?

Que Ele viria em busca de Suas ovelhas e as reuniria sob Seus cuidados.

3) Qual a promessa que Deus faz no v.25?

Que Ele renovaria a Sua aliança com Suas ovelhas.

Memorizando a Palavra

Ez 34.12

“Como o pastor busca o seu rebanho, no dia em que encontra ovelhas dispersas, assim buscarei as minhas ovelhas; livrá-las-ei de todos os lugares para onde foram espalhadas no dia de nuvens e de escuridão”.

Ezequiel 33.1 – 37.28



Perguntas da semana passada

4) Como estavam agindo os pastores de Israel (v.1-10)?

Com ganância e desprezo pelas ovelhas.

5) Qual a promessa de Deus para as Suas ovelhas no v.11?

Que Ele viria em busca de Suas ovelhas e as reuniria sob Seus cuidados.

6) Qual a promessa que Deus faz no v.25?

Que Ele renovaria a Sua aliança com Suas ovelhas.

Versículo da semana passada

Ez 34.12

“Como o pastor busca o seu rebanho, no dia em que encontra ovelhas dispersas, assim buscarei as minhas ovelhas; livrá-las-ei de todos os lugares para onde foram espalhadas no dia de nuvens e de escuridão”.

Para semana que vem estude

VIII – A esperança de restauração.....	(33.1 – 37.28)
8.1. Reiteração da comissão do profeta	(33)
8.2. Os falsos pastores e o Bom Pastor	(34)
8.3. A destruição de Edom	(35)
8.4. A restauração da terra e do povo	(36)
8.5. A visão do vale de ossos secos.....	(37)



Visão Geral do Texto

O Cap. 34 é belíssimo. Ele aponta para o Messias, Jesus Cristo, de forma muito clara contrastando-O com os falsos, inescrupulosos e gananciosos pastores do rebanho do SENHOR Deus. Além disso, há muitas referências correlatas no Novo Testamento com esse capítulo.



Aprofundando no Texto

8.2. Os falsos pastores e o Bom Pastor (Ez 34)

O SENHOR Deus denuncia os falsos pastores (34.1-6)

Mais uma vez a palavra (oráculo, profecia) do SENHOR Deus veio ao profeta (v.1), demonstrando assim, a solenidade e austeridade dessas palavras contra aqueles que foram colocados por Deus para executarem o papel de líderes do povo. Eles eram falsos não porque usurparam o lugar de liderança de alguém, mas, porque como líderes que foram colocados para cuidar do povo, em vez de fazerem a vontade de Deus, estavam se beneficiando dessa autoridade para se enriquecerem e viverem no luxo e ganância, apascentando “a si mesmos” (v.2), enquanto o povo padecia, não só de cuidados materiais, mas, também, espirituais. Portanto, os “pastores” aos quais Deus se dirige aqui através de Ezequiel eram os líderes políticos e religiosos.

A semelhança com os nossos dias é gritante. Quantos pastores existem que tratam as ovelhas de Cristo como “fonte de lucro”? Quantos pastores que pregam (alimentam) as ovelhas com aquilo que é agradável a elas, mas, que não tem compromisso algum com a Palavra de Deus? Isto fazem com o propósito de alcançarem das ovelhas bens materiais e sustento. **O problema não é somente não alimentar as ovelhas, mas, também alimentá-las com o que não presta.**

O v.4 nos mostra que só podemos fortalecer, curar, cuidar e proteger as ovelhas que Deus nos confiou se o fizermos por meio da Sua Palavra e não com a nossa palavra para não dominarmos sobre elas. O apóstolo Pedro advertiu aos presbíteros quanto a isso (1Pe 5.1-4).

Quando há uma liderança iníqua que se desviou da Palavra de Deus, Ele permite que Suas ovelhas se espalhem e até sofram danos (v.5). Mas, Ele pedirá contas daqueles que foram colocados como líderes para delas cuidarem.

O SENHOR Deus acertará contas com os líderes maus (34.7-10)

“Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus” (v.8), é a existência de Deus a maior garantia de que o julgamento acontecerá. Assim como os pastores perversos trataram com desdém as ovelhas e as deixaram à mercê do inimigo (v.9), muito pior Deus faria com esses pastores, pois, Ele pessoalmente estaria contra eles pondo fim à autoridade deles envergonhando-os terrivelmente enquanto livraria as Suas ovelhas da destruição.

O SENHOR Deus restaurará o Seu rebanho (34.11-31)

Estes versículos encontram seus textos correlatos no Novo Testamento de forma muito precisa e bela. Vejamos.

Ezequiel 34.11-31	Novo Testamento
v.11: Deus procurará por Suas ovelhas	Jo 4.23: Deus procura por Seus adoradores
v.12-16: Deus buscará as ovelhas perdidas	Lc 15.3-7: a parábola da ovelha perdida
v.17-22: Deus separará as ovelhas dos bodes	Mt 25.32-33: Ele separará as ovelhas dos cabritos
v.23: a promessa do Pastor que unificará o rebanho do SENHOR Deus	Jo 10.16: Jesus é o Supremo Pastor que reúne em Si todas as ovelhas de Deus.
v.24: Deus promete ser o Deus de Seu povo (promessa esta que vem desde o princípio)	Hb 8.10: Em Cristo Deus cumpriu essa promessa.
v.25-31: Promessa da Nova Aliança que restaurará o povo de Deus e toda a Criação.	Rm 8.18-25: A Criação e os filhos de Deus aguardam o Dia da Redenção (Volta de Jesus).

A promessa da restauração que Deus fez e que se concretizou em Cristo foi a despeito:

- ✓ Do desasco dos líderes perversos e dos inimigos que as espalharam pela terra, v.12-13;
- ✓ Da dor que suas ovelhas estiverem passando, v.16;
- ✓ Da ganância, arrogância e indiferença daquelas ovelhas consideradas “gordas” (o que quer dizer: ricas e fartas porque exploraram as demais) para com aquelas consideradas “magras” (o que quer dizer: foram exploradas e saqueadas pelas suas irmãs), v.17-22;
- ✓ Da humanidade de Seus filhos, v.31, pois, o que importa não é o quanto somos fortes e o que somos, mas, sim que Deus é!

Essa promessa de restauração aconteceu plenamente na Nova Aliança, em Jesus Cristo, o Filho de Davi (v.23).



Para refletir

A despeito de todas as circunstâncias que o povo de Deus estava passando, a única coisa que realmente importava e que poderia lhes dar alento era a presença de Deus. No v.30 lemos: “**Saberão, porém, que eu, o SENHOR Deus, estou com elas e que elas são o meu povo, a casa de Israel, diz o SENHOR Deus**”.

Para semana que vem estude

VIII – A esperança de restauração.....	(33.1 – 37.28)
8.1. Reiteração da comissão do profeta	(33)
8.2. Os falsos pastores e o Bom Pastor	(34)
8.3. A destruição de Edom.....	(35)
8.4. A restauração da terra e do povo	(36)
8.5. A visão do vale de ossos secos.....	(37)



Enquanto estudar responda a essas questões

- 1) De qual pecado Deus acusou Seir (Edom) no v.5?
De ser inimigo de Israel e de não lhe prestar socorro.
- 2) O que Deus prometeu fazer contra Seir por causa desse pecado? (v.6-9)
Vingar os filhos de Israel.
- 3) O pecado de Seir contra Israel era reflexo do que, conforme o v.13?
Resultado do pecado contra Deus.

Memorizando a Palavra

Ezequiel 35.12

“Saberás que eu, o SENHOR, ouvi todas as blasfêmias que proferiste contra os montes de Israel, dizendo: Já estão desolados, a nós nos são entregues por pasto”.

Ezequiel 33.1 – 37.28



Perguntas da semana passada

- 4) De qual pecado Deus acusou Seir (Edom) no v.5?
De ser inimigo de Israel e de não lhe prestar socorro.
- 5) O que Deus prometeu fazer contra Seir por causa desse pecado? (v.6-9)
Vingar os filhos de Israel.
- 6) O pecado de Seir contra Israel era reflexo do que, conforme o v.13?
Resultado do pecado contra Deus.

Versículo da semana passada

Ezequiel 35.12

“Saberás que eu, o SENHOR, ouvi todas as blasfêmias que proferiste contra os montes de Israel, dizendo: Já estão desolados, a nós nos são entregues por pasto”.

Para semana que vem estude

VIII – A esperança de restauração.....	(33.1 – 37.28)
8.1. Reiteração da comissão do profeta	(33)
8.2. Os falsos pastores e o Bom Pastor	(34)
8.3. A destruição de Edom.....	(35)
8.4. A restauração da terra e do povo	(36)
8.5. A visão do vale de ossos secos.....	(37)



Visão Geral do Texto

Os edomitas (mais tarde conhecidos como idumeus) que aqui são descritos como “monte Seir”, eram os descendentes de Esaú, irmão de Jacó (Israel). O drama que envolve essas duas nações começou em Gn 27, quando Jacó de forma astuta usurpou a bênção da primogenitura, a qual pertencia a Esaú que levianamente a rejeitou. Essa disputa atravessou os séculos.



Aprofundando no Texto

8.3. A destruição de Edom (Ez 35)

Mais uma profecia condenatória para Edom (35.1-9)

Em 25.12-14 consta a primeira profecia dada a Ezequiel contra Edom. Por dois motivos Deus se irou contra Edom:

- ✓ Sua inimizade perpétua contra Israel;
- ✓ Sua alegria em ver Judá cair nas mãos dos babilônios sem prestar-lhe ajuda e socorro (v.5).

Edom, assim como seu patriarca Esaú, desejava receber a bênção de Deus, mas, não queria se relacionar com Deus. **O utilitarismo é um pecado sempre presente no coração humano.** William MacDonald afirma acertadamente que este princípio é válido ainda em nossos dias, pois “não há como sermos abençoados sem o Senhor Jesus”²⁷.

Deus prometeu castigar Edom da seguinte forma:

²⁷ MACDONALD, 2011, vol. p.718.

- ✓ Fazendo de Edom “desolação e espanto”, v.3-4;
- ✓ Vingando o sangue dos israelitas que foi derramado ao qual Edom fez pouco caso; de igual forma o sangue de Edom seria derramado, e os seus corpos forrariam o chão, v.6 e 8;
- ✓ Extinguir o comércio e a rota comercial de Edom, o que o levaria à falência, v.7;
- ✓ Varrendo Edom da face da terra. De fato, Edom nunca mais depois de sua destruição foi lembrado como Edom, mas, surgiu em seu lugar os idumeus (Idumeia nos tempos greco-romanos).

Deus se identifica com Seu povo (35.10-15)

Israel (e Judá) estava sob a disciplina do SENHOR Deus, e não sob Sua rejeição. Com Seu povo Deus estabeleceria Sua Aliança perpétua a qual jamais seria destruída por Ele. Nessa Aliança Deus prometeu ser o Deus de Seu povo e este ser o Seu povo (Gn 17.8; Ex 20.45; Jr 24.7-8; 31.33; 32.38; Ez 11.20; 14.11; 37.23; Zc 8.8; 2Co 6.16; Hb 8.10).

Os edomitas não perceberam essa distinção entre disciplina e rejeição. Por isso mesmo, da mesma forma que Edom se regozijou com a destruição (disciplina) de Israel, “alegrar-se-á toda a terra” com a destruição e aniquilação de Edom (v.14).

Duas lições importantes devem ser tiradas desse ponto:

- ✓ Deus não deixa impune quem faz o mal ou se alegra com o mal feito a Seus filhos; Ele sabe como retribuir com justiça os atos de cada um;
- ✓ Não deve haver no coração dos filhos de Deus nenhum regozijo pela punição dos inimigos do povo de Deus; antes, deve haver em nosso coração a certeza de que Deus não nos permite pagar o mal com o mal, e nem mesmo desejar o mal àqueles que mal nos fizeram. Que o exemplo de Edom fale alto em nosso coração!



Para refletir

No v.12 temos uma certeza maravilhosa: Deus ouve não só as orações do seu povo, mas, também cada palavra ímpia proferida contra ele e lhe faz justiça.

Para semana que vem estude

VIII – A esperança de restauração.....	(33.1 – 37.28)
8.1. Reiteração da comissão do profeta	(33)
8.2. Os falsos pastores e o Bom Pastor	(34)
8.3. A destruição de Edom.....	(35)
8.4. A restauração da terra e do povo	(36)
8.5. A visão do vale de ossos secos.....	(37)



Enquanto estudar responda a essas questões

1) Nos v.1-15, os Montes de Israel, é a própria terra de Israel. Que promessa Deus fez nestes versículos?

Restaurar a terra.

2) Nos v.16-38, onde Deus promete restaurar o Seu povo, qual é a principal promessa?
Ele lhes daria um novo coração (conversão verdadeira).

Memorizando a Palavra

Ezequiel 36.26

“Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne”.

Ezequiel 33.1 – 37.28



Perguntas da semana passada

3) Nos v.1-15, os Montes de Israel, é a própria terra de Israel. Que promessa Deus fez nestes versículos?

Restaurar a terra.

4) Nos v.16-38, onde Deus promete restaurar o Seu povo, qual é a principal promessa?
Ele lhes daria um novo coração (conversão verdadeira).

Versículo da semana passada

Ezequiel 36.26

“Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne”.

Para semana que vem estude

VIII – A esperança de restauração.....	(33.1 – 37.28)
8.1. Reiteração da comissão do profeta	(33)
8.2. Os falsos pastores e o Bom Pastor	(34)
8.3. A destruição de Edom	(35)
8.4. A restauração da terra e do povo	(36)
8.5. A visão do vale de ossos secos.....	(37)



Visão Geral do Texto

Neste capítulo encontramos as promessas de Deus em restaurar a terra e o povo de Israel. O cativeiro não foi um ato rejeição de Deus, mas, sim, um ato disciplinar e corretivo de Deus, mostrando assim que Ele não quebrou Sua Aliança, mas, sim, a manteve ainda mais firme e estabelecida (cf. v.28).

Este capítulo é chamado de “**O Evangelho segundo Ezequiel**”, pois, nele encontramos a promessa da purificação, regeneração e transformação resultantes do sacrifício de Cristo e presença do Espírito Santo no coração do Seu povo (v.25-30).



Aprofundando no Texto

8.3. A restauração da terra e do povo (Ez 36)

Vejamos primeiramente, a promessa da restauração da terra.

Promessa de restauração da terra (36.1-15)

No Cap. 35 vimos que Deus estava irado com Edom e pronto para vingar o desprezo e a zombaria deste para com Israel quando o viu ser arrasado pela Babilônia.

A terra de Israel estava desolada e devastada por todos os lados. Em todas as suas fronteiras, seus vizinhos tentavam pegar um pouco da terra (v.3). Mas, Deus se voltou misericordiosamente para essas terras que aqui são chamados de “**Montes de Israel**” (v.1), e prometeu restaurar-lhes por completo. Mas, muito mais que a honra de Israel era a honra de Deus que estava sendo escarnecidida pelos iníquos, e, por isso mesmo, Deus no fogo Seu zelo haveria de castigar os inimigos (v.5-7).

Nos v.8-15 vemos que as cidades e os campos de Israel tornar-se-iam habitáveis novamente, a terra voltaria a ser fértil e próspera como nunca fora antes, e os gentios, punidos pela mão de Deus deixariam de zombar do povo de Deus.

Promessa de restauração do povo (36.16-38)

Essa parte do capítulo é a mais importante. De nada adiantaria uma terra restaurada, fértil e próspera com um povo depravado e perverso de coração.

Nos v.16-21 Deus promete que além de restaurar a terra, haveria também de restituir o povo ao seu devido lugar. Israel estava espalhado entre as nações, e, das nações seriam repatriado. Ele fora levado como escravo para outras nações porque derramara sangue inocente e rendera-se aos ídolos. Assim, deram ocasião para serem humilhados em terras distantes, onde as pessoas não somente questionaram a integridade de Israel como, especialmente o cuidado de Deus, dizendo: “**São estes o povo do SENHOR, porém tiveram de sair da terra dele**” (v.20). **O que nós precisamos entender é que toda a derrota que sofremos é uma afronta e desonra a Deus.**

No v.21 vemos uma verdade que é reforçada nos v.22,23 e 32, a saber, **o compromisso de Deus em salvar o Seu povo é antes de tudo, um compromisso com a glória do Seu Santo Nome.**

Nos v.24-29a temos “**O Evangelho segundo Ezequiel**”, onde ele nos mostra o que é a verdadeira conversão. A verdadeira conversão tem as seguintes características:

- ✓ É um ato purificador realizado por Deus (v.25): “**aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados**”;
- ✓ É uma transformação interna e total promovida por Deus (v.26): “**Da-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo...**”. Não se trata de uma cura apenas, ou de uma reforma, mas, sim, uma transformação completa;
- ✓ É resultado da habitação do Espírito Santo no coração do pecador: “**Porei dentro de vós o meu Espírito**” (v.27);
- ✓ É a capacitação do Espírito Santo implantada no coração do pecador levando-o à obediência cheia de amor: “**e farei com que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis**” (v.27);
- ✓ É a ratificação da Aliança de Deus conosco: “**eu serei o vosso Deus**” (v.28);
- ✓ É a justificação no sangue de Jesus: “**Livrarei-vos de todas as imundícias**” (v.29).

Nos v.29b-30 Deus prometeu sustento abundante para o Seu povo. Deus restaura e sustenta o Seu povo. Ele faz isso não por merecimento do povo, mas, pela honra do Seu Nome!

Encerrando o capítulo, nos v.31-38, vemos que as nações vizinhas testemunhariam a completa restauração do povo de Deus (v.36). A terra que antes estava desolada seria maravilhosamente restaurada e se assemelharia ao jardim do Éden; as cidades antes desguarnecidas e vulneráveis seriam edificadas e fortificadas (v.35). E a garantia de que tudo isso aconteceria era o próprio Deus: “**Eu, o SENHOR, o disse e o farei**” (v.36). A terra seria repovoada (v.37), mas, não com um povo qualquer, mas, sim, “**com um rebanho de santos**” (v.38). E assim todos saberiam quem é o SENHOR Deus!



Para refletir

A nossa salvação (eleição, vivificação, regeneração, chamado, conversão, santificação e glorificação) é resultado exclusivo da Graça de Deus, e também para a Sua exclusiva glória (cf. Ef 1.3ss).

Para semana que vem estude

VIII – A esperança de restauração.....	(33.1 – 37.28)
8.1. Reiteração da comissão do profeta	(33)
8.2. Os falsos pastores e o Bom Pastor	(34)
8.3. A destruição de Edom	(35)
8.4. A restauração da terra e do povo	(36)
8.5. A visão do vale de ossos secos	(37)



Enquanto estudar responda a essas questões

- 1) Qual instrumento Deus usou para trazer aqueles esqueletos à vida?
A Sua Palavra.
- 2) O que significava a profecia ilustradas com os pedaços de madeira (v.15-19)?
A reunificação das tribos de Israel em um só povo.
- 3) Qual importante promessa é reforçada no v.27?
A promessa da Aliança: “Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo”.

Memorizando a Palavra

Ezequiel 37.27

“O meu tabernáculo estará com eles; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo”.

Ezequiel 33.1 – 37.28**Perguntas da semana passada**

4) Qual instrumento Deus usou para trazer aqueles esqueletos à vida?
A Sua Palavra.

5) O que significava a profecia ilustradas com os pedaços de madeira (v.15-19)?
A reunificação das tribos de Israel em um só povo.

6) Qual importante promessa é reforçada no v.27?
A promessa da Aliança: “Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo”.

Versículo da semana passada**Ezequiel 37.27**

“O meu tabernáculo estará com eles; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo”.

Para semana que vem estude

VIII – A esperança de restauração.....	(33.1 – 37.28)
8.1. Reiteração da comissão do profeta	(33)
8.2. Os falsos pastores e o Bom Pastor	(34)
8.3. A destruição de Edom	(35)
8.4. A restauração da terra e do povo	(36)
8.5. A visão do vale de ossos secos	(37)

**Visão Geral do Texto**

Até aqui, o livro de Ezequiel trouxe uma mensagem pesada carregada de promessas terríveis contra o pecado de Judá e Jerusalém. De fato, Deus sabe como punir o pecado. Sua justiça não falha e vem na medida certa. Contudo, Ele também sabe como restaurar e levantar Seus filhos; sabe como encher-lhes o coração de esperança e fortalecer-lhes o espírito e vivificá-los com Sua Palavra. É disso que se trata este belo capítulo de Ezequiel.

**Aprofundando no Texto****8.5. A visão do vale de ossos secos (Ez 37)**

Este capítulo se divide em duas partes. A primeira fala sobre a visão e o seu significado (v.1-14) e a segunda parte fala a mensagem da reunificação que deveria ser trazida ao povo (v.15-28).

A visão e o seu significado (37.1-14)

A mão do SENHOR Deus tomara Ezequiel e o levara a um vale de ossos secos. Tudo isso por meio de uma visão. Porém, não há menção explícita de que foi uma visão como as demais que o profeta teve. De fato, não há mesmo essa menção explícita, mas, se olharmos com atenção os v.11-14 veremos que se trata de uma visão sim, na qual “estes ossos são toda a casa de Israel” (v.11).

O paralelo entre a casa de Israel e aquele vale de ossos “sequíssimo” é impressionante. Os judeus (tanto Judá quanto Israel) haviam sido espalhados por entre as nações tal como aqueles ossos estavam espalhados sobre aquele vale. O próprio vale prefigura o “vale espiritual” pelo qual passava o povo. Assim como aqueles ossos estão esturricados e

sequíssimos, o povo estava seco pela total falta de esperança. Porém, assim como aqueles ossos foram regenerados e depois vivificados pelo espírito (literalmente, vento) que veio dos quatro quantos da terra, o povo seria restaurado à terra e depois vivificado pelo Espírito Santo (v.14). Mas, qual o instrumento que Deus usou tanto para vivificar aqueles ossos da visão quanto o povo Dele representado naqueles ossos? **A Sua Palavra!**

Alguns aspectos importantes precisam ser ressaltados aqui com relação à Palavra de Deus:

✓ **O profeta e a Palavra**

- Deus fez o profeta andar por entre aqueles ossos (v.2) – o pregador tem de estar no meio dos “mortos espirituais”;
- O pregador tem de confiar somente no poder de Deus para vivificar os corações (v.3);
- O pregador tem de pregar para quem Deus manda não importando se ouvirão ou não (v.4); àqueles ossos sequíssimos Ezequiel deveria dar a seguinte ordem: **“Ossos secos, ouvi a palavra do SENHOR”**. Uma ordem muito estranha, pois, como pode algo morto ouvir alguma coisa e ainda mais responder?
- O pregador tem de pregar somente o que Deus lhe manda pregar. No v.7 Ezequiel afirma: **“Então, profetizei segundo me fora ordenado”**, ou seja, o que está escrito nos v.5 e 6. Depois, no v.10 ele novamente diz **“Profetizei como ele me ordenara”** acerca do espírito (v.9).

✓ **O resultado da Palavra**

- Não foi Ezequiel e muito menos os ossos que produziram vida ali, mas, somente a Palavra de Deus. Ezequiel não usou nada além daquilo que Deus lhe disse. O pregador deve lutar contra a tentação de buscar outras coisas além da Palavra de Deus para vivificar os corações. Só ela basta.
- Ao anunciar a Palavra de Deus àqueles ossos, primeiramente ocorreu a **regeneração**. Cada osso unindo-se ao seu osso, depois os tendões e depois a pele. Contudo, não passavam de cadáveres sem vida. Faltando o espírito, o fôlego da vida. Quando este veio conforme a Palavra de Deus sobre aqueles corpos, todos passaram pela **vivificação**. Só a Palavra de Deus pode vivificar o coração que está morto espiritualmente!

✓ **O Espírito e a Palavra**

- A Palavra de Deus foi anunciada pelo profeta àqueles ossos, mas, somente quando o espírito (“fôlego de vida”) entrou neles é que passaram a viver de fato. Semelhantemente, as pessoas ouvem a Palavra de Deus proclamada por nós, mas, enquanto o Espírito Santo de Deus não entra em seus corações e aplica a Palavra, as pessoas não passam de cadáveres sem vida.

A mensagem de reunificação de Israel e Judá (37.15-28)

O profeta Ezequiel, após a visão, recebeu uma ordem de Deus para que tomasse dois pedaços de madeira, cada um representando Judá e Israel (José e Efraim). Deveria ajuntá-los um ao outro para se tornarem uma só peça. Com isso Deus queria mostrar-lhes o que Ele estava por fazer, a saber, reunificar os dois povos que se separaram em 933 a.C. com a morte de Salomão, separação essa que durou até 586 a.C., quando aconteceu a última deportação dos judeus para a Babilônia na qual Ezequiel estava incluso. Quando Deus fosse trazer os judeus de volta, não haveria mais essa separação, pois, o povo seria um só.

A promessa de Deus aqui destaca os seguintes elementos:

✓ **A restauração seria obra divina e não humana.** As frases seguintes confirmam isso:

- “Eis que eu tomarei os filhos de Israel de entre as nações...” (v.21);

- “Farei deles uma só nação na terra (v.22);
- “...livrá-los-ei de todas as suas apostasias em que pecaram e os purificarei” (v.23);

✓ **O Rei Messiânico reinará eternamente.** Um só rei governaria sobre o povo (v.22), e este rei era o próprio Messias, o descendente de Davi, e assim, por meio do seu descendente mais ilustre, o Messias, Davi teria o seu trono perpetuado por toda a eternidade (v.24,25).

✓ **A Nova Aliança seria estabelecida perpetuamente.** Essa Aliança é a mesma desde a antiguidade, mas, que, na pessoa do Messias (Jesus Cristo) seria plena e perfeita. O “santuário” e o “tabernáculo” que seria posto no meio do povo era o próprio Messias. O apóstolo João ao dizer que “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós...” (Jo 1.14). Ao dizer que Cristo “habitou” João emprega o verbo **σκηνώ** que quer dizer “**armar a tenda, tabernacular**”²⁸. Nos tempos de Moisés, o tabernáculo onde ficava a Arca da Aliança era o símbolo da presença de Deus no meio do Seu povo. Aqui em Ezequiel 37.27, Deus promete que colocar o Seu tabernáculo no meio do povo, e em Jesus Cristo isso se cumpriu plenamente.

A conclusão do capítulo no v.28 é maravilhosa. Tudo isso aconteceria para que ficasse de testemunho, pois, “**As nações saberão que eu sou o SENHOR que santifico a Israel, quando o meu santuário estiver para sempre no meio deles**” (v.28). É a presença de Cristo no meio da Sua Igreja que a santifica. Se houver outro meio pelo qual a Igreja estiver buscando santificação com toda certeza o que ela estará fazendo será, nas palavras do v.23, abominação, transgressão, apostasia e pecado.



Para refletir

Não precisamos de nada mais do que a Palavra, o Cristo e o Espírito de Deus para nos regenerar, vivificar e santificar.

Para semana que vem estude

IX – A Destrução de Gogue e Magogue.....(38.1 – 39.29)

9.1. Profecias contra Gogue(38.1 – 39.20)

9.2. Mais promessas de restauração para o povo de Deus(39.21-29)



Enquanto estudar responda a essas questões

1) Que promessa Deus faz a Gogue em 38.16?

Que Ele haveria de vindicar Sua glória sobre Gogue.

2) Durante quanto tempo os filhos de Israel ficariam sepultando os inimigos, os filhos de Gogue (39.12)?

Sete meses.

3) Qual promessa Deus fez para o Seu povo em 39.29?

Seu rosto estaria voltado para o Seu povo e o Seu Espírito seria derramado sobre Israel.

Memorizando a Palavra

Ezequiel 39.29

“Já não esconderei deles o rosto, pois derramarei o meu Espírito sobre a casa de Israel, diz o SENHOR Deus.

²⁸ VINE, 2002, p. 688.

Ezequiel 38.1 – 39.29**Perguntas da semana passada**

- 4) Que promessa Deus faz a Gogue em 38.16?
Que Ele haveria de vindicar Sua glória sobre Gogue.
- 5) Durante quanto tempo os filhos de Israel ficariam sepultando os inimigos, os filhos de Gogue (39.12)?
Sete meses.
- 6) Qual promessa Deus fez para o Seu povo em 39.29?
Seu rosto estaria voltado para o Seu povo e o Seu Espírito seria derramado sobre Israel.

Versículo da semana passada**Ezequiel 39.29**

“Já não esconderei deles o rosto, pois derramarei o meu Espírito sobre a casa de Israel, diz o SENHOR Deus.

Para semana que vem estude

IX – A Destrução de Gogue e Magogue.....(38.1 – 39.29)
 9.1. Profecias contra Gogue(38.1 – 39.20)
 9.2. Mais promessas de restauração para o povo de Deus(39.21-29)

**Visão Geral do Texto**

Estes dois capítulos devem ser entendidos à luz dos próximos que falam sobre a “futura cidade de Deus”, a Nova Jerusalém. Aqui nos Cap.38-39, Deus mostra a Ezequiel o Seu juízo apocalíptico contra os inimigos do Seu povo, representados aqui nas pessoas de Gogue e do povo de Magogue. Os que seguem pela viés do Dispensacionalismo, entendem que os nomes Rôs, Meseque e Tubal dizem respeito à Rússia (Rôs), Moscou (Meseque) e Tobolsk (Tubal)²⁹, o que apesar de parecer uma interpretação interessante, não tem como ser comprovada. Em Nota, a Bíblia de Estudo de Genebra afirma:

Antes de sua descrição sobre a futura cidade de Deus, o profeta primeiramente descreve a derrota e a remoção de seus inimigos. Gogue, o príncipe de Magogue, resume a oposição final ao reino e ao povo de Deus. Deus aparece como um guerreiro divino, lutando por seu povo e impondo uma derrota apocalíptica aos seus adversários, preparando o caminho para a visão sobre a cidade renovada (caps. 40 – 48).

A interpretação mais coerente aqui é a de que Gogue e Magogue são tipificações do mal, ou seja, todos os inimigos do povo de Deus que haveriam de ser subjugados por Deus. Esta interpretação encontra amparo escriturístico, pois, para o povo judeu, Gogue e Magogue tornaram-se esses símbolos malignos, tanto que o apóstolo João usa-os em referência às forças do mal contra a Igreja de Cristo, Ap. 20.8.

Outras nações também foram tomadas como tipificações do mal. O Egito, por exemplo, simbolicamente falando, é o mundo inimigo do povo de Deus; a Babilônia é o símbolo da perversidade e idolatria.

²⁹ MACDONALD, 2011, vol.1, p.719.



Aprofundando no Texto

9.1. Profecias contra Gogue (38.1 – 39.20)

O castigo prometido aos inimigos do povo de Deus (38.1 – 39.20)

Por meio de Ezequiel, Deus promete terrível castigo aos inimigos:

- ✓ Apesar de todo armamento bélico, os inimigos seriam vergonhosamente capturados e exibidos diante de todos, v.4-6;
- ✓ A arrogância e prepotência dos inimigos, que mesmo ouvindo a profecia divina contra eles ainda assim se levantam contra o povo de Deus e reúnem as forças para ataca-lo, v.7-9. Contudo, o vexame será ainda maior, em seus corações eles pensam que o povo de Deus está desprotegido e desamparado sendo uma presa fácil (v.10-13), porém, Deus viria em socorro de Seu povo;
- ✓ Os inimigos testemunhariam o cuidado e proteção de Deus com Seu povo, v.14;
- ✓ O que parecia ser decisão dos inimigos (atacar o povo de Deus), na verdade era o agir de Deus trazendo os inimigos para guerrear contra o Seu povo, para que ali fossem vergonhosamente derrotados e ficasse evidente que Deus estava vindicando Sua glória sobre os inimigos, v.15-16;
- ✓ Deus cumpriria nos inimigos a Sua vingança e justiça prometidas há tempos pelos profetas, v.17-20;
- ✓ Os inimigos seriam castigos de diversas formas: pestes, doenças, guerras, chuvas de granizo, raios e enxofre (vulcões?), tudo isso para mostrar que não haveria qualquer chance de escaparem da ira de Deus, v.21-23.

Não podemos nunca perder de vista que o exercício da justiça divina tem como objetivo vindicar a Glória de Deus, pois, toda expressão maligna é uma afronta e ofensa à santidade de Deus.

O SENHOR Deus continuou mostrando como seria o Seu agir contra Gogue (39.1-20):

- ✓ Deus traria Gogue e seu exército para os montes de Israel, ou seja, onde Israel teria toda a vantagem contra Gogue, mas, quem pelejaria contra Gogue seria o próprio Deus, v.2-5;
- ✓ Enquanto o exército de Gogue estava sendo destruído nos montes de Israel, Magogue, a terra de Gogue seria devastada por Deus, v.6;
- ✓ No v.7 temos a razão pela qual Deus faria tudo isso: por amor ao Seu santo Nome;
- ✓ Uma vez derrotado e destruído, o armamento do exército de Gogue serviria como combustível para o fogo dos israelitas por “sete anos”³⁰, v.8-10. Com isso Deus estava ensinando o Seu povo a confiar exclusivamente Nele. Queimar as armas de Gogue era a forma deles resistirem a tentação de guardarem essas armas como recursos reservados para outras guerras, e caírem no pecado de confiarem em seus recursos. Assim como essas armas de nada valeram para Gogue diante de Deus, de nada valeriam para os israelitas, porque Deus é o escudo de Seu povo (Sl 84.11; 115.9,10).
- ✓ Um cemitério da vergonha. Deus prometeu que sepultaria Gogue, isto é, o seu exército nas terras de Israel, e o lugar do sepultamento seria chamado de “vale das Forças de Gogue” (v.11). O lugar onde as forças de Gogue seriam lembradas era um cemitério, e isso para mostrar a fraqueza e a insignificância daquele que se julgava muito poderoso. Aquele cemitério serviria como testemunha, e, todos quantos passassem por ali saberiam que ali estavam sepultados os ossos dos soldados de Gogue que nada puderam fazer contra o povo de Deus, v.11-16).

³⁰ O número 7 aqui e no v.12 é simbólico apontando para um tempo completo em que a ira de Deus se revelaria contra os inimigos.

- ✓ No vale das Forças de Gogue estariam os ossos dos soldados. Mas, antes de serem apenas ossos, os cadáveres daqueles soldados serviriam de alimento para as aves de rapina, v.17-20.

Com todas essas ações Deus ridiculizaria os inimigos do Seu povo.

9.2. Mais promessas de restauração para o povo de Deus (39.21-29)

Na parte final deste capítulo encontramos mais promessas de restauração que Deus fez para o Seu povo. Essas promessas consistiam em:

- ✓ Manifestação da Glória de Deus entre as nações, v.21. Nesta manifestação todos veriam o Seu grande poder e santidade;
- ✓ Seu povo, Israel O conheceria de forma mais pessoal, v.22. Deus se nos dá a conhecer de forma mais intensa nas tribulações (Sl 119.71);
- ✓ Todos veriam o amor de Deus por Seu povo por meio da disciplina que Ele lhe aplicaria, v.23-25 e 28;
- ✓ Restauração da paz e confiança no cuidado e proteção de Deus, v.26-27;
- ✓ Derramamento do Espírito Santo de Deus sobre os Seu povo selando assim a Sua aliança com este, v.29.



Para refletir

Deus disciplinou o Seu povo para mostrar às nações o Seu amor por Seu santo Nome e pelo Seu povo. A disciplina é um ato de amor (Hb 12.7-11).

Para semana que vem estude

X – A Nova Comunidade	(40.1 – 48.35)
10.1. O Novo Templo	(40 – 42)
10.2. A Glória do SENHOR retorna ao Templo – utensílios consagrados	(43)
10.3. Reformas no ministério do santuário – servos consagrados	(44)
10.4. O distrito e Ordenanças sagradas	(45 – 46)
10.5. O rio da vida	(47.1-12)
10.6. A divisão da terra	(47.13 – 48.29)
10.7. A Cidade Santa	(48.30-35)



Enquanto estudar responda a essas questões

1) Do que o novo templo ficou cheio quando Ezequiel o viu completado e pronto (43.2-5)?

Da glória do SENHOR.

2) Qual promessa o SENHOR Deus fez a Ezequiel em 43.7-9?

De que estaria para sempre habitando com Seu povo e o purificaria completamente.

3) Para que serviria aquele novo templo (cf. 43.10-12)?

Para que o povo visse o seu pecado em contraste com a santidade de Deus e se arpendesse.

Memorizando a Palavra

Ez 43:5

“O Espírito me levantou e me levou ao átrio interior; e eis que a glória do SENHOR enchia o templo”.

Ezequiel 40.1 – 48.35



Perguntas da semana passada

4) Do que o novo templo ficou cheio quando Ezequiel o viu completado e pronto (43.2-5)?

Da glória do SENHOR.

5) Qual promessa o SENHOR Deus fez a Ezequiel em 43.7-9?

De que estaria para sempre habitando com Seu povo e o purificaria completamente.

6) Para que serviria aquele novo templo (cf. 43.10-12)?

Para que o povo visse o seu pecado em contraste com a santidade de Deus e se arrependesse.

Versículo da semana passada

Ez 43:5

“O Espírito me levantou e me levou ao átrio interior; e eis que a glória do SENHOR enchia o templo”.

Para semana que vem estude

X – A Nova Comunidade	(40.1 – 48.35)
10.1. O Novo Templo	(40 – 42)
10.2. A Glória do SENHOR retorna ao Templo – utensílios consagrados	(43)
10.3. Reformas no ministério do santuário – servos consagrados	(44)
10.4. O distrito e Ordenanças sagradas	(45 – 46)
10.5. O rio da vida	(47.1-12)
10.6. A divisão da terra	(47.13 – 48.29)
10.7. A Cidade Santa	(48.30-35)



Visão Geral do Texto

Dificuldades na interpretação

Os Caps. 40 – 48 apresentam certa dificuldade de interpretação. Existem quatro linhas de interpretação desse texto³¹:

- ✓ **Profética Literal:** Segundo esta interpretação, temos aqui a planta de um templo que Ezequiel pretendia que fosse construído quando os exilados voltassem a Jerusalém. É, na realidade, uma especificação de construção. Deve ser dito em defesa desta teoria que Ezequiel esperava com confiança uma volta literal do exílio, logo, não seria surpreendente que ele, como personagem sacerdotal além de profético, esboçasse o formato do novo templo que por certo haveria de ser reedificado em Jerusalém.
- ✓ **Cristã Simbólica:** favorecida por muitos comentaristas mais antigos. Sustentavam que esta visão teve seu cumprimento simbólico na igreja cristã. Há veracidade neste ponto de vista, e recebe ímpeto pelo uso da linguagem de Ezequiel no livro do Apocalipse, onde o quadro da nova Jerusalém é baseado, em linhas gerais, no padrão de Ezequiel.
- ✓ **Dispensacionalista:** Este é conhecido de modo mais popular através da Bíblia de Referências “Scofield”, que dá a Ezequiel 40-48 o título de “Israel na Terra durante a época do Reino.” A abordagem é literal e futurista.
- ✓ **Apocalíptica:** Essa interpretação não vê este texto como uma profecia, mas, sim, como o que é conhecido como “literatura apocalíptica”. Esse gênero literário sempre aparece em momentos que o povo de Deus estava sofrendo nas mãos dos inimigos, e esperando o agir

³¹ Cf. TAYLOR, 1984, p.226.

de Deus em seu favor para subjugar os inimigos e trazer salvação ao Seu povo. Por isso vemos muita semelhança no livro de Ezequiel com, por exemplo, Apocalipse. Essa linha de interpretação é a que seguimos aqui, pois, Profética Literal não considera os muitos aspectos simbólicos do texto. Em contrapartida, a Cristã Simbólica, restringe o significado aos dias no Novo Testamento, e assim como a Dispensacionalista, acaba por ignorar o sentido e o cumprimento dessas profecias também nos dias do profeta. A interpretação Apocalíptica respeita tanto o contexto do profeta quanto à amplitude da Palavra que não se limita apenas ao tempo em que foi revelada, mas, avança pelas eras cumprindo a vontade de Deus.

Nesta última sessão do livro, é apresentada a Nova Comunidade de Israel, onde tudo seria restaurado por Deus com a Sua glória. Os Caps. 40 – 42 apresentam detalhadamente a planta baixa do Templo restaurado, o lugar mais importante, símbolo da presença de Deus com o Seu povo. Deus prometera restaurar tudo por meio de Sua presença purificadora. Toda a restauração que Ele haveria de promover tinha como objetivo a consagração do Seu povo a si mesmo. Assim sendo, um povo consagrado a Deus e restaurado por Ele:

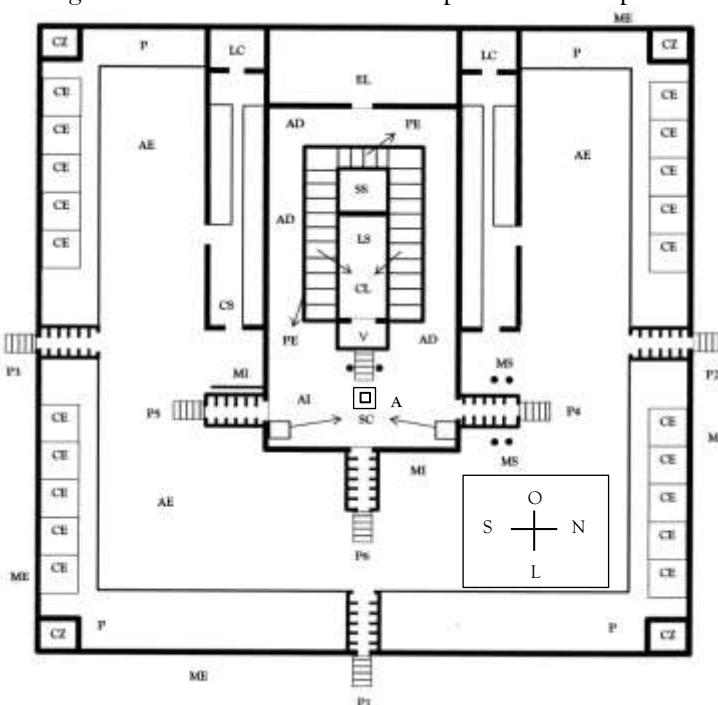
- ✓ Tem o culto a Deus como o que há de mais importante, para isso, um Templo restaurado e dedicado a Deus e tomado por Sua glória se fazia necessário.
- ✓ Tem dedicação, disposição e todas as condições dadas por Deus para servi-Lo. O povo de Deus foi salvo por Ele para Ele.
- ✓ Vive envolto pela presença vivificante do Espírito Santo de Deus é que dá ao povo de Deus as condições de servi-Lo como Ele determina. Por isso, o servo de Deus deve estar envolvido pela glória de Deus, assim como Ezequiel se viu envolvido pelas águas do rio.



Aprofundando no Texto

10.1. O Novo Templo (Ez 40 – 42)

A data que Ezequiel aponta para essa visão, conforme o v.1, seria 28 de abril de 573 a.C., se “...no princípio do ano...” significa o primeiro mês do ano³². Para melhor compreensão, ilustramos o que seria a planta baixa do Templo, e por isso sugerimos que a leitura destes três capítulos (40 – 42) seja feita observando-se o desenho da planta. Observe as siglas e as referências bíblicas e procure-as na planta.



ME	Muro do átrio exterior (40.5)
P1	Porta exterior Oriental (Leste) (40.6-16)
AE	Átrio exterior (40.17)
CE	Câmaras no átrio exterior (40.17)
P	Pavimento (40.17-18)
P2	Porta exterior norte (40.20-22)
P4	Porta interior do norte (40.23,35-37)
P3	Porta exterior do sul (40.24-25)
P5	Porta interior do sul (40.27-31)
AI	Átrio interior (40.32)
P6	Porta interior oriental (Leste) (40.32-34)
MS	Mesas para a imolação dos sacrifícios (40.38-43)
SC	Câmaras para sacerdotes e cantores (40.44-46)
A	Altar (40.47; 43.13-27)
V	Vestíbulo (40.48-49)
LS	Lugar Santo ou Santuário (41.1-2)
SS	Santo dos Santos (41.3-4)
CL	Câmaras Laterais (41.5-7)
PE	Pavimento elevado (41.8)
AD	Átrio divisório (41.10)
EL	Edifício do Largo ocidental (41.12)
CS	Câmaras dos sacerdotes (42.1-14)
MI	Muro do átrio interior (42.10)
LC	Lugar para os sacerdotes cozinharem (46.19-20)
CZ	Cozinhas (46.21-24)

³² Cf. BRUCE, 2012, p.806.

10.2. A Glória do SENHOR retorna ao Templo – utensílios consagrados (Ez 43)

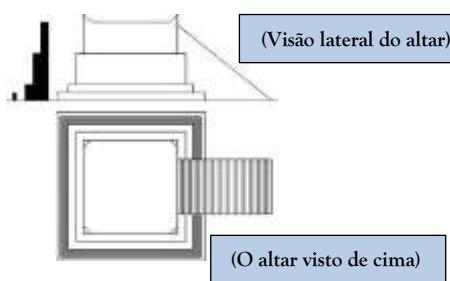
A Glória do SENHOR retorna ao Templo (43.1-12)

A glória do SENHOR Deus retornou ao templo (v.1-5). Dezenove anos antes, Ezequiel teve a triste visão na qual a glória de Deus transportada pelos querubins saía pela porta leste do templo, entregando-o à profanação. Agora, pela mesma porta por onde ela saíra, Ezequiel vê a glória do SENHOR Deus retornando e enchendo o Templo, como acontecera nos dias de Moisés com o Tabernáculo (Êx 40.34), e nos dias de Salomão, com o primeiro templo (1Rs 8.10,11). Deus ordenou que o Templo fosse reconstruído para a Sua alegria e habitação (Ag 1.8). A glória de Deus foi vista por Ezequiel, mas, Deus não. De Deus ele ouviu somente a Sua potente voz como de muitas águas (v.2). Esse visão foi tão grandiosa quanto à primeira que ele teve (v.3, cf. Ez 1.1). Ali, posto em pé pelo Espírito de Deus, Ezequiel testemunha esse momento importante, que apontava para o dia em que a Glória de Deus se encarnou, ou seja, Jesus Cristo (Jo 1.14; 2Co 3.7 - 4.6).

Para habitar no meio do Seu povo, o Deus que é santo primeiramente santifica o Seu povo. Por isso, nos v.6-12 vemos **um chamado à santidade**. E esta santidade é retratada pelo muro que circundava todo o templo como também pelo próprio Templo no qual nada mais poderia estar junto, como ocorreu com o Templo de Salomão que tinha próxima às suas dependências a casa real (1Rs 7.1-12) que foi a razão da introdução de terrível idolatria por parte da mulher egípcia de Salomão. Neste segundo Templo, não havia espaço e vez para qualquer tipo de idolatria – ele era dedicado exclusivamente a Deus. Por isso Deus ordenou que todo tipo de impureza fosse enxotado do Seu Templo (v.9), e que o Templo fosse mostrado ao povo para que este movido pela santidade de Deus se constrangesse por seu pecado contra Deus (v.10-11).

O Altar dos Holocaustos (Ez 43.13-27)

Na parte final deste capítulo vemos as ordens que Ezequiel recebeu em relação ao altar dos holocaustos, um ponto muito importante do Templo, onde o pecador apresentava o seu sacrifício a Deus, reconhecendo o seu pecado.



Em Ez 40.47 o altar foi mencionado rapidamente. Aqui (v.13-17) são mostradas as dimensões do mesmo. Ele tinha degraus, pois tinha três pavimentos com uma calha no chão entrando um pouco na terra, de onde com uma concha do tamanho da palma da mão era coletado o sangue para ser levado ao propiciatório no Santo dos Santos. O restante do holocausto era queimado sobre o altar. A altura total do altar era de 5 metros como mostra a figura.

A consagração do altar descrita nos v.18-27 foi muito importante. Para ser utilizado no culto a Deus, o altar precisava ser devidamente consagrado passando por um ritual de purificação e de propiciação (heb. *kypper*), cerimônia esta que durava uma semana, com ofertas pelos pecados e com holocaustos (v.20-26). Somente a partir do oitavo dia é que o altar estaria pronto para ser utilizado para se fazer os sacrifícios regulares a favor do povo e, neste dia “**eu vos serei propício, diz o SENHOR Deus**” (v.27).



O v.18 nos mostra o ritual da aspersão do sangue sobre o altar, o que nos remete a Ex 29.16,20. Todas as vezes que a Bíblia fala da purificação nos remete à aspersão no sangue de Cristo (Hb 12.24; 1Pe 1.2). Por esse motivo (entre outros) adotamos a prática da aspersão em nossos batismos.



Para refletir

Deus fez duas promessas aqui: (1) habitar para sempre no meio do Seu povo (v.7 e 9), (2) ser propício (favorável) ao povo depois que tudo o que Ele determinou quanto ao culto fosse executado (v.27).

Em Cristo, Deus habitou conosco; se Ezequiel foi privilegiado pela visão da glória de Deus, hoje, podemos viver em muito maior exultação, pois, tudo o que Deus prometera Ele cumpriu em Cristo. Assim sendo, temos muito maior responsabilidade de cultuá-Lo da forma como Ele determina e nos prescreve. Ele se fez propício a nós, e, agora, temos tudo o que precisamos para obedecê-Lo.

Para semana que vem estude

X – A Nova Comunidade	(40.1 – 48.35)
10.1. O Novo Templo	(40 – 42)
10.2. A Glória do SENHOR retorna ao Templo – utensílios consagrados	(43)
10.3. Reformas no ministério do santuário – servos consagrados	(44)
10.4. O distrito e Ordenanças sagradas	(45 – 46)
10.5. O rio da vida	(47.1-12)
10.6. A divisão da terra	(47.13 – 48.29)
10.7. A Cidade Santa	(48.30-35)



Enquanto estudar responda a essas questões

1) Qual acusação Deus fez contra o povo nos v.7 e 8?

De profanarem o Templo Dele com estrangeiros e de violar a Sua aliança.

2) O que os estrangeiros que foram introduzidos no templo do SENHOR Deus fizeram (cf. v.12) ?

Introduziram toda espécie de ídolos dentro do culto do SENHOR Deus.

3) Quais seriam os deveres dos sacerdotes filhos de Zadoque (v.15-27)?

Oficiar nos cultos, cuidar para que os sacrifícios fossem corretamente realizados, encinar o povo a adorar corretamente a Deus e viver em santidade.

4) Qual era a herança dos sacerdotes (v.28)?

O próprio SENHOR Deus.

Memorizando a Palavra

Ezequiel 44.23

“A meu povo ensinarão a distinguir entre o santo e o profano e o farão discernir entre o imundo e o limpo”.

Ezequiel 40.1 – 48.35



Perguntas da semana passada

5) Qual acusação Deus fez contra o povo nos v.7 e 8?
De profanarem o Templo Dele com estrangeiros e de violar a Sua aliança.

6) O que os estrangeiros que foram introduzidos no templo do SENHOR Deus fizeram (cf. v.12) ?

Introduziram toda espécie de ídolos dentro do culto do SENHOR Deus.

7) Quais seriam os deveres dos sacerdotes filhos de Zadoque (v.15-27)?
Oficiar nos cultos, cuidar para que os sacrifícios fossem corretamente realizados, ensinar o povo a adorar corretamente a Deus e viver em santidade.

8) Qual era a herança dos sacerdotes (v.28)?
O próprio SENHOR Deus.

Versículo da semana passada

Ezequiel 44.23

“A meu povo ensinarão a distinguir entre o santo e o profano e o farão discernir entre o imundo e o limpo”.

Para semana que vem estude

X – A Nova Comunidade	(40.1 – 48.35)
10.1. O Novo Templo	(40 – 42)
10.2. A Glória do SENHOR retorna ao Templo – utensílios consagrados	(43)
10.3. Reformas no ministério do santuário – servos consagrados	(44)
10.4. O distrito e Ordenanças sagradas	(45 – 46)
10.5. O rio da vida	(47.1-12)
10.6. A divisão da terra	(47.13 – 48.29)
10.7. A Cidade Santa	(48.30-35)



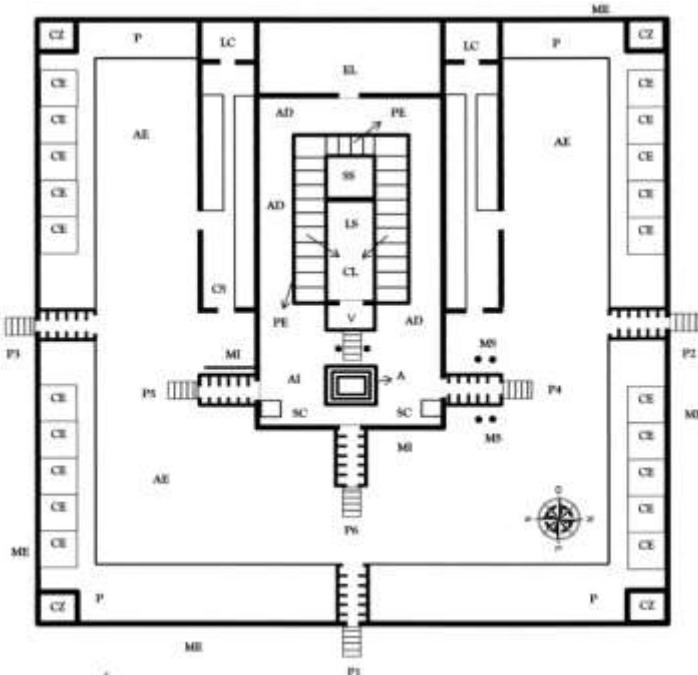
Visão Geral do Texto

O assunto principal nestes capítulos é: santidade de vida e no serviço a Deus. Em 44.1-14 vemos a santidade do lugar onde Deus é adorado – o santuário onde Deus era adorado deveria expressar santidade e respeito a Deus; em 44.15-27, a santidade daqueles que vivem para servir a Deus – os sacerdotes tinham a incumbência não só de zelarem pela boa ordem e respeito no santuário, mas, principalmente em conduzir o povo nesse sentido; de 44.28 – 45.8, a santidade das terras destinadas aos sacerdotes – desde os dias de Josué, os sacerdotes nunca tiveram possessão de terras como as demais tribos, pois, viviam a serviço do Tabernáculo, e posteriormente, do Templo, e a ocupação deles não poderia ser outra a não ser o serviço do Templo para o que precisavam viver em pureza e retidão; de 45.9-17, santidade nas leis – a aplicação correta da lei revelaria antes de tudo o compromisso com Deus e o temor por Sua pessoa; 45.18 – 46.24, santidade nas celebrações religiosas do povo – as festas religiosas e todo o ritual de culto do povo deveriam ser expressão de santidade.

Santidade é o quesito principal na vida dos filhos de Deus. Ela é resultado do sacrifício vicário de Cristo e da ação interna e purificadora do Espírito Santo no coração do crente produzindo neste os Seus frutos benditos. O SENHOR Deus mostrara a Ezequiel a completa restauração que Ele haveria de fazer na nação de Israel. Esta restauração haveria de ser completa e em todas as áreas da vida do povo.

Para ajudar na compreensão do texto, recorra a esse desenho da planta baixa do Templo de Ezequiel enquanto ler os textos referentes a cada parte do mesmo.

ME Muro do átrio exterior (40.5)
 P1 Porta exterior Oriental (Leste) (40.6-16)
 AE Átrio exterior (40.17)
 CE Câmaras no átrio exterior (40.17)
 P Pavimento (40.17-18)
 P2 Porta exterior norte (40.20-22)
 P4 Porta interior do norte (40.23,35-37)
 P3 Porta exterior do sul (40.24-25)
 P5 Porta interior do sul (40.27-31)
 AI Átrio interior (40.32)
 P6 Porta interior oriental (Leste) (40.32-34)
 MS Mesas para a imolação dos sacrifícios (40.38-43)
 SC Câmaras para sacerdotes e cantores (40.44-46)
 A Altar (40.47; 43.13-27)
 V Vestíbulo (40.48-49)
 LS Lugar Santo ou Santuário (41.1-2)
 SS Santo dos Santos (41.3-4)
 CL Câmaras Laterais (41.5-7)
 PE Pavimento elevado (41.8)
 AD Átrio divisório (41.10)
 EL Edifício do Lando ocidental (41.12)
 CS Câmaras dos sacerdotes (42.1-14)
 MI Muro do átrio interior (42.10)
 LC Lugar para os sacerdotes cozinharem (46.19-20)
 CZ Cozinhas (46.21-24)



Aprofundando no Texto



Santidade no lugar de culto – o santuário (44.1-14)

Os v.1-3 tratam do fechamento da porta oriental (P1) do santuário, feito por onde um dia Ezequiel viu o SENHOR Deus em Sua glória partir e deixar o templo à mercé Nabucodonosor para ser destruído. Agora, no final do seu livro, Ezequiel registra o retorno do SENHOR Deus em Sua glória ao Templo, mostrando assim que tudo haveria de ser restaurado. O SENHOR Deus ordenou-o a que mantivesse a porta fechada depois que Ele entrasse. Com isso Deus estava mostrando que nunca mais sairia dali, ou seja, que Ele permaneceria para sempre com Seu povo. O princípio descrito no v.3 é sem sombra de dúvida o Messias (Jesus Cristo), O qual tem íntima comunhão com Deus (**“para comer o pão diante do SENHOR”**). Compare com o Sl 24.7-10.

Levado à porta norte (P2) ao ver a glória de Deus que enchia o santuário, Ezequiel cai com o rosto em terra mostrando sua reverência para com Deus (v.4). A reverência do adorador diz muito sobre seu relacionamento com Deus! Seriam as prescrições que Deus daria quanto ao templo que deveriam nortear a adoração (v.5), e não as invencionices do profeta ou de qualquer outro.

O culto a Deus requer pureza dos adoradores, e, por isso mesmo, Deus estava irado com as profanações e abominações introduzidas no culto e no templo (v.7), bem como com a desobediência do povo (v.8). Ele vindicou Sua glória exigindo que todos esses pecados fossem abandonados (v.9), e a punição dos levitas desobedientes, aos quais cabia serem exemplos de santidade para o povo, mas foram pedra de tropeço (v.10). Nos v.11-14 vemos um gesto da misericórdia de Deus, pois, concedeu aos levitas que no passado caíram na idolatria. Deus permitiu que continuassem trabalhando no santuário como porteiros e serventes dos sacerdotes da família de Zadoque (os únicos levitas autorizados por Deus a continuarem como sacerdotes), mas, não mais ministrariam na presença do SENHOR Deus como sacerdotes. Os líderes do povo de Deus precisam entender que existe perdão para os seus pecados, mas, alguns pecados mesmo perdoados acabam por desqualifica-los para a obra do SENHOR Deus.

A santidade daqueles que deveriam servir a Deus – a família de Zadoque (44.15-27)

Zadoque, fundador dessa linhagem de sacerdotes, realizou o ministério sacerdotal na corte de Davi, junto a Abiatar (2Sm 8.17; 15.24). Seus descendentes não haviam caído na idolatria dos demais levitas; mantiveram-se firmes na presença do SENHOR Deus. Abiatar foi rebaixado (1Rs 2.26,27), e Zadoque que havia ungido Salomão como rei foi elevado à posição de chefe sacerdotal incontestado (1Rs 2.35). Sua linhagem continuou cuidando do templo de Jerusalém até 587 a.C., quando este foi destruído por Nabucodonosor. Quando o templo foi reconstruído por Zorobabel, eles voltaram a seus postos sacerdotais³³. A tradição afirma que os saduceus do NT descederam dos zadoquitas.

Do v.17-31 temos as regulamentações acerca das vestes e do estilo de vida dos sacerdotes, as quais eram semelhantes às de Ex 28.40-43; Lv 21.1-23, com poucas variações. Todas essas restrições tinham como objetivo atestarem que os mesmos estavam aptos para a principal tarefa de um sacerdote: “**A meu povo ensinarão a distinguir entre o santo e o profano e o farão discernir entre o imundo e o limpo**” (v.23).

A santidade das terras destinadas aos sacerdotes (44.28 – 45.8)

Diferentemente das demais tribos de Israel, os levitas não receberam uma área de terra específica para cultivarem e criarem animais para sua sobrevivência. Em vez disso, eles foram espalhados por entre as demais tribos não podendo realizar nenhum trabalho braçal. Por isso precisavam ser sustentados pelas demais tribos por meio das ofertas que eram trazidas no Templo. Por qual razão isso era assim? Porque cabia aos sacerdotes ensinarem a todo o povo a maneira correta de adorar a Deus. Além disso, para executarem essa tarefa eles deveriam ficar exclusivamente à disposição desse serviço. Assim, em todo o território de Israel havia sacerdotes ensinando o povo. No cap. 48.8-22 aparecem mais detalhes desse distrito destinado à moradia dos sacerdotes. Em nota, a Bíblia de Estudo de Genebra diz:

Ezequiel descreve uma área sagrada no meio da terra, u quadrado com cerca de 13 km de lado (25 mil côvados), subdividido posteriormente em três faixas de terra (cf. Ap 21.16). A zona norte (cerca de 68 km²) será separada para uso dos levitas. A zona central continha o santuário e foi separada para os sacerdotes. A zona sul, com cerca da metade das dimensões das outras duas zonas, foi dada à própria cidade. A área a leste e a oeste do quadrado de 13 km de lado foi dada ao príncipe, enquanto que a área ao norte e ao sul será dividida entre as outras tribos. É interessante que, na visão de Ezequiel, o próprio templo ficava fora da cidade propriamente dita.

Toda essa separação apontava para a santidade, que, nada mais é do que apartar-se, separar-se de tudo o que é profano.

A santidade na aplicação das leis (45.9-17)

A injustiça social praticada pelos poderosos sobre o povo (45.9) é um tema recorrente em quase todos os profetas do AT. Não era só um crime contra o mais fraco, era também um pecado que ofendia a Deus. Por isso mesmo Ele acusou os príncipes de Israel dos seguintes pecados: violência, opressão e grilagem (v.9), roubo nos pesos e medidas (v.10-14). Deus também estipulou os critérios para as ofertas (v.15-17).

Tudo eles deveriam fazer levando em conta o fato de que os olhos do SENHOR Deus estavam vendo tudo isso. O aprovisionamento para os príncipes e demais autoridades

³³ Cf. BRUCE, 2012, p.809.

(45.9-17) apontava para a responsabilidade deles, bem como não teriam mais desculpas para extorquir o povo como vinham fazendo.

A santidade nas celebrações religiosas do povo (45.18 – 46.24)

As seguintes ordenanças sagradas são alistadas aqui:

- ✓ Ofertas no Ano Novo (45.18-20). Essas ofertas deveriam ser realizadas no primeiro dia do primeiro mês de cada ano, mostrando assim, a dedicação de cada um perante Deus.
- ✓ A Páscoa (45.21-25). Esta que era a mais importante das festas religiosas do povo e que foi resgatada nos dias do rei Josias, agora deveria ser observada novamente. No 14º dia do primeiro mês de cada ano. Todos os sacrifícios e ofertas na Páscoa apontavam para o Senhor Jesus. No 15º dia do sétimo mês, todas essas ofertas deveriam ser repetidas (v.25).
- ✓ Sábados e Festa da Lua Nova (v.46.1-8). Durante os seis dias da semana, a porta oriental (P1) por onde o SENHOR Deus entrara e que fora fechada, deveria ser aberta no 7º dia da semana, e também no dia da Festa da Lua Nova (v.1). Todos deveriam comparecer perante essa porta no sábado para adorarem a Deus. O significado disso é belo. Deus que estava de portas fechadas durante a semana, abria as mesmas e acolhia o Seu povo na adoração.
- ✓ As ofertas (46.9-24). Nessa parte final do capítulo, o que vemos é o rigor, a organização e ordem que deveria existir no momento de adoração no Templo. Devemos lembrar da multidão de pessoas que ia para o Templo nestas ocasiões. Assim sendo, tudo deveria ser muito bem ordenado.



Para refletir

Em nossa vida diária Deus exige de nós a santidade. Em nosso culto coletivo Deus exige reverência e ordem. Assim sendo, santidade e reverência andam juntas e uma mantém a outra.

Para semana que vem estude

X – A Nova Comunidade	(40.1 – 48.35)
10.1. O Novo Templo	(40 – 42)
10.2. A Glória do SENHOR retorna ao Templo – utensílios consagrados	(43)
10.3. Reformas no ministério do santuário – servos consagrados	(44)
10.4. O distrito e Ordenanças sagradas	(45 – 46)
10.5. O rio da vida	(47.1-12)
10.6. A divisão da terra	(47.13 – 48.29)
10.7. A Cidade Santa.....	(48.30-35)



Enquanto estudar responda a essas questões

- 1) De acordo com 47.1-12, o que aquele rio trazia em suas águas?
A vida.
- 2) Como seria o nome da nova cidade (cf. 48.35)?
O SENHOR Está Ali.

Memorizando a Palavra

Ezequiel 48.35

“Dezoito mil côvados em redor; e o nome da cidade desde aquele dia será: O SENHOR Está Ali”.

Ezequiel 40.1 – 48.35



Perguntas da semana passada

- 3) De acordo com 47.1-12, o que aquele rio trazia em suas águas?
A vida.
- 4) Como seria o nome da nova cidade (cf. 48.35)?
O SENHOR Está Ali.

Versículo da semana passada

Ezequiel 48.35

“Dezoito mil côvados em redor; e o nome da cidade desde aquele dia será: O SENHOR Está Ali”.

Para semana que vem estude

X – A Nova Comunidade	(40.1 – 48.35)
10.1. O Novo Templo	(40 – 42)
10.2. A Glória do SENHOR retorna ao Templo – utensílios consagrados	(43)
10.3. Reformas no ministério do santuário – servos consagrados	(44)
10.4. O distrito e Ordenanças sagradas	(45 – 46)
10.5. O rio da vida	(47.1-12)
10.6. A divisão da terra	(47.13 – 48.29)
10.7. A Cidade Santa.....	(48.30-35)



Visão Geral do Texto

Nestes dois últimos capítulos do livro, Ezequiel fala de um rio cuja nascente estava na casa do SENHOR o qual, em pouco tempo tornou-se fortes torrentes de águas vivificantes e purificadoras, e também dos limites das tribos de Israel numa distribuição bem diferente dos dias de Moisés e Josué, mostrando assim que a partir da restauração que Deus promoveria toda a nação de Israel voltaria a ser uma só, como nos dias de Davi.



Aprofundando no Texto

10.5. O rio da vida (47.1-12)

A interpretação de que nestes versículos temos uma profecia a respeito de Jesus Cristo, é praticamente unânime por parte dos comentaristas mais renomados do AT.

Nos dias do Templo de Salomão havia um “mar” espelhado, ou seja, uma bacia imensa de bronze na qual os sacerdotes se lavavam (1Rs 7.23-26). Este “mar” espelhado tinha um simbolismo muito belo. Os judeus sempre viam os mares como o “lugar do caos”, mas, ali no templo, aquele “mar” espelhado de bronze simbolizava ao domínio de Deus sobre o caos, e que tudo na Criação está sob o Seu domínio e poder. Na visão de Ezequiel, o rio que brotava “de debaixo do limiar do templo” substituiu essas bacias (mar espelhado) mostrando o movimento vivificante e purificador dessas águas. Por onde elas passavam a vida surgia em toda a sua força. Essa profecia encontra-se em outras partes das Escrituras: Ap 21.1; 22.1-2; Sl 46.4; Jl 3.18; Zc 14.3-8).

Em nota, a Bíblia de Estudo de Genebra comentando os v.3-12 diz:

O rio leva a vida por onde quer que vá, transformando Israel em um jardim paradisíaco. Jerusalém está construída sobre uma linha geológica divisória de águas no alto de uma serra de colinas. A chuva que ali cai flui para o vale do Cedrom e abre caminho para o mar Morto. Jesus apelou para as figuras de linguagem usadas nesta passagem a fim de descrever a si mesmo. Ele disse à mulher samaritana que ele era a fonte de água doadora de vida (Jo 4.10-14). Quando os discípulos se surpreenderam que Jesus estivesse falando com uma mulher samaritana, ele lhes falou sobre uma colheita perpétua que já havia começado (Jo 4.27-38), na realidade, tirando proveito do quadro de Ezequiel sobre árvores que produzem doze colheitas por ano. João também registra a declaração de Jesus de que ele é a fonte de rios de água viva, adicionando o comentário segundo o qual Jesus estava falando sobre o Espírito de Deus (Jo 7.37-39).

Só o Senhor Jesus pode comunicar tão poderosa vida; só o Espírito Santo pode fazer com que dos Seus “templos” (os nossos corações) possam fluir “rios de água vida” (Jo 7.37-39). Dessa forma, mais uma vez Ezequiel nos mostra que a restauração que Deus haveria de fazer a Seu povo era antes de tudo **no Seu povo**.

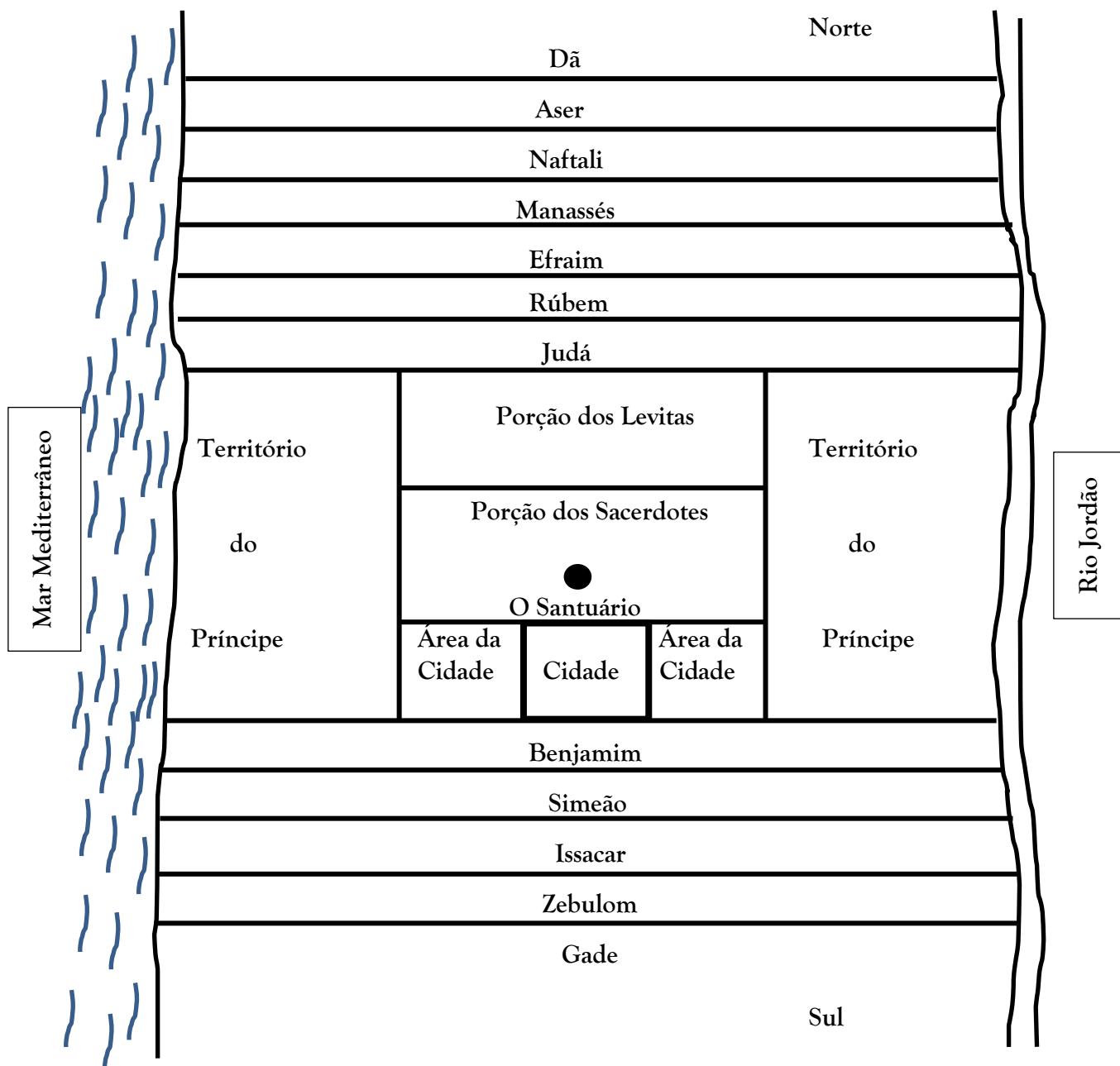
10.6. A divisão da terra (47.13 – 48.29)

Em 47.13-20 encontramos as **fronteiras de Israel**. Várias localidades aqui são desconhecidas e é incerta a localização de algumas. Na visão que Ezequiel tivera, a terra seria dividida tal como foi nos dias de Moisés entre as doze tribos (v.13). No v.14 vemos como Deus zela por cumprir as promessas que Ele faz.

Em 47.21-23 encontramos as **provisões para os estrangeiros residentes**. Até os que não eram israelitas que ali já viviam deveriam ser mantidos e recolhidos na terra. Posteriormente, essa norma foi aplicada aos prosélitos religiosos. O que deve ser ressaltado aqui é que já existiam nos dias do Antigo Testamento fortes indícios de que os gentios estavam nos planos de Deus para junto com Israel formarem o povo de Deus que no Novo Testamento é a Igreja de Cristo.

Em 48.1-29 vemos as **áreas das tribos e a área reservada**. Toda a terra foi dividida em 13 faixas horizontais começando no litoral do Mar Mediterrâneo (Ocidente) ao Rio Jordão (Oriente).

- ✓ **As sete tribos do norte** (v.1-7). Sete tribos têm terras ao norte dela e as outras cinco têm terras ao sul. As tribos do norte são: Dã, Aser, Naftali, Manassés, Efraim, Rúben e Judá. As três que estão mais longe do santuário são tribos descendentes de filhos das concubinas de Jacó, sendo que Dã e Naftali nasceram da serva de Raquel, Bila, e Aser nasceu da serva de Lia, Zilpa (Gn 30. 5-13). O quarto filho da concubina Zilpa é Gade e está mais distante do santuário entre o grupo de tribos que fica ao sul (v.27). Judá tem o lugar de honra imediatamente ao norte da porção central, por ser o herdeiro da promessa messiânica através da bênção de Jacó (Gn 49. 8-12), tirando a primazia de Rúben, o primogênito, que está na posição seguinte para o norte. Os outros dois lugares são ocupados pelos descendentes dos dois netos de Raquel, os filhos de José, Efraim e Manassés.
- ✓ **A porção central** (v.8.22). No cap.45.1-8 já vimos algo sobre essa porção santa. Aqui Ezequiel tem mais detalhes. A porção santa, ou região sagrada, consiste basicamente de um quadrado de 25.000 côvados (125.000 metros) no centro, com terras até as fronteiras oriental e ocidental pertencentes ao príncipe (v.21-22). A divisão deste quadrado entre os levitas, os sacerdotes e a cidade pode ser melhor compreendida com a ajuda do diagrama a seguir.



- ✓ **As cinco tribos do sul (v.23-29).** Ao sul da porção santa ficam as cinco tribos restantes. Benjamim tem a posição privilegiada mais perto do santuário, como o filho caçula do seu pai com Raquel; Simeão, Issacar, e Zebulom, todos nascidos de Lia, vêm em seguida; e finalmente, conforme já notamos, Gade, filho da concubina Zilpa. De todas as 12 tribos, somente Judá e Benjamim mantiveram-se na sua localidade original quando da distribuição nos dias de Moisés e Josué. As demais foram distribuídas sem algum significado mais importante.

10.7. A Cidade Santa (48.30-35)

Ao ver a Cidade Santa, Ezequiel constata que a esta tem doze portas, uma para cada tribo de Israel. Como o nome de Levi aparece aqui, os nomes dos dois filhos de José (Efraim e Manassés) dão lugar para o do pai deles.

Mas, o detalhe mais importante dessa visão é o nome da Cidade: “**O SENHOR Está Ali**” (הָיָה שָׁם - yhwh šámmāh). Deus, desde o princípio quis estar no meio do Seu povo. Lá no Éden, com Adão, nos dias de Noé, com Abraão, Moisés, Samuel, Davi, no tempo dos profetas, e, especial e plenamente na pessoa de Jesus Cristo (Emanuel – Deus Conosco). A frase da Aliança perpassa todas a Escritura Sagrada: “**Eu serei o vosso Deus e, vós, sereis o meu povo**”.

Em nota, a Bíblia de Estudo de Genebra traz o seguinte comentário sobre esses versículos finais de Ezequiel:

O Novo Testamento termina mais ou menos como termina o Livro de Ezequiel. João também descreve a cidade de Deus, e um tempo quando Deus viverá com os seres humanos (Ap 21.3); e ele termina seu livro com a oração: "Amém. Vem. Senhor Jesus!" (Ap 22.20).



Para refletir

É a presença de Deus entre o Seu povo que traz restauração, prosperidade, estabilidade e segurança. A marca principal de um avivamento espiritual é o forte senso do coração em relação à presença de Deus. Quanto mais conscientes estivermos da presença de Deus em nossa vida, tanto mais buscaremos um viver santo e irrepreensível para a glória de Deus

Conclusão do Livro de Ezequiel

“**A visão da glória de Deus em tempos de dor**” é o assunto que permeou todo este livro. Ele começou relatando uma visão que o profeta teve da glória de Deus; o profeta também presenciou a glória de Deus deixando o templo e, consequentemente, o povo por causa do pecado deste; mas, o profeta foi alentado e fortalecido quando viu a glória de o SENHOR Deus retornando para o Santuário e nunca mais saindo dali como prova de que Deus o havia restaurado.

O livro de Ezequiel, sobretudo, nos ensinou muito sobre a necessidade de comunhão com Deus, e que, é na comunhão com Deus (na Sua presença) que encontramos a vida eterna. Ele nos mostrou que Deus pode até irar-Se contra o Seu povo, e temporariamente abandoná-lo a si mesmo para sofrer e aprender com as consequências, mas, nunca o deixará para sempre, pois, a Sua Aliança é perpétua.

Soli Deo Gloria!

BIBLIOGRAFIA

Bíblia de Estudo de Genebra. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BALDWIN, Joyce. Daniel – Introdução e Comentário. Edições Vida Nova; São Paulo (SP); 1^a Edição 1983, reimpressão 2008.

BRUCE, F.F. (Org.). Comentário Bíblico NVI – Antigo e Novo Testamentos. Editora Vida; São Paulo (SP); 1^a Edição, 2^a Reimpressão, 2009.

CALVINO, João. Daniel – vol.1 e 2. Edições Paracletos – São Paulo (SP), 2000.

HENRY, Matthew. Comentário Bíblico do Antigo Testamento – Isaías a Malaquias, vol.4. Casa Publicadora das Assembleia de Deus – Rio de Janeiro (RJ); 1^a Edição, 2010.

MACDONALD, William. Comentário Bíblico Popular – vol. 1 Antigo Testamento. Editora Mundo Cristão; São Paulo (SP), 2011.

OLYOTT, Stuart. Ouse Ser Firme – O Livro de Daniel, História e Profecias. Editora Fiel São José dos Campos (SP), 1996.

VAN GEMEREN, William A. (Org.). Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento – vol. 1 – 5. Editora Cultura Cristã; São Paulo (SP), 2011.

WIERSBE, Warren. Comentário Bíblico Expositivo – Antigo Testamento, vol.4 – Profético. Geográfica, Santo André (SP), 1^a Edição, 5^a Reimpressão, 2010.